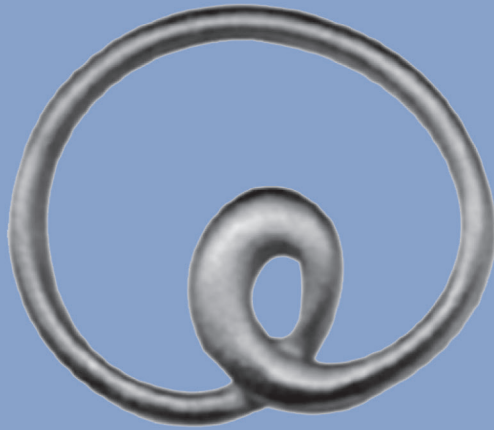


MD Magno



SóPapos

2 0 1 2

NOVamente
editora

SóPapos

2 0 1 2

Este livro transcreve a fala de MD Magno em 2012. Continua aqui a publicação de seus *SóPapos*, iniciados em 2011 (“deixando correr os papos no aleatório, mas sem jogar conversa fora”), após os *Seminários* (1976-1999) e os *Falatórios* (2000-2010), todos realizados de modo ininterrupto. É a conversa sobre a Nova Psicanálise ou NovaMente, desenvolvida por ele desde a década de 1980: reformatação do aparelho teórico-prático da psicanálise em consonância com as questões atuais do pensamento.

O papo se inicia com o tema da *transferência*, aponta a assimetria das posições de analista e analisando, e esclarece questões como a transferência positiva, a negativa e a chamada contra-transferência, a partir da consideração das bases inconscientes dos vínculos. Situa as contribuições de Melanie Klein e Anna Freud para a análise da criança: aquela indica a presença de processos inconscientes pré-edípiacos; e esta reflete sobre a função adaptativa do recalque. Para a NovaMente, trata-se da *pedagogia freudiana*: operar a *alternância* entre recalque e juízo forclusivo, a cada caso – uma pedagogia que favoreça o entendimento psíquico dos gradientes de impossibilidade (recalque em nível absoluto e modal) e sua instrumentalização para a produção de mais e melhores funcionalidades (juízo forclusivo).

O autor também conversa sobre a *Teoria das Formações*, apresentada como ferramenta descritiva e situacional indispensável para acompanhar o panorama teórico-clínico da Nova Psicanálise. Efeitos dessa mudança de perspectiva estão no modo de tratar as questões sobre o conhecimento, a operação do recalque a partir de seus gradientes, a ordem sintomal da espécie dita humana, Ocidente e Oriente como diferenças funcionais, e o lugar terceiro da psicanálise. Uma tese forte é: o advento da psicanálise exige a revisão de todos os saberes e a reescrita permanente das teorias psicanalíticas. Suas consequências para a

Teoria do Conhecimento da Nova Psicanálise, denominada Gnômica, implicam a valoração *ad hoc* das formações de saber e a hierarquização instrumental e funcional das formações.

Questões como a hegemonia da informação, a exigência de uma nova ordem mental, a impostura da democracia, os aparatos de crença que vigoraram no século XX, são analisadas à luz da ferramenta clínica do *Creodo Antrópico*. Opera-se uma leitura psicanalítica da história em geral e do percurso de cada um segundo bases sintomais que incluem a ordem biótica da espécie e sua pressão configurante, entrelaçadas à ordem da cultura e sua inércia paralisante. A ideia de creodo (neologismo formado nos primórdios da epigenética e assimilado pela teoria das catástrofes, de René Thom, para designar raciocínios abstratos de “caminho obrigatório”) implica reconhecer que essas bases sintomais impõem caminhos limitantes que nossos processos de metamorfose precisam considerar. E mais, incluir o Inconsciente na análise histórica e pessoal significa contar com a chance de algum acontecimento que, ultrapassando o desenho sintomático da situação, pressiona no sentido da suspensão e recomposição das referências dos discursos no mundo.

Por fim, continua a revisão da situação clínica da chamada psicose, aqui entendida como Morfose Regressiva, a partir de um HiperRecalque. O conceito de forclusão do Nome do Pai é problematizado e dispensado pelo raciocínio quantitativo próprio do conceito de HiperRecalque. Em consequência, entende-se que o fenômeno do totalitarismo se funda em bases sintomáticas hiperrecalcantes (ideológicas e religiosas) tomadas como formações fundacionais de extremismos estatais por Estados e Igrejas que delas se aproveitam no sentido de mais poder. O que viabiliza os processos de manipulação são as formações sintomáticas que aderem a articulações totalitárias de aparência de segurança e ordem, por acharem que, assim, eliminarão a fragilidade e a incerteza constitutivas de nossa condição.

SóPapos
2 0 12

MD Magno

SóPapos

2 0 1 2



NOVAMENTE
editora

NOVamente

editora

é uma editora da

UNIVERSIDADE DE DEUS

Presidente Rosane Araujo

Diretor Aristides Alonso

Copyright 2021 MD Magno

Texto preparado por

Nelma Medeiros

Patrícia Netto Alves Coelho

Potíguara Mendes da Silveira Jr.

Revisão: Paula de Oliveira Carvalho

Diagramação e editoração eletrônica: Wallace Thimoteo

Editado por

Rosane Araujo

Aristides Alonso

...etc.

Estudos Transítivos do Contemporâneo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Magno, MD

SóPapos 2012 [livro eletrônico] / MD Magno. -- Rio de Janeiro : Nova-
mente Editora, 2021.

PDF

ISBN 978-65-88357-09-5

1. Psicanálise 2. Psicologia I. Título.

21-82006

CDD-150

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicologia 150

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Direitos de edição reservados à:

UNIVERSIDADE DE DEUS

Rua Sericita, 391 – Jacarepaguá

22763-260 Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (021) 2445-3177

www.novamente.org.br

O mistério supremo do Universo
O único mistério, tudo e em tudo
É haver um mistério do universo,
É haver o universo, qualquer coisa,
É haver haver.

FERNANDO PESSOA

Fausto (Ato I)

SUMÁRIO

1, 15

Analista não ‘discute relação’ com analisando – A análise da transferência é essencial.

2, 16

A psicologia entende os fenômenos do mundo como sendo produzidos pelo mundo – A psicanálise parte de haver a máquina inconsciente, que produz mundo – A querela de Nietzsche com Wagner – O percurso de Lacan: do Estado (Hegel/Kojève) até quase chegar à anarquia do Inconsciente – Revirão como sustentação teórica desarticula as possibilidades de fechamento das formações – Nossa espécie não tem base alguma, a não ser que é recalcada pelo Primário que a suporta – Conhecimento é o que está embutido nas formações.

3, 21

Psicanálise e Gnoseologia contra filosofia e epistemologia – A NovaMente não “retorna” a Freud ou a Lacan, passa-os a limpo – Para além do anedotário, fazer a leitura de formações de formações que são capazes de se articular com outras formações e compor certa formação – Não há constituição de autonomia sem necessária desalienação.

4, 26

A Tutoria na Formação em psicanálise.

5, 28

Importância da Análise da Transferência: da Positiva, da Negativa, e da Contra – Melanie Klein e Anna Freud brigaram, mas ambas têm razão – Análise da criança: transformar o Recalque em Juízo Forclusivo.

6, 31

Defesa é um tipo de Resistência – Estar na situação de Vínculo Absoluto induz cada um a *cuidar* – Lacan não generalizou a psicanálise como faz a Teoria das Formações – O Haver é informação pura – A psicanálise é uma teoria da comunicação e, portanto, é uma teoria da informação.

7, 33

Descobrir denominadores comuns da psicanálise pregressa e montar uma Teoria das Formações para ler daqui para lá – A humanidade inventa mitologia e religião como *construções* – NovaMente: uma construção que se pretende mais atual para tentar entender e explicar – O superego pode ser sintomaticamente útil – Justiça é o eterno pedido de justiça – A maioria não tem informação (formações na cabeça) para pensar sem chão – Formações totalitárias foram, primeiramente, um projeto religioso ou ideológico constituído como uma Morfose Regressiva.

8, 39

Vetor de um aparelho de conhecimento: teorizar até matar o anedotário – Literato faz narrativa, teórico faz teorema – Sem experiência de perda de sentido, não se equacionará o que é o pensamento psicanalítico – Como ter fé em Coisalguma, em apenas movimento pulsional? – Lacan fez análise: foi fazendo silêncio até não mais falar nada.

9, 44

A didática da Tutoria na Formação em Psicanálise deve ser mediante um Estudo Recursivo – Cada pessoa é seu currículo e o ensino é tutorial – Em 1975, na França, já acabara o mundo em que Lacan produziu sua obra.

10, 48

Importância da obra de Adolfo Lutz no Brasil – Monteiro Lobato entrou nas ciências e criticou a burrice nacional – Confusão entre preconceito e conceito – Modernismo europeu empurra para a frente, modernismo brasileiro briga com a burrice passada – A psicanálise *no* Brasil como a psicanálise *do* Brasil.

11, 52

Só existe intervenção analítica à revelia – A análise se faz por via do Secundário, mas o Primário lá está atuante – Na análise, o Inconsciente do analisando trabalha mais do que o analista – Vai-se ao analista porque, sem o trabalho de uma escuta neutralizada capaz de fazer deslocamentos, não se vai a lugar algum – O que o analisando faz como suposição de cura é exatamente a doença.

12, 57

A psicanálise, desde Freud, ficou demasiado ancorada na fala – Contra Lacan, digo: “Tudo é linguagem”, é Articulação – A dialética sai do Revirão, e não o contrário – O paradigma da Linguagem não é a língua – Inconsciente = Haver, e Linguagem = Revirão – O Haver não é feito de linguagem, e sim de semiose.

13, 63

Há certa configuração sintomática de base, um temperamento – Sem Lacan, não há a Nova Psicanálise, mas ela não é lacaniana – Sem Descartes, não há Lacan – Metalinguagem é uma linguagem usada para abordar outra linguagem tão furada quanto a primeira – Linhagem da NovaMente é Espinosa, monista – Se Metafísica existe, é parte dos três níveis da física: macrofísica, microfísica e

infofísica – O Haver é *Articulação* – Linguagem: qualquer processo articulatório resultante em funcionalidade.

14, 69

Não se pode produzir um aparelho teórico sem postular a verdade – A verdade é: Haver desejo de não-Haver – Lacan inventa a Forclusão do Nome do Pai para manter tudo dentro do simbólico – Trata-se de um *HiperRecalque* violento no que chamam de psicose – Datas, presenças e ausências: Descartes, Espinosa, Freud, Lacan, Magno.

15, 74

Considerações sobre *Entrer dans une Pensée ou des Possibles de l'Esprit*, de François Jullien – A vontade de interpretação é sempre projetiva – Tradução não é redução, é: tentar dizer numa língua o que é indizível segundo a outra língua – Postura do Analista: suportar levar em consideração todos os possíveis mentais – Diferocracia: com-siderar (e não “aceitar”) todas as diferenças.

16, 77

Linguagem é pura articulação – Acontecimentos do pensamento ocidental se reduzem a duas posturas básicas: Revelação (Descartes) e Gnose (Espinosa) – Analista reconhece que revelação é gnóstica e que gnose é revelação – Quando uma pessoa fala, achamos que ela está falando, mas o que (e não quem) está falando?

17, 85

Para Lacan, o Nome do Pai é o significante do Outro enquanto lugar da Lei – É possível, em Freud, conceber a situação na psicose como um recalque tão violento que funciona como hipóstase – Na psicose, o recalcado não volta como sintoma, no sentido da neurose, e sim como delírio.

18, 89

A mente costuma funcionar em oposição – Psicanálise: caminho em unificações de volta, para antes das bifurcações – Retorno *ao* recalcado.

19, 91

Por trás do Recalque Originário só há “não-Haver” (que não há) – Real: haver Haver – Ocidente: Jesus, paranoia – Oriente: Sidarta, metanoia – Artificio: espontâneo e industrial – Sujeito: ego – Pensadores flex – IdioFormação: Pessoa (Primário + Secundário + Originário) – Não há morte: a morte morreu – Haver e Ser – Ser e Ter – Existir: comparecimento do Ser.

20, 103

Creodo Antrópico: Primário → Secundário → Originário: Cinco Impérios – Quarto Império: comportamentos desligados – O que é Eu?: Há Eu – Originário: Identidade Absoluta (\neq igualdade) – Postura do Analista.

21, 115

Gnômica: teoria do conhecimento da Nova Psicanálise – Após advento da psicanálise, todos os textos do saber devem ser reescritos – A psicanálise não é judaica, não é cristã e não tem configuração cultural privilegiada – Psicanálise não tem herança, é um salto fora de toda constituição discursiva de base consciente – Psicanálise pensa em termos de Pontos Bifidos – Psicanálise é um grande evento – Psicanálise não é oriental ou ocidental, é anterior e superior a esse regime de bifurcação.

22, 123

Século XX delirante: sacrifica variantes em favor de um Secundário isolacionista – Eliminar o ficcional produz depuramento, mas elimina ingredientes poderosos da realidade – Não há cinquenta por cento, as metades jamais são iguais – Teoria da Quebra de Simetria: fundação do Recalque Originário

– Alelos do Revirão são assimétricos – Indiferenciação: uma postura diante da diferença – Democracia: recalcante das assim chamadas minorias.

23, 127

Uma Pessoa é só-depois – Psicanálise não tem problema moral – Primário não é o mesmo que Artíficio Espontâneo – Em que momento um Autossoma integra um Etossoma?: Qual a origem da vida? – É possível a produção de máquinas autodeterminantes e auto-replicantes? – Fundações mórficas são acontecimentos no cruzamento do Primário com o Secundário – Morfofos Progressivas estão assentadas em uma fundação mórfica que carregam para a frente – Cultura animal (etossomática) e cultura humana (secundária).

24, 135

Transferência é mais projetiva do que identificatória – Influência e persuasão não são exemplos para a psicanálise – Análise é sugestiva: tomar o material trazido pelo analisando e apontar uma saída para ele.

25, 137

Antonin Artaud: duas questões – (1): o Conhecimento – Não se distingue deliração de racionalização – Teoria das Formações busca destacar estruturas que vê aplicadas em diversas situações – Século XXI: distinguir pouco e muito intensivamente – Ter fé é ter Tesão – (2): a Língua Originária: Bifididade da língua.

26, 143

Teoria das Formações: Polo / Foco / Franja e a polarização – Vetor da psicanálise: do analisando para o analista.

27, 145

O Creodo Antrópico e uma Tópica compatível com ele – Primeiro Império: mãe, natureza, politeísmos – Segundo Império: pai, monoteísmo – Terceiro

Império: Lacan e a função paterna – Quarto Império: A-Deus – Função paterna começa a ser abolida, e entra a função *ordenação* – *Multinet*: tecido esponjoso – Recrudescência religiosa: referência arcaica como marketing – Quinto Império: transacional e comunista – Foraclusão do Nome do Pai e HiperRecalque – Não há formação sem ordem.

28, 156

Teoria das Formações substitui o panorama teórico-clínico da psicanálise – Clínica NovaMente: operação com formações – Se há Inconsciente, as teses epistemológicas são falsas – NovaMente parte do impasse a que Lacan chega em sua obra.

29, 160

NovaMente substitui quase tudo da psicanálise pregressa – Postura de Freud diante dos saberes de sua época – Para Freud, não há distância entre homem e natureza – Lacan: momento estruturalista – O ‘retorno a Freud’, de Lacan, é o retorno de Lacan a Freud – Lacan: o homem não é da mesma estrutura da natureza – NovaMente: retorno *de* Freud – Qual ciência é compatível com a psicanálise?

Anexos

Maravalhas 2, 169

E-mails, 175

DesAforismos, 182

Sobre o Autor, 185

Ensino de MD Magno, 186

DATAS

Os números abaixo correspondem às seções e datas dos *SóPapos 2012* realizados na *UniverCidadeDeDeus*, sede da NovaMente:

Seção **1**: 11 janeiro – **2**: 14 janeiro – **3**: 28 janeiro – **4**: 25 fevereiro – **5 e 6**: 03 março – **7**: 17 março – **8**: 24 março – **9**: 06 abril – **10**: 07 abril – **11**: 14 abril – **12**: 05 maio – **13 e 14**: 12 maio – **15 e 16**: 26 maio – **17**: 09 junho – **18 a 20**: 03 julho (Entrevista realizada no POP: Polo de Pensamento Contemporâneo) – **21**: 04 agosto – **22**: 11 agosto – **23**: 18 agosto – **24**: 25 agosto – **25**: 15 setembro – **26**: 22 setembro – **27**: 29 setembro – **28**: 27 outubro – **29**: 24 novembro.

1

Quando alguém chega para análise falando mal do marido, da mulher, da mãe, de quem quer que seja, é só esperar para ver que fará o mesmo quanto ao analista. É a *transferência*. No momento em que ele fizer isto, está na hora de analisar a transferência, pois o que era lá fora passou a ser dentro da análise.

Na maioria das vezes, ao invés de a pessoa continuar achando que está em análise, ela quer discutir a relação. Analista não discute relação. Ele aponta, e foda-se – o problema é do analisando. O analisando tem que ser muito sutil para encarar quando o conflito chega dentro da análise. É transferencial, e há que ficar claro que foi ele quem procurou o analista. O aparelho transferencial é: toda a merda da vida daquele analisando vai para o analista. Esta é a hora de fazer análise: a análise de nossa transa analítica. Não se trata, de modo algum, de transa amorosa. Ou o analisando entende que está em análise, ou vai embora, fique com sua doença. Há que lembrar que qualquer um, seja eu ou vocês, vai para o analista fazer o quê? Fazer merda, aquela que faz em sua vida. Agora vai para cima do analista. É a isto que se chama de *Transferência*. Como não querem entender isto, as pessoas acham que é uma relação amorosa mediante a qual resolverão os problemas do mundo. Não! O mundo é essa merda onde está o conflito. E não há discussão de relação porque o analista não está em *relação* com o analisando. Ao entender isto, o analisando está praticamente curado. Ou seja, se não perceber que a análise da transferência é essencial, ele não terá cura.

• P – *Mas a transferência não é para ser curada?*

Sim.

• P – *Então, trata-se de acabar com a transferência?*

Sim, mas para virar uma relação de gente, de Pessoa para Pessoa. Notem que não há relação de Pessoa para Pessoa na transferência. O que há é alguém jogar a merda de sua vida e jogar para cima do analista. Isto será analisado ali. O analista sabe que o analisando está fazendo aquilo com ele, e não com outro. E que o sintoma é dele, analisando. O sintoma de agredir as pessoas

na família, no trabalho, etc., é dele, e o analista nada tem a ver com isto. O dia em que o analisando puder engolir isto, a transferência tem que acabar. Relação interpessoal, de amizade, não é transferencial, é, sim, respeitosa. Ele entendeu que o que é dele é dele, que o outro não tem que gozar por onde ele goza... Tudo que acontece no mundo de violência, do que chamam de intolerância, é as pessoas acharem que seu sintoma é também do outro. A maioria das pessoas é assim: se veem e veem assim. É escotomização mesmo.

2

Esquecemo-nos frequentemente da posição avessa de Freud às outras teorias. Esta postura faz a diferença radical entre, por exemplo, psicologia e psicanálise. A psicologia trabalha entendendo os fenômenos do mundo como sendo produzidos pelo mundo. Para Freud, ao contrário, é a civilização que é produzida pela maluquice que está em nós. Esta é uma diferença enorme de nossa postura e na maneira de aqueles que lidam com psicanálise entenderem com o que estão lidando.

Mesmo um intelectual bem desenvolvido opera intelectualmente com a psicanálise, mas não há esta possibilidade para um psicanalista operar. Transpor as operações intelectuais para o campo da psicanálise é algo que não funciona. Por isso, os textos realmente psicanalíticos parecem estranhos: partem do fato de haver a máquina inconsciente, que é o que produz mundo, e não o contrário. Muitos textos de intelectuais que criticam a psicanálise são risíveis, pois não estão tratando dessa postura. Acho, por exemplo, grotescos certos textos da Escola de Frankfurt que pretendem cruzar Marx com Freud. Não dá! Sobretudo, se o autor partir do marxismo para pensar o mundo.

• P – *Para Freud, neurose e civilização têm a mesma origem. Não se trata de reconhecer nenhuma marca distintiva nem sustentar nenhum pensamento a partir desta distinção, ou mesmo da distinção entre natureza e cultura.*

Isto, em nossa perspectiva, resulta no fato de toda formação ser constituída como neurose. Ou seja, qualquer formação é constituída por recalque. Se não for por recalque no sentido da própria neurose, será, pelo menos, por exclusão. O resultado é o mesmo.

Retomo – para ser desenvolvido depois – o que alguém de vocês comentava sobre Eduardo Viveiros de Castro achar que Lévi-Strauss é nietzschiano. Há que ir à querela de Nietzsche com Wagner para ver onde está a confusão. Lévi-Strauss é wagneriano – e Nietzsche pensou que ele, Nietzsche, também fosse. E Eduardo está tratando Lévi-Strauss como se Nietzsche fosse wagneriano – aí é que está a pequena diferença entre ser nietzschiano ou wagneriano. Ao começar a operar, Nietzsche aposta em Wagner achando que este pensasse como ele. Depois, descobre que a aparente dissolução, em Wagner, tanto da estrutura da música quanto da re-narrativa da mitologia alemã, etc., não era o encaminhamento que ele, Nietzsche, estava dando. Wagner é mais parecido com Hitler, ou seja, é a imposição de determinada cultura como determinante, ao invés da dissolução dos valores dentro da cultura.

Lévi-Strauss copia a estrutura da música de Wagner, e confessa que o faz. O gênio musical de Wagner foi tomar a estrutura tonal, bachiana, etc., e dissolvê-la mediante a passagem constante de uma tonalidade para outra. A tonalidade lá está, mas ele não a deixa sustentar-se: fica variando, variando, para nos perdermos na tonalidade. Esta é a novidade de Wagner, que é algo menor se comparada, por exemplo, a Schoenberg que joga fora o tom. Nietzsche achou genial o que Wagner fazia à medida que parecia estar desfigurando a música tonal, pois seria uma revalorização dos processos musicais. Como sabem, Wagner fazia tudo: a música, o cenário e escrevia o libreto. Quanto ao libreto, ele tomava a mitologia da região para engrandecer aquele tipo de cultura e, como fazia com a narrativa um pouco parecido com a música, dava a impressão de estar dissolvendo, mas não estava. Estava, sim, constituindo um grande poder da cultura de língua alemã. Hitler adorou. Quando Nietzsche saca isso, fica horrorizado e cai fora.

• P – *Lacan, quanto à questão do conhecimento, mantém o pensamento das distinções, das descontinuidades – que está em Lévi-Strauss –, e cabe lembrar de sua filiação a Koyré e a Kojève...*

Temos o Lacan que toma Hegel, Koyré e estuda com Kojève. Ou seja, o Lacan disposto a construir um grande sistema, digamos, do Saber absoluto da psicanálise: a psicanálise constituiria um grande sistema de saber do ou sobre o Inconsciente e determinaria toda possibilidade de conhecimento a esse respeito. Como ele não era burro ou mau caráter, à medida que desenvolve vai fazendo o contrário. Primeiro, tenta constituir. Depois, abandona esta tentativa. Tanto é que grandes rupturas no meio do lacanismo foram decorrentes desse abandono – e aqueles analistas lá do começo queriam o poder hegeliano do Estado, o Estado hegeliano da psicanálise. Lacan começa a derivar e a tornar-se, de fato, Lacan. Antes, não era, ele era Hegel. No que vira Lacan, isso tudo vai se dissolvendo e destruindo por dentro inclusive o estruturalismo. O último Lacan manda tudo isso para o brejo. Esta é, aliás, sua grandeza. Em sua obra, podemos acompanhá-lo desfigurando o significante de modo belíssimo: um percurso do Estado até quase chegar à anarquia do Inconsciente.

• P – *Em uma de suas vindas ao Brasil, Jacques-Alain Miller disse, em entrevista, que, no final da vida, Lacan teria virado como que um mestre zen.*

Foi o meu Lacan. Foi este mestre zen que me analisou. Era nítido que ele era melhor que mestre zen. Não tinha roupa amarela, nada disso...

• P – *Em que medida, então, você, em 1999 [A Psicanálise, Novamente], situa Lacan como Mahler se Lévi-Strauss é a periclitância do tonalismo?*

Porque foi o último passo de Lacan. Ele não conseguiu ser eu. Não conseguiu dar o último golpe. Observem que Mahler é sutil, pois, por mais que pareça wagneriano, é mais dissoluto, mais à vontade, nem que seja tematicamente (do ponto de vista musical, e não literário). Mas também não tem o último passo. Lacan como analista e as últimas coisas que disse chegam a esse lugar, mas não dão o tranco final. Quando, por exemplo, coloco o Revirão como sustentação teórica, desarticulo todas as possibilidades de fechamento de formação. Isto não tem em Lacan. Na música, Webern, sobretudo, tenta fazer isto. Acabou: a música é essa qualquer coisa.

Preciso me fazer entender em dois pontos. Primeiro, pergunto se é verdade que fiz essa desarticulação das possibilidades de fechamento da formação. Segundo, se fiz, é isto. Ou seja: não tem pai nem mãe, não tem base, não tem nada. O que tem é esse processo: as coisas todas – a tal cultura, a civilização – só se concretizam mediante estagnação dentro desse processo. Esta nossa espécie não tem base alguma, a não ser que é recalcada pelo Primário que a suporta. Isto não está em Lacan, que fica procurando os furos ainda dentro da língua, da linguagem, para mostrar que isso não se sustenta. Ele não diz radicalmente que pifou, que fodeu! É como se ele tivesse vindo de lá para cá, veio vindo – e eu fiquei com a impressão de que saquei, arrisquei e dei o pulo final de lá para cá. Minha solução é tipo nó górdio: corta-se no meio.

• P – *Para Lacan, a emergência do Sujeito moderno tornou a psicanálise possível.*

A meu ver, sem ser dito explicitamente, isso é quase que incompatível com o último Lacan.

• P – *O projeto da Nova Psicanálise, sobretudo a partir da década de 1990, foi encaminhar a questão do conhecimento para além dos compromissos epistemológicos assumidos por Lacan (a visão histórica de Koyré e Kojève). Não se preocupou mais em fazer a distinção entre regiões nítidas, heterogêneas (ciência moderna / ciência antiga, por exemplo), pois a crise epistemológica do século XX mostrou justamente a precariedade das fronteiras. Neste sentido, você afirma que Lacan é um pensador terminal.*

Observem que busco maior abstração ao falar em *Prótese*, e não em tecnologia. Além de não ficar sendo mal-entendido por heideggerianos, estou me referindo à prótese de qualquer ordem. Passar de um teorema a outro é prótese.

• P – *Há uma velha discussão sobre tecnologias pró-humanas e tecnologias destrutivas, ou prometeicas e fáusticas.*

Toda e qualquer prótese tem as duas faces. No pensamento fora do freudiano, em que não há Revirão, falam que há umas técnicas assim e outras assado, mas dependendo de quem?

Algo importante na abordagem do conhecimento pela Nova Psicanálise é que o conhecimento não é apanágio das IdioFormações. Dizer isto se junta ao perspectivismo de Viveiros de Castro. Não é só a espécie humana que

conhece. As formações enquanto construtos são conhecimento armazenado. Qualquer outra formação que transe com elas está no nível de conhecimento, o que é diferente do conhecimento produzido pelas IdioFormações. Para a filosofia, conhecimento é coisa de gente. Não é verdade. Cachorro conhece coisas que desconhecemos. Se entrarmos no mar nos ferraremos, pois não temos o conhecimento que os peixes têm. Não é do nosso tipo, pode até estar inscrito na formação peixe, mas é conhecimento. Ele sabe as transas de formações que funcionam num nível de conhecimento que não temos. Já lhes disse que é assim até no nível de uma reação química. Conhecimento é o que está embutido nas formações.

O conhecimento no sentido aristotélico supõe que eu, sujeito, conheço determinado objeto e produzo determinado conhecimento. Mas armazenei este conhecimento onde? Em minha memória, na dos outros, pode ser colocado por escrito e, no computador, será umas coisinhas num chip... Ou seja, o conhecimento está dentro do computador, e não dentro da cabeça de filósofo. Por isso, há que saber de que nível, de que ordem, de que transa é tal conhecimento. Aí o pessoal fica encantado com o perspectivismo de Viveiros de Castro, pois há o conhecimento da onça. A onça tem o conhecimento de onça que não tenho. Aliás, preciso até tentar entendê-lo para poder me safar dela.

• P – *Mas a onça não sabe que ela tem o conhecimento.*

Isto é outro departamento. Ela é conhecimento, e talvez não tenha um departamento para informá-la de que está conhecendo. Nós temos. Quem sabe se onças do futuro vão falar? Seria, aliás, uma queda radical do narcisismo. Seria inverter as frases. Em vez de se falar da obra de alguém, é ele é que é da obra. Essa pessoa só existe por ter sido feita pela obra. Quem é eu? O que alimenta o narcisismo é falar coisas como “minha” obra, “minha” camisa... Aliás, a pessoa morre e a camisa fica.

3

A Gnômica não derroga alguma tese epistemológica “insuficiente” das filosofias, e sim uma tese *falsa*. A Gnômica trata do conhecimento *sem* epistemologia. Não estamos entrando em conluio com a filosofia e dizendo que o que ela propôs foi muito interessante, mas deixou muita coisa de fora. Estamos, sim, dizendo que a Gnômica nada tem a ver com aquilo. O mesmo quanto à *Gnose*, da qual a Gnômica nada se apropria. Gnose é apenas um conceito que indica que partimos da ideia da possibilidade de eficácia do conhecimento. Se ela ocorreu na história, isto é o anedótico, não cabendo, pois, incorporar a Gnose à Gnômica. Temos que ter cuidado ao expor a Gnômica. Se não for adequadamente mostrada, será lida como algo pertencente a uma tribozinha mística.

Para nós, trata-se, por exemplo, de falar em Psicanálise e Gnoseologia contra filosofia e epistemologia. Todo o percurso feito pela NovaMente, mesmo quanto à própria história da psicanálise, foi no sentido de passar a limpo, e não de manter alguma tradição. A posição de Lacan – que, como está na cara, não é verdade – era a de estar retornando a Freud. A NovaMente não está retornando a Lacan ou a Freud, e sim, como disse, passando a limpo. Quando se passa a peneira naquela gente que era gnóstica, por exemplo, o que sobra? Sobra que preferiam acreditar em conhecimento, e não na crença. Ou seja, preferiam acreditar na possibilidade de conhecer do que no mistério. Não estamos, portanto, trazendo a tradição deles, e sim tomando o que sobra. Esta é a mentalidade de toda a obra da NovaMente, que, ao apresentar uma terminologia e uma conceituação novas, seu sentido é retirar o anedotário da psicanálise e ver o que sobra de estrutura mínima, de lógica mínima, de conhecimento mínimo. O que interessa é isto. Portanto, temos que evitar a aparência de estar em certa tradição. Estamos, é claro, no uso de coisas do passado, mas a postura não é de “retorno” a Freud ou a qualquer outro. Vamos em frente.

Passada a peneira na história do conhecimento, da psicanálise, tirados os caroços, interessa-nos o suco que sobra. Século XXI é isto. Se apareceu no divã de Freud o anedotário do Édipo, aquilo era de sua época. Hoje, há que perguntar sobre o tipo de conflito, de contraposição, de contraste, que é de aparecer *sempre*, com ou sem Édipo. Nosso interesse teórico e analítico é, por trás desse lamaçal, buscar pequenas formações que são muito mais permanentes do que aquelas que foram lidas em função do momento da história. Freud não podia deixar de ler Édipo na cabeça daquela gente. O que leu foi o conflito, mas tomou o modelo da mitologia e da tragédia de Sófocles. Se fosse século XXI, leria o conflito, veria que não era necessariamente pai ou mãe, e sim tal ou qual tipo de formação: a criança entra em identificação e conflito para lá ou para cá. Trata-se, pois, de formações em jogo, e não de pessoas. Colocar pessoas, papai, mamãe, é vício de Segundo e Terceiro Impérios, os quais estão acabando. De mãe, o bebê já nasceu feito, não é invenção. Chama-se tecnicamente: buceta. O Pai, este, é invenção do Segundo Império, que está durando até o final do Terceiro, mas está acabando. O pai, diferentemente da mãe, não é dado pelo Primário. Ele é reapropriado pelo Primário no século XX mediante o DNA. Ou seja, é uma reapropriação do Primário mediante o Secundário.

Basta ver que a ideia de convivência e participação dos bens, que antigamente chamavam de casamento – ou seja, a ideia de montar uma *casa* com alguém –, se tornou dispersiva. Hoje, vale qualquer ajuntamento, e a luta é para que entre na lei qualquer possibilidade de ajuntamento. Está muito fraco, pois a discussão gira em torno de homem com homem, mulher com mulher, ainda não se fala em casamento de três ou mais pessoas. Mas esse tipo de transformação é dependente da ideia de que há articulações de formações, de que formações articulam ou não para lá e para cá. Esta é a entrada no Quarto Império. Trata-se, então, para nós, de como fazer a leitura de formações de formações que são capazes de se articular com outras formações e compor certa formação. Vejam que aí não tem papai ou mamãe. Alegam ainda que, no casamento gay, não tem função paterna, não se sabe quem é a mãe... Isto não interessa, pois não é o que forma a criança, e sim apenas o anedotário do que cola e a forma. A pergunta é: como a articulação que forma a criança se constitui em termos de narrativa em tal cultura? – e não o contrário. O que interessa é a transa das formações,

que aparecerá como Édipo ou qualquer outra coisa. Por isso, Malinowski e Margareth Mead, o pessoal da antropologia culturalista, disseram que o que Freud trouxe não funcionava nas culturas que estudavam. Funciona sim, mas não é Édipo. É outra coisa, que é a mesma.

Vejam, então, que não estamos dentro de uma tradição carregando toda fofoca e brigalhada de escolas por bobagens. Se olharem para meu trabalho, verão que passei pela experiência desde Freud até Lacan, depois achei que aquilo estava uma cambulhada gagá e me perguntei sobre o que fazer. Houve uma crise que me levou não a atualizar, e sim a passar a limpo, a ir tirando a sujeira anedótica, o anedotário, e deixar só a formação que está regendo aquilo. Sei que isto, dentro de nosso tipo de formação, é difícil de pensar, mas foi o que fiz. Quando lemos Freud com a cabeça de um Lacan, temos uma leitura, quando o lemos com minha cabeça, temos outro. Não existe leitura inocente. O contrário seria dizer que é possível descrever a coisa em si, de Kant. Não há isto. Digo então, eu, que a história da psicanálise é uma sujeira, uma bagunça, que Lacan conseguiu genialmente reduzir à sua mentalidade estruturalista. Isto acabou, estou provocando outra postura e outra leitura. E a postura é, repito: passar a limpo, passar a peneira, ficar só com o mais reduzido possível entendimento das formações. É claro que, daqui a um tempo, dirão que ainda está muito sujo, mas é assim mesmo.

Lacan, ao ter a ideia dos matemas, queria essa redução. Entretanto, se a mentalidade é parecida com a do matemático, de tomar apenas as funções, etc., vemos que não se trata de matemas ou de matemática, e sim de entender que toda e qualquer formação, mediante um parâmetro de pensamento, pode ser reduzida a seu mínimo aqui e agora. Basta lembrar que eram quatro os elementos quando a física foi inventada. Na sequência, aparece a química, faz-se a leitura de elementos diferentes pela constituição atômica, surge um Mendeleiev com sua tabela periódica, e hoje estamos lidando com as partículas daquilo – o que também já era, pois o que se tenta entender agora são coisas como a Teoria das Cordas, que está para aquém das partículas, são as partículas das partículas. A psicanálise não fez isto. O único a fazer, reduzindo-a quase praticamente à teoria linguística e ao estruturalismo, foi Lacan. Mas, como já disse, o resultado ainda é muito sujo e regional. É como se estivéssemos num

laboratório esmiuçando, quebrando partículas e buscando o que as constitui. Teremos, então: formações com forças e vetores para lá e para cá. O resto é anedota em cima disso. Em termos de leitura, o parâmetro de leitura caiu para mais dentro, para o menor.

O que me ocorreu foi que é possível *pensar em termos de formações*, o que é amplo e abrangente. A cada geração, trata-se de pensar em formações menos grosseiras que as anteriores. Isto até entender que são pequenas articulações que montam o processo. O efeito teatral é enorme, mas a maquinaria de produção é pequenininha. Basta lembrar que qualquer artista que tenha conseguido algum efeito colossal, conseguiu-o com duas ou três coisas. Ele articulou, e a coisa explodiu. A tentativa de meu trabalho, por mais difícil e errado que ele possa ser ou parecer, tem sido abandonar todo o percurso anterior em prol de uma postura de constituição mínima das formações (as quais, como sabem, são formações de formações, de formações, de formações...) Caminhando para dentro, ocorrerá como na física que chega ao fóton. Notem que o físico, mesmo fazendo formulações matemáticas, não pensa em matemas, e sim em formações. É, aliás, uma dificuldade que muitos aqui têm ao escrever sobre a Nova Psicanálise, pois o ranço do passado se mantém nos textos. Há que evitar certos sintagmas dos outros discursos. Caso contrário, o leitor se acha em casa. Não é o que queremos. Queremos a estranheza de ele saber que não se está dizendo o que ele está pensando. Foi uma besteira Freud ter falado no tal Édipo, pois todos pareceram entender do que se tratava, e nunca mais ficaram bons daquilo. Não entenderam que Édipo estava representando o complexo, o qual não é Édipo. O vetor se inverteu. Não há Édipo algum. Como disse Deleuze, Édipo é paranoia.

Em termos da Gnômica, é preciso ficar claro que há uma *convergência* de aposta no conhecimento, de aposta em que não há mistério, e sim apenas ignorância. A epistemologia se cala para além de sua ignorância. Ou seja, é kantiana, não se consegue a coisa em si. Não existe coisa em si. O que existe é o fato de que minhas formações não estão conseguindo, no momento, transar certas formações outras. Estão conseguindo apenas estas – e isto sem noumeno algum por trás. Ora, se houvesse noumeno, estaríamos vendo.

• P – *Nessa convergência, é possível incluir as ideias de trauma de Haver como Conhecimento Absoluto, e de conhecimento como processo e ascense de cura?*

Vejam que colhemos em qualquer lugar – na gnose e mesmo em Kant, por exemplo – o que nos interessa. Isto é possível por não pensarmos em termos de autor ou de sujeito, e sim em termos de formações. Esta é, aliás, a dispersividade do século XXI, que, espero, virá bater no século XXII como puro item a ser acessado quando necessário. Todo processo de cura depende de conhecimento, e todo processo de conhecimento é um processo curativo. Observem que, sem viagem ao Cais Absoluto, o conhecimento fica precário, pois fica sintomático.

• P – *Podemos incluir nessa convergência uma rebelião contra qualquer tipo de limitação imposta ao conhecimento?*

Trata-se de: “Eu quero saber”. Falei a palavra *rebelião* porque, na mitologia ocidental, judeu-cristã, o que aconteceu ao diabo, àquele que sabe, Lúcifer, foi ir contra a limitação ao conhecimento. Ele queria trazer a Luz, e se rebelou. Esta é a *Rebelião dos Anjos*, sobre a qual lhes falei em 2007. Vejam que foi o anjo mais importante que se rebelou, e não um qualquer. Aí o outro, que tinha mais poder por ser do Segundo Império, que estava mandando então, o jogou para baixo. Lúcifer virou o demônio e passou o resto da vida sacaneando o outro. Vejam que é uma mitologia interessante. A propósito, o que a antropologia de Freud conseguiu fazer foi *Totem e Tabu* (que esculhambei dizendo: *Botem um Tatu*). Freud já foi bastante criticado por ter mania de teatro, gostar de inventar mitos escabrosos: mata-se o pai, depois vem o arrependimento... Não é nada disto, e sim apenas o conflito entre o poder e a vontade de poder. É o mesmo que está no Édipo, um conflito de formações que são forças, que são limitações, que são constituições de um tipo de neurose... Fazer análise não é matar pai algum, e sim conseguir um mínimo de *autonomia*. Quando se consegue esse mínimo, descarta-se o outro automaticamente. Portanto, matar significa que, se aquela referência não mais interessa, morreu. Minha autonomia necessariamente destrói minha alienação. Autonomia não é birra, é poder dizer que estou na minha, não preciso de Lacan para nada. Precisei muito. Nem de Freud preciso. Repito, não há constituição de autonomia sem necessária

desalienação. Decorar matemas de Lacan e ficar repetindo frases é sinal de não haver autonomia.

Duas coisas me fizeram acolher Lacan. Primeiro, Otto Fenichel, que escreveu o artigo de que Lacan parte para sua concepção de *falo*: *The symbolic equation Girl=Phallus*. Achei muito bom por ser quase algébrico. Segundo, as conferências de Júlio César de Mello e Souza, o Malba Tahan, sobre topologia. Ao ler Lacan, vi que tinha essa linhagem de abstração, de topologização, etc. Foi aí que gostei dele. Gostei de Lacan, não. Gostei foi disso, da articulação que ele fazia. Comecei a estudar, e não entendi nada...

4

Nossa **Formação em Psicanálise** inclui a transmissão por *Tutoria* para aqueles que nela se inscrevem. Cada um começa sua tutoria quando chega. Não há uma periodização na qual ele entra. Não há essa cara de academia. Toda Formação é pessoal. E mais, a tutoria não pode ser apropriada por um único tutor. Funciona em rodízio, do mesmo modo como foi constituído nos *Grupos de Formação*, que é um de nossos quatro dispositivos da Formação (os outros três são: Análise Pessoal, Polo de Estudo e Oficina Clínica)¹. A tutoria é do tema a ser estudado, e não de tal ou qual pessoa.

Como se escolhe a Tutoria? A pessoa, ao chegar, faz entrevista institucional, apresenta seu *curriculum vitae*. Em princípio, exige-se uma graduação, qualquer que seja, mas cada caso é a ser visto em sua especificidade. Em seguida, ela faz outra entrevista em que se avaliará seu *Repertório* de

¹ Cf. Formação, Formatação... In: MAGNO, MD. [2005] *Clavis Universalis*: Da cura em psicanálise ou revisão da clínica. RJ: NovaMente, 2007. p. 209-214.

conhecimentos. Esta entrevista precisa ser conduzida com precisão para que se possa indicar a tutoria adequada. Aí serão vistas as leituras já efetivamente feitas, sobre psicanálise e outros temas. Não se trata de apresentar diplomas ou certificados de cursos, pois isto não significa que a pessoa tenha estudado. A pessoa diz tudo que sabe, se toca algum instrumento musical, se cozinha... Trata-se de fazer o rol de seus conhecimentos, de falar sobre tudo que ela supostamente sabe. Isto é consentâneo com nossa Teoria do Conhecimento, que afirma que *o que quer que se diga é da ordem do conhecimento*. (Aliás, vi na televisão que algumas universidades federais de Estados do Nordeste do Brasil estavam buscando assimilar os conhecimentos de fitologia de curandeiros locais, e que, ao compararem o poder de cura das plantas utilizadas por eles com o da medicina convencional, verificaram que é bem mais eficaz).

Como a pessoa não conhece as coisas que interessam diretamente a nós, ela passará a tomar noção delas por seu tutor. É preciso termos funções institucionais de cruzamento de conhecimentos. E, além de prestar conta ao tutor, ela deve participar de debates, conversas e outras atividades em conjunto. Assim, todos veem sua presença e podem avaliar, após um semestre, digamos, seu interesse. Caso este interesse seja constatado, ela poderá fazer parte dos Grupos de Formação. Ela, então, estará ao lado dos demais nesse dispositivo em que todos participam sem nenhum líder previamente definido: são todos doidos ali. O grupo que se vire para entender o que ocorre. O que se está medindo é a intensidade, o grau de desejo da pessoa, se realmente está querendo participar. Temos que ficar atentos porque tudo isso é dispersivo e cada caso é um caso.

Há também a exigência para os que entram de que têm que fazer análise com alguém de nosso âmbito ou de nossa confiança. Como cada Formação é cada Formação, há que ficar claro que foi esta a Formação escolhida. E mais, como toda Formação é sintomática, há que entrar bem no sintoma. É assim por não estarmos pedindo que a pessoa entre, e sim acolhendo aquela que entrou. O pedido é do analisando. Analista não faz pedido, e sim oferta. O que importa é o mecanismo de teste pelos outros, para além do que o tutor possa achar. Cabe pensar bem sobre tudo isso, pois acho que já notaram que a psicanálise está indo para o brejo no mundo inteiro. Não é bom que vá. O que está restando não presta.

5

• P – *A maravilha [cf. Anexo deste volume (2.4)] que você nos enviou começa assim: “Dentre os expedientes da Cura (técnicas, estratégias, táticas, etc.), é relevante a Análise da Transferência, como desde Freud já se sabe: da Positiva, da Negativa, e também da Contra – na atenção do suposto Curador que deve, ele próprio, se manter em suspeição e no exercício perene de sua própria análise (de preferência, Efetiva)”. Fiquei surpresa de você ainda resgatar os dois lados – positivo e negativo – da transferência.*

É algo importante na prática. Há que distinguir com clareza na transa analítica o que é do analista e o que é do analisando, o que é positivo e o que é negativo. É comum a pessoa entrar em transferência negativa e, a todo momento, agredir o analista. Cabe a este dar-lhe uma cortada de saída. É preciso sempre lembrar que as posições dos dois não são simétricas. Ao analista cabe sempre a posição de estar aberto a receber, mas não foi ele que pediu para a pessoa vir. Como o pedido é sempre do analisando, ele, analisando, que o sustenta. Dentro ou fora de análise, ante qualquer relação transferencial, há que lembrar que aquilo não é amorzinho. Ou melhor, há que lembrar que amorzinho é porrada e que não existe esse tal amorzinho no mundo. As pessoas têm a mania de cultivar a ideia de amor, que é cristã. Ela foi tão cultivada pelo cristianismo que muita gente foi colocada na fogueira, guerras foram fomentadas, etc. Amor dá nisso. Por isso, sou contra.

Existe um fenômeno inter-polos que é positivo ou negativo, amoroso ou odiento no mesmo lugar. Ele não tem nome na língua, pois esta só sabe nomear o que é partido, e não a base inconsciente das coisas. Podemos ter relações amorosas com as pessoas, mas não na análise: não somos cristãos. É preciso sair desse tipo de relação e passar para uma relação de *respeito* – o qual, aliás, também tem positivo e negativo. Há o respeito que alguém oferece e aquele que ele exige, que não são do mesmo nível, não têm o mesmo sinal, seus vetores são opostos. Temos sempre que nos lembrar de que tudo se vetoriza. Portanto, essas

transas amorosas – dele ou do outro – não são para acolhimento do analista. E pior, além das transferências positiva e negativa, há a *contra-transferência*, que obriga o analista ficar de olho em sua própria análise. Se não, vira projeção. Basta ver as dissidências e brigas do tempo de Freud para perceber que aquele pessoal – Jung, Adler, Binswanger... – era muito estúpido, não entendeu o que ele estava dizendo. Já Ferenczi, este, entendeu: quis passar para a psicanálise ativa e resvalar para jogadas do tipo das de Adler, mas recebeu um pito de Freud e parou. Sabia que a invenção era de Freud, e que a ele cabia entender. Jung não parou: era brilhante e podia dizer o que quisesse, mas era projetivo – pensava suas loucuras simbólicas e jogava sobre o analisando –, ou seja, não se tratava mais de psicanálise. Freud falava da análise como *outra cena*, que não é normal, corriqueira, não é deste mundo...

Vejam a briga de Anna Freud com Melanie Klein. É uma imbecilidade, pois ambas têm razão. (Quando, no início dos anos 1980, tentaram fundar o *Joãozinho* [um núcleo para pensar sobre psicanálise e criança] no Colégio Freudiano, pedi que estudassem esse caso das duas). Elas não souberam entender que falavam de duas facetas da análise da criança. Em vez de uma puxar para um lado e a outra para outro, deveriam ter procurado conversar e achar uma saída. Aliás, não se deu saída até hoje. Talvez se consiga uma com a ideia de Revirão. Melanie Klein resolveu entender que não há diferença de estrutura entre a análise de uma criança e a de um adulto; que há atuações que chamou de pré-edipianas; que Freud não notou que tudo já estava funcionando na criança. Freud concordou com ela, que havia algo prévio que seria a base do tal Édipo (que nem precisamos mais chamar assim). Anna, por sua vez, tem razão ao dizer que, do ponto de vista da inserção da criança no mundo, na sociedade, no simbólico, na cultura, ela tem primeiro que passar pelo Recalque. Ou seja, Melanie era eficaz do ponto de vista do que embasava os processos, mas, para Anna, a criança não pode não ser recalcada em alguns pontos, se não, fica abusiva, etc. Hoje, já sabemos que é preciso ensinar o Recalque e entendê-lo como Juízo. A criança deve ser levada a transformar o recalque em Juízo Foraclusivo. É algo difícil, mas é a saída para acompanhar o que efetivamente acontece com ela.

O próprio analista, muitas vezes, tem que ser recalcante, não permitir que a criança extrapole, pois ela se perde. Aliás, mesmo o adulto que já é tarado,

que já vem recalcado, precisa ser recalcado. É preciso um reconhecimento de Quebra de Simetria, de Impossível. Enquanto o reconhecimento não se dá com possibilidade analítica, ou seja, com capacidade mental de entender como Juízo Foraclusivo, tem que haver recalque.

• P – *Então, primeiro se recalca...*

Não é primeiro isso, depois aquilo. É caso a caso, pois a criança pode ser mais inteligente que o adulto. As duas jogadas têm que estar presentes. O quando e o como são situações a serem verificadas para cada um. Não há uma técnica de primeiro recalcar e depois ajuizar, uma vez que há crianças com processos de articulação tão inteligentes que passam direto pelo recalque e entendem. Suponho que seja por isso que Freud cite o fato de haver crianças que não têm fase de latência, que entendem a jogada sem terem que passar por recalçamento.

• P – *Para haver recalçamento é preciso haver Quebra de Simetria?*

É para haver Juízo Foraclusivo também. É o entendimento de que há impossibilidades modais, e sobretudo a Impossibilidade Absoluta – são duas pedagogias. A criança precisa entender o *campo*, em que, se tentar atravessar certas impossibilidades modais, se dará mal. Além disso, há que entender a Impossibilidade Absoluta que, esta, é inultrapassável. Quando, em 1992, fiz o Seminário intitulado *Pedagogia Freudiana*, tentei mostrar justamente essa pedagogia. O errado em Anna Freud é ela insistir demais na pedagogia da cultura. É preciso lembrar que a criança se depara com a *neurose* cultural – o nome é este – e que terá que fazer algum processo de limitação por recalque ou por juízo. Se fizer por recalque, há que transformá-lo em juízo. Está aí, aliás, a *análise da criança* – é só isto. Ela tem que entender as impossibilidades modais e a Impossibilidade Absoluta mediante pressão recalcante ou, se for inteligente, mediante o entendimento do processo. Como, geralmente, as crianças não são tão brilhantes, passarão pelo recalque e, em seguida, o analista tentará transformar o recalque em juízo. Vejam, pois, que Anna e Melanie ficaram brigando por nada.

O adulto, ao chegar à análise, geralmente vem com limitação demais. Trabalha-se, então, com ele na base da produção de juízo. Ainda assim, em caso de boas históricas que não querem aceitar limites, é preciso impor recalques.

O que veríamos numa pessoa supostamente analisada (que não existe)? Que a maior parte de seus atos e intervenções são de juízo, sem referência à necessidade de obedecer a um recalque. É-lhe indiferente ir para cá ou para lá. Portanto, considerará a direção mais eficaz para a situação. A Indiferenciação implica não estar subdito à ordem cultural na qual a pessoa foi formada, na qual vive. Ela aprendeu a lidar com ela, tanto é que pode lidar com outra ordem, mesmo oposta à sua. Já alguém que funciona na base do recalque não consegue sair do panorama cultural em que está metido, fica repetindo sua anedota sintomática sem saber brincar, jogar.

6

A **Defesa** é um tipo de **Resistência**. Esta é mais geral: dentro dos processos de resistência, inventam-se mecanismos de defesa (como dizia Anna Freud). Se alguém está se defendendo, está se defendendo de alguma agressão a seu modo de estar, o qual modo é resistente. A defesa só vem quando algo agride e pede para esse modo se deslocar. Se não houver pedido, não estaremos nos defendendo, mas apenas insistindo em nosso estado, em nossa posição modal. Se houver pedido, colocaremos a defesa ou a agressão (esta é também uma forma de defesa). Quanto a isto, há um texto fundamental de Lacan, *L'Agréssivité en psychanalyse* (1948), de que já tratei brevemente com vocês em 2007 ao falar de “Síndrome de transferência institucional”. Observem que somos cheios de resistência, a começar com as resistências primárias. Mas Resistência, para mim, é nitidamente a ideia que Espinosa definiu como *Conatus*. O simples fato de algo haver como tal já é resistência.

Se não houvesse resistência, qualquer coisa poderia, a qualquer momento, sofrer metamorfose.

• P – *Na maravalha, você falou em curador e curando, em vez de analista e analisando.*

Tomemos a história da santidade. Lacan chegou a dizer que o objetivo último da análise, se houvesse, seria a *santidade*. É uma maneira prejudicial de dizer, pois é difícil entendermos que é possível *cuidar* do mundo, ter consideração, respeito, tratamento, fora de qualquer relação dita de amor ou de ódio. Estar na situação de Vínculo Absoluto induz cada um a cuidar não por sintomaticamente gostar disso e daquilo, ou porque irá para o céu se fizer tais e quais coisas, e sim por Indiferenciação radical. Jamais se consegue uma Indiferenciação total, mas vai-se indo. Há sempre que desconfiar, pois, como o Inconsciente é capitalista, estamos sempre querendo faturar algum lucro. Aliás, como sabem, minha definição de capitalismo é: vontade de lucro. Nada tem a ver com a definição de Marx sobre um capitalismo histórico. O capitalismo não é histórico, é estrutural. Histórico é o Édipo, mesmo Lévi-Strauss pensando que seja estrutural. Aliás, quando entendemos a história do lacanismo e seus arredores, vemos que está toda pendurada – como Lacan chegou a declarar – no estruturalismo de Lévi-Strauss. Nem é no de Saussure. Basta ver os textos do jovem Lacan sobre o estádio do espelho, sobre a família. Lacan foi saindo, mas, em última instância, só deixou de ser estruturalista ao se enrascar com os nós – que não são grande coisa. Quanto a isso, acho Freud o mais genial de todos. Ninguém, Lacan ou outro, conseguiu como ele pular fora de onde estava mergulhado. Mas, ao articular, também não tem como não ficar preso em certas referências de época.

Não acho que o melhor do Inconsciente seja a topologia, que ficou perdida e Lacan não conseguia sair dela. Tampouco fazia questão – e nem sua época permitia – de generalizar a psicanálise como faz a filosofia. Ele não incluía cosmologia, etc., e ficava naquela coisinha da análise. Quanto a mim, acho bem melhor uma Teoria das Formações e faço questão de generalizar. Não vejo um modo eficiente de generalizar pela topologia, ao passo que, hoje, com a teoria da informação, temos boa base para generalizar mediante a própria física, etc. Não é que todos precisem tomar a teoria da informação para trabalhar, e

sim que há que lembrar que, em última instância, a homogeneidade está no nível da informação. O Haver é informação pura. Quais são os procedimentos possíveis com alguma teoria da informação? Já lhes disse que a psicanálise é uma teoria da comunicação e, portanto, é uma teoria da informação.

7

Se a NovaMente presta, é para retomar o que foi dito pela psicanálise de modo a tentar descobrir denominadores comuns, formações repetitivas, mais ou menos permanentes, etc., e montar um esquema – que, genericamente, chamo de Teoria das Formações – para ler daqui para lá. Como, para conseguir arrumar este vetor, levei tempo fazendo readaptações, é preciso que, ao lerem meus Seminários e Falatórios, saibam que é isso que estava sendo produzido. Foi difícil, mas, hoje, temos a produção praticamente pronta. Dá para desenvolver muito, mas o escopo de uma perspectiva daqui para lá já está desenhado.

Do que me parece que restou do que Freud, Lacan e outros trouxeram, produzi um pequeno esquema a partir do qual olho para adiante. Portanto, tenho que traduzir para cá, para agora, o que foi dito por eles. O que disse Freud a respeito disso e daquilo não deixa de ser assim do ponto de vista conteudístico, das fantasias, dos fantasmas – mas, em última instância, o que é? Por exemplo, em meu percurso, retomo ideias como *coincidentia oppositorum*, andrógino, etc., só que agora legitimadas no raciocínio pela ideia de *bifididade do Inconsciente*. São ideias que comparecem pela vontade mítica, mas por que a mítica fez isto e não aquilo? Já que não quero explicar a Quebra de Simetria pela Castração, não se trata de tomar esse porquê segundo uma dinâmica intersubjetiva

ou interpessoal. Tampouco tomar o complexo de Édipo segundo as transas conflituais da criança em sua formação como relação parental ou outra. Ao contrário, trata-se de explicar a castração pela Quebra de Simetria, e o Édipo pela dinâmica das forças em jogo no processo.

• P – *Como a criança passa pela experiência de Quebra de Simetria? Ela se defende?*

Não se trata de psicologia evolutiva. É tudo inconsciente, é um bicho se tornando Secundário. Não é necessariamente um mecanismo de defesa, pois ela nem sabe do que teria que se defender. Ela faz e entende o que pode. E quando faz isto, se transferimos para a história da humanidade, temos a invenção de uma mitologia, de uma religião, de algo para explicar. Não é defesa, e sim *construção*, coloca-se algo para virar realidade. NovaMente é a mesma coisa: uma construção que se pretende mais atual para tentar entender e explicar. Trata-se apenas de avaliar se é mais ou menos refinada, simplificada, limpa, precisa, como explicação – e continua sendo precária, uma construção. Se pensarmos que estamos fazendo mais do que isso, será canalhice, totalitarismo. Mas se quisermos dizer que, no ato de fazer o que se pode, a pessoa está se defendendo do terror, do horror, da ignorância, também está correto. Então, não cabe ficar acusando os predecessores, pois fizeram o que puderam. Basta ver Freud diante daquela mitologia que via funcionando ao seu redor. Ele tentou organizar com o que tinha disponível em seu tempo. Como ele e outros já fizeram bastante, temos hoje uma perspectiva para promover uma boa faxina – e espero que, no futuro, façam uma faxina melhor ainda.

Daqui a uns cem anos, quando a neurociência prestar efetivamente para alguma coisa, será possível fazer um paralelo preciso, mensurável, com o que traz a psicanálise. Por exemplo, após uma dita terapia da fala, localizar o quê e onde mudou. Freud nunca teve medo ou ficou competindo com isso. É absurdo dizer que a neurociência – que mal começou – vai acabar com a psicanálise, assim como a psicanálise achar que não pode haver intervenção de Primário. Há que buscar saber tudo que for possível.

• P – *Em sua maravalha de 11 de fevereiro (cf. Anexo), você diz: “Cadê o Sujeito que tav’aqui? Gato comeu! Já foi central (e por demais cogitante), já foi centrado e transcendental, já foi descentrado e buraco, sumido no intervalo,*

etc. e tal. E agora, quem é que manda, quem faz a crítica das tantas Formações? Ninguém, ninguém, ninguém? Podíamos pensar numa espécie de Formação, de índole crítica ou coisa que tal, que se encarregasse de supervisão. Mas não: uma dessa só seria gestora de chicanagens no entre Formações, se não empreiteira policial de algum estado hegemonialesco. (Como, por exemplo, o famigerado SuperEgo de Freud). De fato, não precisamos de nenhuma Formação específica (muito menos sujeitiventia) para promover alguma crítica e/ou correção das outras Formações, embora isto possa ser, eventualmente, sintomaticamente útil”. Não entendo bem esta sua afirmação sobre o superego ser sintomaticamente útil.

Quem faz a crítica do superego? Ele não é uma instância crítica, e sim uma instância impositiva, imperialista. Como, do ponto de vista da supremacia – não sei se esta palavra presta – do Revirão, todo e qualquer processo legislativo é falso, o superego pode ser sintomaticamente útil, mas se começar a atrapalhar demais, não prestará. Esta, como está no e-mail que lhes enviei ontem (*cf.* Anexo), é uma posição gnóstica, não da gnose lá de trás, mas a daqui para lá. Aliás, não tive influência alguma da gnose para pensar o que pensei. Ao contrário, quando, nos anos 1980, apresentaram a Nova Psicanálise em Paris², alguém lá disse que era gnose. Fui estudar e vi que era mesmo – mas o gnóstico sou eu, e não eles (que são maus gnósticos).

• P – *Você termina a maravilha dizendo: “E sempre fazendo justiça, pois não há mais o que fazer”. Não estou sabendo avaliar o sentido desta afirmação já que não temos como referência uma verdade absoluta.*

Temos, sim, como referência uma verdade absoluta: Haver desejo de não-Haver. É absoluta para esta teoria, o que não significa que possa fazer algum imperialismo no mundo. E sempre é possível fazer justiça. *O que é fazer justiça? É exige-la.* Não se pode fazer mais do que isto. Aliás, não podemos não fazer isto (e, por favor, não me confundam com Derrida). Estou dizendo, então, que justiça é o eterno e forte pedido de justiça. Se a conseguiremos ou não é outra história. Vejam que justiça é um desejo, e não uma realização. O superego é que pensa que pode fazer justiça. Freud nos deu um exemplo de requisição de justiça ao indicar que o *Wo Es War* fosse uma ética. E mais, se a

² Em 13 fevereiro 1989, na Maison d’Amérique Latine.

resultante necessária da Alei que a NovaMente coloca como fundamental – é ela que a coloca assim, e não a realidade – é comparecer o Revirão, então é possível permanentemente pedir a ele que faça justiça. Por exemplo, alguém condenado pelo Papa à fogueira pode pedir justiça questionando-o sobre a ideia de não valer o contrário do que ele, Papa, acha. O superego funcionar sintomaticamente significa que alguém, ao fazer um julgamento, este sempre será um julgamento criminoso. Em última instância, todo juízo é criminoso. Em instância sintomática, é uma decisão tomada sobre um discurso desenhado. O que se pode é apenas brigar com isso o resto da vida.

Está aí o miolo do pensamento trazido por Freud. As sacanagens que aqueles supostos discípulos imbecis fizeram com ele foi eliminar esse entendimento de última instância para fazer de conta que há formações que são conteudisticamente formantes, que, em algum lugar, há a normalização do analisando... Coisa que não existe no pensamento freudiano. O pensamento de Freud é analítico, ou seja, nele, a análise é perene. Uma das maiores bobagens de Lacan foi inventar um *fim de análise*. Se o pensamento freudiano valer, não é possível terminar uma análise. O panorama de hoje com escolinhas lacanianas e seus passes e fins de análise apregoados por aí é palhaçada. Lacan não fez palhaçada, e sim um tropeço lógico. Se ele estava defendendo, como parecia estar, a essencialidade do pensamento freudiano – que não é adaptativo ou coisa parecida –, não poderia encontrar um fim. A toda hora, está-se fazendo merda...

• P – *Como incluir aí o Juízo Foraclusivo?*

O Juízo Foraclusivo, por ser dessintomatizado, apenas usa um instrumento. Portanto, por ser instrumental, provisório, não faz julgamento e não termina nada, joga para a frente. A decisão não é sobre alguém ser criminoso ou não, por exemplo, e sim de decidir para instrumentalizar – e achando que há erro aí. Por isso, *suspensão* e *suspeição*. Se não for assim, vira sintoma.

P – *A suspensão de juízo dos filósofos seria menos instrumental que o Juízo Foraclusivo?*

A ideia de *epoché* foi inventada em sentido lógico. E mais, há sempre que desconfiar do próprio instrumento. Se livramos a cara de qualquer coisa que seja, construímos superego na mesma hora. O que o Juízo Foraclusivo tem melhor do que qualquer julgamento é reconhecer-se sempre suspeito e

necessitando de suspensão. Ou seja, age instrumentalmente, na suposição de poder ter alguma funcionalidade, e sem crença alguma. Na história do pensamento da humanidade, o que acontece de maior horror é maltratarmos aqueles, raros, que, como Nietzsche, Espinosa e alguns outros, apresentam uma postura de radical incerteza, de radical desconhecimento, insegurança. Por que pensamentos estúpidos como ideologias e religiões sempre vencem? O que Lacan queria dizer com “a religião sempre vence”? É que as pessoas não têm gabarito ou informação – em todos os sentidos (não têm formações na cabeça) – para suportar o nefelibato de estarmos todos andando sem chão. Há que fazer um esforço enorme para vir a pensar sem chão, atectonicamente, sabendo a todo momento que está a perigo. Como a maioria não consegue viver assim, ao primeiro estado, à primeira situação que inventa uma aparência totalitária de segurança, de ordem, de certeza, ele se junta ali por achar que se livrará de sua fragilidade. Por isso, os nazismos, comunismos, fascismos, que foram as especialidades do século XX.

E, diante de uma ideia correta apresentada ao mundo, os próprios supostos seguidores se apressam em estragar. Um pensamento simplório, cotidiano, quase banal, como o de John Dewey – aquela coisa pragmatista sobre como viver bem, etc. – quase suscitou seu linchamento na América. Ele falava de americanices – fazendas, trabalho... – e Anísio Teixeira, no Brasil, foi assassinado por pensar do mesmo modo (ele foi primeiro perseguido pelos bispos da Igreja Católica e depois pela esquerda e, finalmente, pela direita). Pediram a cabeça dele – mas quem ganhou a cabeça dele fui eu. Vejam que sequer são pensamentos que não deixam pedra sobre pedra. Ao contrário, deixam as pedras lá, mas dizem que *são apenas pedras*. Parece que dizer isto é insuportável.

• P – *Qual a ligação dessa postura da maioria com a Morfose Regressiva?*

Já lhes falei sobre isto. Qualquer formação totalitária foi, primeiramente, um projeto religioso ou ideológico constituído com muita articulação e como uma Morfose Regressiva. É constituída sobre um HiperRecalque produzido que virou o arrebite que segura o resto. É uma construção da ordem de uma Morfose Regressiva. Quem imediatamente se aproveita disso é a Morfose Progressiva: o HiperRecalque é tomado como Fundação Mórfrica para ela. Ou

seja, ela, Morfose Progressiva, não sofre HiperRecalque, mas fatura, aplica, coloca-o para render como Fundação Mórfica e faz uma igreja. Igreja e estado totalitário não são exatamente uma religião, e sim fundados sobre um pensamento religioso ou ideologia totalitária – e se fundam progressivamente. Este é um raciocínio sutil, e vários analistas se perdem teoricamente aí. Ficam sem saber se se trata de psicose ou de perversão, pois acham parecido. Não são. Um HiperRecalque é um grampo: prende ali e o resto fica a seu redor. Ele produz uma Morfose Progressiva seja em pessoas, seja em estruturas discursivas. Não tem a soltura de considerar que não é um grampeamento, e sim apenas uma suposição para começo de conversa.

O político e o igrejeiro tomam isso e constituem um Estado, uma igreja, uma instituição em que o HiperRecalque da Morfose Regressiva é tomado como Fundação Mórfica. Basta tomar a história do cristianismo para ver a grande invenção psicótica que é. Mediante gente como São Paulo e outros constituiu aos poucos uma grande igreja que manipula a ordem psicótica como fundação de sua atividade estatal. Consegue fazer isto por haver uma imensa maioria de Morfóticos Estacionários doida para se encostar em algo que pareça sólido. E qualquer um que, no meio disso, pensar, estará fora e deverá ser assassinado. Leiam alguém como Tomás de Aquino e o verão dizendo que é preciso matar os hereges (“...eles merecem não apenas ser separados da Igreja pela excomunhão, mas também separados do mundo pela morte”). Diz isto com base em alguém que ele pensa ser Aristóteles, e um pouco em Agostinho. Ele, o Doutor Angélico da Igreja, era um idiota completo. Para terem uma ideia, lembrem-se de que seus colegas o chamavam de boi mudo por ter cara de retardado. Sua *Suma Teológica*, sozinha, no século XVI, sustentou o Concílio de Trento: ele tinha provas da existência *concreta* de Deus... Leiam a Suma, que ficarão horrorizados.

• P – *Poderíamos dizer do modelo criado pela publicidade para a instalação de um produto no mercado, que ele visaria tornar esse produto um HiperRecalque?*

É criado visando tomar o HiperRecalque, que já está constituído na cultura, como Fundação Mórfica. Em qualquer publicidade há algo que, na lei, é considerado crime. Ela é sempre enganosa. Vejam por aí, quanto a isto, um

bando de gente, tipo economistas, etc., falando de crise ou fim do capitalismo. Não há isto, e sim o fim do modelo perverso atual do capitalismo que está dando esse colapso todo na economia. Ele está baseado em fundações hiperrecalcantes de grupos de economistas que se juntaram para produzir esse colapso: Bretton Woods, etc. Se conseguirmos perceber que isso se fundou sobre um estatuto psicótico – por exemplo, Hegel (fundador do Estado policial), Karl Marx... –, veremos sua linhagem. O marxismo e o cristianismo são uma Morfose Regressiva. O capitalismo não tem saída: a saída que há é justamente saber que não tem saída. E mais, capitalismo não é oposto a socialismo. Oposto a socialismo é liberalismo, ambos capitalistas. Capitalismo é oposto a outro capitalismo.

8

Acho Marx delirante demais. Como comecei a lê-lo após ter lido Freud – ficou impossível. Conseguiu delirar mais do que seu padrão, Hegel. Não existe aquela determinação histórica, aquele encaminhamento necessário, de que falam. Já lhes disse que tampouco consigo entender a tal mais-valia. É uma lógica de produção como se não houvesse psiquismo.

• P – *Freud, no Mal-Estar na Cultura, critica Marx dizendo que ele nada entende da mente humana.*

Digo eu que quem nada entende da mente humana, nada entende de Economia. Aí entro com a *Economia Fundamental*, sobre a qual fiz um Seminário em 2004. Sem esta, podem tirar o cavalinho da chuva, pois nada entenderão. É como se a Economia existisse feita por anjos. Ela é feita por gente, e gente faz assim, tudo errado. Há muito a passar a limpo em todos os setores da história mundial do conhecimento, uma trabalhadora infinita. E não se passa

a limpo acompanhando o processo, há que arranjar uma formação qualquer que regule a visão, uma outra mente. Passar a limpo, aliás, é algo permanente. Se não, ficaremos repetido baboseira. Por exemplo, qual é a importância do discurso científico na história do Ocidente? É permitir-se estar sempre se passando a limpo, e descobrir algo que invalida o conhecimento anterior. E se não o invalida totalmente, invalida seu anedotário. Em outras áreas cuja dureza de armação do discurso é menor – ou, às vezes, frouxa –, o pessoal deixa o lixo todo permanecer. Fica mitologia, fica tudo junto.

Freud é um que não conseguiu explicar com mais precisão a teoria das pulsões e disse que era a mitologia da psicanálise. Foi um desserviço para ele e para a psicanálise. Não há mitologia alguma, a teoria das pulsões é verificável a cada passo. É justamente o cerne da coisa. O pessoal se aproveita disso e do fato de ele não decantar melhor a teoria do Édipo para proliferar o anedotário idiota que vemos por aí até hoje. Talvez lhe faltassem recursos para decantar, mas faz muito mal invertermos o vetor dentro de um aparelho de conhecimento. Com isto, quero repetir que é a teoria da Quebra de Simetria que explica o Édipo, e não o contrário. Há que teorizar até matar o anedotário. É diferente da **literatura**, que tem o vetor contrário: tenta explicar o acontecimento pela via do anedotário. O Édipo freudiano é literário, e não teórico. Aliás, ele nem foi buscá-lo na mitologia, e sim na literatura, em Sófocles. Se a literatura é, muito frequentemente, capaz de expor uma situação em que determinado sintoma se evidencia, este não é o trabalho da teoria. É o contrário: arranjar uma formação que faça a leitura desconteudizante ao máximo. Um escritor da chamada literatura – não é preciso ser romance, pois este é datado, é histórico – faz uma narrativa da situação, a qual narrativa é que vai configurar a sacação que ele teve. O que lhe interessa é ver se a narrativa passa o que ele sacou.

O teórico, ao contrário, observa e tenta fazer um teorema: um bloco teórico que possa servir de leitura para qualquer narrativa que tenha a mesma configuração. Como já pratiquei um pouco dos dois lados, sei que teoria e escrita pela narrativa são diferentes pela vetorização. Não são incompatíveis, pois, ao escutar um analisando e dali conseguir tirar um teorema – ainda que pela repetição em vários analisandos –, o que fazemos? Estamos lendo um romance e explicando. Pode-se fazer o contrário, tomar a história de vários analisandos

e montar um aparelho – um romance, um teatro – que também explique, mas não é pelo processo, e sim pela situação. Vai-se co-mover o leitor, junto com o processo. A teoria é mais dura, menos rica. O que se escreveu como literatura no século XII vale até hoje, mas o que se escreveu como teoria, não. Não podemos dizer que o texto de Dante Alighieri não seja contemporâneo nosso, que não valha mais.

• P – *A teoria seria reducionista?*

Não. Ela monta um aparelho duro demais. Se, na física, monta-se um aparelho geocêntrico, na sequência de seu desenvolvimento será preciso mudar de aparelho, não tem saída. O avesso da narrativa é o processo matemático. Aí é que Lacan se queima ao pensar que podia matemizar a psicanálise. Não pode. Tanto é que, no final, disse que o truque psicanalítico nada tem a ver com a matemática. A psicanálise não é um conhecimento *hard*. Por mais que se faça sua teoria, em seu máximo é apenas um esquema de leitura, muito mais frouxo que um esquema da física. O real sempre escapa na física, e ela tem que mudar. O mesmo acontece com a literatura – se não, ela não mudava –, só que seu esquema é frouxo. A transa psicanalítica, e mesmo sua teoria, não pertence ao campo da literatura ou ao das ciências duras. Ela tem um campo próprio, que não é *entre* os dois. Tal qual a questão do Maneirismo, que não é entre Clássico e Barroco, é *Terceira*. Que eu conheça, ainda não se fez um trabalho sobre o que seja especificamente um texto teórico em psicanálise. A posição do pensamento psicanalítico, repito, não é a literária e nem a científica. Também não é um pouco de cada uma, é outra posição.

• P – *Há conexão com os dois polos de ordem vincular que você trouxe como metanoia e paranoia?*

A literatura é mais paranoica, algo que é de um intestino para outro, tem relações intestinas, aquilo fede... A ciência é mais metanoica.

• P – *Então, a teoria da psicanálise não é para um extremo nem para o outro?*

Não gosto de colocar assim, pois parece algo intermediário. Na ocasião em que falei dos dois polos, dei o exemplo de Freud que jogava nas duas posições – mas isto nada explica. Explicaria se fosse mostrado por um triângulo, pois há uma terceira ponta aí. A produção teórica imbuída de posição analítica

implica a ponta da **perda de sentidos**. Espera-se de uma análise que a pessoa perca os sentidos, ela tem que desmaiar. Não desmaiou, não fez análise. Permanecer na produção e entendimento de sentidos é o que faz a ciência. Para alguém se referir a uma posição de Real, de Vínculo Absoluto, só desmaiando. Se não desmaiar, não se saberá como é não morrer. Como a morte não há, é preciso uma experiência radical de não morte, de perder as estribeiras e ainda continuar aqui. Sem repetidas experiências de perda de sentido, não se equacionará bem o que seja o pensamento psicanalítico. Lidamos com materiais que fazem sentido, mas, em última instância, resulta um desprezo radical por tudo. Qualquer apego à psicanálise é falso. Então, ao teorizar, qual é a falsidade que está em jogo? Por isso, é preciso *Suspensão* e *Suspeição*. Alguém que realmente faça análise, vai embora, não quer saber disso. Freud, Lacan, ninguém fez análise. Se fizessem, largariam e iriam embora.

É o mesmo que digo sobre qualquer posição sintomática. O que seria desapegar-se da psicanálise? Ter uma relação meramente de Juízo Foraclusivo. Tanto posso como não posso lidar com ela. Ao dizer “estou cagando para a psicanálise”, como digo e repito, esta é uma posição divina. Como sabem, minha deusa se chama KagandaYandanda. Se alguém acreditar que algo está correto no nível do Juízo Foraclusivo, é um macaco. Pode-se usar a ferramenta, mas não há que confundir-se aí. Isto é o oposto radical a qualquer *posição ideológica*, de qualquer formação religiosa. As religiões dizem que, se não acreditar, não funciona, ou seja, só funciona no sintoma. É preciso um apego forte a uma ordem sintomática para funcionar. O que diz a psicanálise é que, se alguém acreditar, está ferrado. A não ser que se tenha *fê* no que acabei de dizer. Mas como ter *fê* em Coisalguma, a apenas movimento pulsional? Como sabem, *fê* nada tem a ver com crença. As religiões falam em *fê*, mas é *fê* na crença delas. Se alguém tem *fê* em alguma crença, é um bicho. A ideologia não depende da configuração do texto, e sim da posição da pessoa diante dela. O cristianismo é uma narrativa interessante, com ensinamentos bacanas, dá para fazer filme, romance, mas é só isso. Pode até ser usado como ferramenta, mas, quando se tem *fê* nele, acabou-se tudo. O que faz uma ideologia ser verdadeiramente uma ideologia é quando se coloca *fê* naquela crença. Sem *fê* ali, aquilo é uma narrativa como outra qualquer, idiota.

- P – *Todo discurso tem um fundo ideológico?*

Não. Tem um fundo sintomático. Basta ver que há quem diga por aí que é um psicanalista católico. Há como entender esta possibilidade? Já ouviram falar em Joseph Nuttin? Um horror! Eu ficava desconfiado de Françoise Dolto por ela ser cristã...

- P – *Então, a gente não para de fazer análise porque não faz análise?*

Acho que não faz. Corrijo o que disse antes: Lacan fez. Não o conheci nesse momento. Algum tempo depois que voltei para o Brasil, o pessoal lá narra que, antes ainda de ser tomado por problemas neurológicos, ele foi fazendo silêncio até não mais falar nada. Não podemos nos esquecer de que a psicanálise faz sintoma. É uma intoxicação como outra. Bartleby, por exemplo, é alguém que fez análise: “É melhor não!” (Lacan, aliás, tinha um manejo admirável do dinheiro. Em sua sala, à esquerda, havia um divã com uma poltrona – na qual dormia enquanto a gente falava –; à direita, uma lareira cheia de retratos de Judith, sua filha e sua paixão; e, em frente, uma escrivaninha século XV, sobre a qual jogava o dinheiro que recebia. Era uma montanha desarrumada em exposição. De vez em quando, ele pegava um monte, ia para a sala de espera, gritava para sua secretária e despejava aquilo tudo: “*Gloria! L’argent!*” Era uma cena grotesca). Lacan chegou a essa coisa maravilhosa, a que acho difícil alguém chegar, que é quase paranoia zero. Não adiantava insistir com ele, pois você falou, mas não disse nada. Então, ele não escutava.

- P – *Para quem começou com Hegel, é admirável.*

E não era teatro, era espontâneo. Morro de inveja por não ter conseguido isto. Se algo não batesse Lá, você não falou nada. É um mal-estar horrível. Uma vez, cheguei a discutir com ele, quase brigando – e, depois, percebi que ele não estava escutando. Eu deveria estar falando merda, se não, ele me ouviria. Outra vez, fiquei quinze minutos com ele – o que é um absurdo, pois as sessões duravam bem menos – e, ao sair, vi que o pessoal da sala de espera me olhava como se eu estivesse surtado. É que Jacques-Alain Miller tinha publicado um desenho errado do nó borromeano na revista *Scilicet*. Mostrei a Lacan no final da sessão. Disse ele: “*Pas question!*” Mas ficou uns sete minutos olhando e, depois, disse: “*C’est vrai!*” Vejam que foi isto que fez a sessão durar tanto. Quando o conheci pessoalmente, a primeira vez, ele tinha a idade que tenho

hoje. Ao voltar, dois anos depois, ele estava pior, mais duro. Ele tinha uns truques muito bem feitos. Uma vez, fui a uma conferência de Michele Montrelay, no Institut Océanographique. Estava cheia e, de repente, certo tumulto: Lacan tinha chegado e sentara, quieto, lá atrás. Quando saí, ele conversava num canto com umas três pessoas. Parei e fiquei hesitando se falava ou não com ele. Quando percebeu a hesitação, ele, que estava de lado, acintosamente deu as costas. Ele fazia isto com analisando em qualquer lugar e momento. Já vi o outro lado, gente passando vexames horríveis em sociedade ao se dirigem a ele, que fingia que não via. Lacan, aliás, era melhor analista do que teórico, não deixava passar uma. É sempre caso a caso.

• P – *Em dado momento, quanto à interpretação, diz ele que, se não fosse o hic et nunc, seria igual à assinatura rerum, de Jacob Boehme.*

Signatura rerum: como se o nome fosse coincidente com a coisa. Mas isto não existe, é apenas pontual. Por isso, ele inventou a *pontuação*. Além de deslocarmos o sentido da frase mudando a pontuação, equivocamos. É meramente pontual. Logo, a interpretação não é nada. Jacob Boehme certamente acreditava poder coincidir o nome com a coisa.

9

Vocês estão num Mutirão de trabalho para tratar das questões da *Formação em Psicanálise*, sobretudo da *Tutoria*, sobre a qual já conversamos outro dia (seção de 25 fevereiro). Como não há tempo útil para tomar alguém que nos procura para Formação e fazê-lo seguir paulatinamente Freud, Lacan e os demais, há a sugestão de que os trabalhos partam da teoria da NovaMente, que os estudos sejam feitos por comparação e corroboração.

A sugestão está correta, mas acho um pouco difícil. Há um conjunto mínimo de ideias que a pessoa precisa saber para ser introduzida ao campo e ter uma visão geral. Se não, estará sem condições de dialogar e debater com os outros pensamentos. Lembrem-se de que só pude dizer o que disse criticando noções e ideias anteriores. Temos, pois, que inventar uma *didática* adequada à Formação. Embora seja mais difícil de controlar, acho que deveria ser um *estudo recursivo*. Ou seja, tomar elementos básicos de Freud, de Lacan, e imediatamente introduzir elementos básicos da NovaMente. Aí, retorna-se com mais Freud, Lacan, e assim por diante. Há também a questão histórica: Jung, Melanie Klein, Anna Freud... Não é para lê-los diretamente de início, mas há que saber, por exemplo, que há uma disputa entre Melanie e Anna. Há que saber que toda a psicanálise norte-americana é falsa. Melanie não é falsa, Anna é mais perto dos americanos, embora tenha argumentos importantes. A pessoa precisa entender o quadro em que estará metida. Se não, será como esses lacanianos por aí repetindo frases sem entender Lacan ou Freud. Não quero isso por perto, fazem mal à saúde. Por outro lado, se as pessoas passam a ter repertório, é possível chamar a atenção se estiverem repetindo besteiras. Não se trata, para os tutores, de ensinar, e sim de acompanhar o estudo daqueles que estão entrando. Vejam que o ponto não está nos conteúdos, mas na didática. O que os tutores têm como repertório tem que ser submetido ao processo didático do tutorando. Não se trata de ensinar, o vetor é o contrário: quem dá o curso é o tutorando. O curso é o percurso do tutorando. Fazer um programa recursivo é, portanto, o que me ocorre no momento, embora seja difícil, repito.

Cada pessoa é seu currículo. O currículo não é nosso. Se ela já conhecer Freud e Lacan, o acompanhamento de seu estudo será para adiante. O século XXI já é assim – embora as universidades ainda estejam aí insistindo no contrário (mas logo elas acabarão) – nos grandes centros. Eles têm conferências, mas o ensino é tutorial. O tutor – e, aqui, a pessoa deve ter vários, não apenas um – é aquele que encaminha o tutorando a ampliar seu currículo. Faz isto verificando se houve ampliação, discutindo, corrigindo e orientando os estudos. Repito, não é preciso ler os autores diretamente de início. Temos muitos recursos para apreender os conceitos não só psicanalíticos, mas também das outras áreas. Publicam-se, hoje, muitos dicionários e livros de divulgação que servem

bem para isto. O que já acontece no século XXI, em função da aceleração tecnológica, é que aquele homem pré-histórico que só coletava está de volta no Secundário. É o coletor. Vejam, então, que cada tutorando fará seu repertório por coleta. É o contrário das orientações acadêmicas que conhecemos – e muitos aqui, que são professores, a praticam –, em que o aluno é colocado dentro de um sistema e impedido de ver outras coisas. Pedi que lessem uma antiga entrevista de Michel Serres (*Petite Poucette, la génération mutante* – Michel Serres réclame l’indulgence pour les jeunes, obligés de tout réinventer dans une société bouleversée par les nouvelles Technologies [*Libération*, 03 set 2011]), pois lá já está esta visão de que estou falando. Mas muito antes disso, Anísio Teixeira já preconizava uma escola desse jeito. Temos ainda muitos bolsões pré-históricos, cheios de trogloditas, mas há uma garotada que já age de outro modo. A contemporaneidade nunca se dá por extenso. Peter Sloterdijk fala em *parques humanos* para designar isto. São grandes bolsões neo-etológicos que não vão se movimentar. Há que esperar que morram. (Basta ver os bolsões evangélicos ao nosso redor, que cultivam o cinismo. Fazem Formação em Cinismo, ovelhas muito bem conduzidas por seus pastores. Mas o fato de ser assim é até bom, pois o processo já está corroído por dentro).

Estou falando de uma inversão de vetores. Lacan é ilegível. Leiamos sobre ele, há muitos livros introdutórios que podem ser estudados. Quando me deparei com Lacan, nem sabia quem era. Ele me foi oferecido por Vana Piraccini, da livraria Leonardo da Vinci, onde eu tinha uma conta de compras e ela selecionava as novidades que pudessem me interessar. Um dia, ela incluiu os *Écrits*. Naquele momento, eu já sabia tudo sobre psicanálise – como sabem, estudo psicanálise desde os dezessete anos –, fui lê-lo e achei difícilimo. Mas como estava acostumado a ler Joyce, Mallarmé, Guimarães Rosa, e outros, achei genial, vi que era atual. Foi aí, mediante o texto, que entrei no lacanismo. Sei que, para a maioria das pessoas, é difícil. É preciso um vetor – já conhecer psicanálise em geral e ter leitura literária difícil – para enfrentar aquele texto ilegível de Lacan. Entretanto, como sua lógica não é ilegível, pode-se esquecer a baboseira textual e entender do que se trata. E mais, nessa época, eu já estava por dentro de outros campos de conhecimento: dava aula sobre o estruturalismo, a teoria da comunicação, a semiologia, a linguística, a lógica matemática...

Ou seja, estava por dentro do que acontecia em 1968. O que houve, então, foi: apenas entrou um autor de psicanálise que eu desconhecia, mas que estava num campo que eu conhecia. Aí, aproveitei para melhor estudar Lacan fazendo grupos de estudo, dos quais alguns que estão aqui participaram. Em meu curso de Semiologia na PUC, em 1971, introduzi Lacan. Em 1975, quando fui a Paris encontrar Lacan, já conhecia sua obra e levei revistas e livros que tinha publicado aqui sobre ele. Não fui lá para começar a aprender. Já conhecia aquele mundo, tanto é que ele me indicou para ensinar no Departamento de Psicanálise em Vincennes.

Falei isso tudo para compararmos com alguém que chega para a Formação em Psicanálise sem saber sobre essas coisas. Não se entenderá Lacan sem entender sua filiação: Kojève, Lévi-Strauss, Jakobson, Heidegger... Ele tirou o que pensou desse mundo, que então estava no auge. E quando, em 1977/78, fui a Paris para análise com ele e para dar aulas em Vincennes, aquilo estava em plena decadência lá, estava acabando. Os brasileiros não sabiam disto, pensavam que estava nascendo. Vejam, pois, que receberemos gente que, muitas vezes, é ignorante sobre tudo. Sem entender, por exemplo, o que são os embreadores em Jakobson, não se entenderá onde está o sujeito em Lacan. O que tenho produzido teoricamente tem engate com tudo isso. Portanto, não podemos tratar os que estão entrando como se já soubessem muito sobre psicanálise e as demais áreas do conhecimento. A falta de base cultural dos brasileiros os deixa sem referências, sem entender que os textos de qualquer autor são uma rede.

10

Tenho em mãos a *Obra Completa* de Adolfo Lutz. Trouxe para nossa biblioteca. Ele foi um dos maiores cientistas brasileiros nas áreas de epidemiologia e doenças infecciosas. Entrei numa livraria, a FNAC, vi um balcão de restos, de saldos, e lá estava esta obra por dez reais. Quero registrar como gente como ele é tratada no Brasil. Achei uma vergonha, e não quis deixá-lo ali sozinho em meio a tanta porcaria. Seu livro registra o que ele disse, mas o que ele fez no país é incrível, desenvolveu a medicina tropical.

• P – *Em continuidade ao que você falava ontem, penso que é preciso estudar a história da psicanálise no Brasil a partir do entendimento do que a Nova Psicanálise coloca sobre o pensamento freudiano como linkado aos movimentos do Modernismo e a autores importantes que pensam a cultura brasileira. Isto remeteria à linhagem que trata a cultura brasileira de modo analítico-crítico e faria o percurso recursivo de que você falava ontem. Ou seja, a introdução do lacanismo feita por você aqui foi mediante o capital cultural do país, e não por via direta do pensamento francês.*

É justamente disto que o pessoal não gosta. Há alguém que era amigo próximo de Oswald de Andrade, de Anísio Teixeira, que, mesmo não tendo estado na Semana de 1922, fez a nossa cabeça. Falo de Monteiro Lobato. Ele fez a minha cabeça não por historinhas de sítio do pica-pau amarelo no sentido em que mostram na televisão, e sim por entrar nas ciências e fazer uma crítica da burrice nacional. Tinha nove anos quando ganhei como presente de aniversário *Os Serões de Dona Benta*, um livro dele sobre ciência que me tomou inteiramente pelo modo como apresentava a necessidade de conhecimento. Depois, outro livro, *Reforma da Natureza*, em que o Artíficio está em luta com a bobagem. Ou seja, ele fez a cabeça de muita gente... que tinha cabeça, é claro.

E mais, ele *descrevia* a realidade da fazenda em que nasceu – e não cabe aí crítica alguma quanto a racismo como querem fazer hoje: está descrevendo, e não indicando comportamentos. As pessoas gostam de **confundir preconceito**

com conceito a respeito de uma relação social. Há muitas coisas que viraram sintomas reais, sobre as quais buscam proibir que se fale. Ao contrário, deveríamos falar, sim, para que não retornem, para que possam ir embora. É como se, em análise, ao apontar-se uma estupidez sintomática do analisando, ele dissesse que o analista é preconceituoso. É o provérbio zen que não canso de citar: “Aponta-se para a lua, e o imbecil olha para o dedo”. Há uma porção de comportamentos sociais inteiramente sintomatizados, e não se pode apontar para eles. São sintomas forjados pela situação, que precisam ser estudados e levantados. Os conceitos lá estão, basta saber lê-los. É preciso tomar essas coisas que chamam de preconceito e perguntar por que são ditas assim e como se fundaram os sintomas que têm esses nomes. Calar, proibir que se fale sobre elas, é pior. Observem o quanto há de sintoma instalado, conceituado, por aí que não se cura por não se querer falar e se chamar de preconceito. É, repito, igual ao que ocorre em análise: não se cura porque, se a pessoa não falar, não há como mexer naquilo.

Já que você tocou no assunto, gostaria de lhes falar sobre algo de que suspeito, mas que precisa ser pesquisado: a diferença entre modernismo brasileiro e modernismo europeu. Os vetores não são os mesmos. O modernismo europeu é daqui para a frente, o brasileiro é crítica para trás. É o pessoal lutando com a burrice nacional: Anísio, Lobato, Oswald, Mario, Raul, Gilberto, Sergio, Vianna... Mais adiante, aqueles que se aproveitaram da ditadura para subir na vida, o pessoal ao redor de Capanema – Villa, Drummond, Santa Rosa, Portinari... –, que também estava indo para a frente, só conseguiram alguma coisa com costas quentes, em cima do poder constituído. O modernismo europeu é desprezo para trás e ida para a frente. Na Europa, estavam empurrando para a frente. Basta lembrar que as artes no Brasil – arquitetura, pintura, escultura – foram bloqueadas pela Missão Artística Francesa de 1816. Na Europa, é a modernidade chegando – e o Imperador, ao contrário, manda trazer para cá os acadêmicos lá falidos: Grandjean de Montigny *et caterva*. A arte brasileira que existia como o que chamo de *maneirismo grotesco* em Minas Gerais – Aleijadinho – foi sufocada pela imposição acadêmica trazida pelo Imperador, Dom João VI. A Escola de Belas Artes e aquilo tudo no centro da cidade do Rio de Janeiro vem dessa cachorrada.

Quando surgem Niemeyer, Lúcio Costa e outros na arquitetura, eles não estavam apenas jogando para a frente, e sim brigando com a burrice passada. Le Corbusier, na França, está promovendo um passo, a Bauhaus também. Só têm que ir contra a reação ao que trazem, mas não brigam para trás. É diferente brigar contra uma reação e brigar para existir. Oswald era aquela porralouquice, pois não tinha como fazer diferente. Esses que mencionei da arquitetura também só tiveram chance pelo poder de Juscelino. Sem ele, não fariam o que fizeram. Vejam como é terrível o que acontece aqui: aquele que tem algo a dizer precisa se encostar num poderoso. Se não, é jantado pela burrice corrente. Tomem o Tropicalismo, cujo poder veio da movimentação anti-ditadura, que dava dinheiro. (Meu movimento não encontrou poder para segurar, ele foi sozinho). No final dos anos 1950, eu via Lúcio Costa, Portinari e outros passarem por mim com frequência. Eu os conhecia enquanto “garoto estudante falando com os Deuses”. Como secretário de arte (nunca quis cargo de eleição) do Diretório Acadêmico da Escola de Belas Artes, eu e os demais colegas tínhamos a luta de derrubar os atrasados em favor deles. Na rua de trás do Museu, em 1959, nosso grupinho de estudantes fez uma galeria de arte – que, suponho, lá ainda esteja – chamada *Macunaíma*, para brigar com o mundo. Ela foi inaugurada com exposição de pinturas de Di Cavalcanti, Portinari e outros. Fizemos isto para brigar com os acadêmicos, que eram herdeiros de 1816. Era um sufoco. Le Corbusier esteve aqui fazendo visita, Niemeyer entra na patota, mas não era algo nosso, vinha da França. Começou a ser nosso quando Juscelino chama Niemeyer para fazer a Pampulha. Os acadêmicos, quando veio o golpe em 1964, ficaram do lado da ditadura e caçaram os professores que não se alinhavam ao academicismo. Foi uma guerra feia, da qual a maioria de vocês não tem muito conhecimento. Aliás, acho Niemeyer um excelente escultor, mas um arquiteto medíocre. Em sua geração, havia gente melhor. Aquele pé-direito baixo no Palácio do Planalto é ridículo. Já, do ponto de vista escultural, ele faz coisas lindas: é só olhar de longe e não chegar perto.

• P – *Anísio Teixeira era uma figura ímpar, pois, ao mesmo tempo que trabalhava na estrutura do Estado, dizia coisas explosivas.*

Getúlio o colocou fora do Estado, e ele se exilou na fazenda do pai. Para fazer o que queria, precisava do Estado, mas o que dizia era insuportável pelo

Estado. Uma vez, ele me disse: “Você não tem filhos. Isso é que é um homem culto”. Perguntei: “Por quê, professor?” Continuou: “Os meus são filhos do Getúlio. Ele me colocou preso na fazenda, eu ia fazer o quê?”

• P – *Quando temos dois conceitos como Inconsciente Heterofágico e Inconsciente Macunaímico, com a ideia de Revirão, de Sem-caráter, como é possível, ao mesmo tempo, explicar a funcionalidade do aparelho da Nova Psicanálise recorrendo à tradição cultural que expôs isso como produção cultural brasileira...*

Os exemplos estão na Europa: surrealismo, Joyce... Mas o pessoal no Brasil pegou pela via daqui.

• P – *...e também entender a psicanálise no Brasil como a psicanálise do Brasil? Isto, por termos aqui um lastro cultural que é compatível com o pensamento freudiano.*

Não tinha a psicanálise no Brasil.

• P – *A linhagem da psicanálise institucional é médica. Ela se divorcia do médico no Modernismo...*

Procurei o tempo todo fazer inserções com nossa cultura e nossa sintomática de produção. Em geral, as pessoas não entendem isto, mesmo as mais próximas. Em 1985, organizei um Congresso que foi aberto com uma conferência de Gilberto Freyre, uma das últimas que fez. Coloquei como logomarca uma banana – e quase fui linchado pelas pessoas próximas. Já o pessoal de fora entendeu que era um grande achado... São pequenas coisas que vamos tecendo ironicamente, e aqueles do Brasil parece que não percebem. Até hoje, não se entendeu por que chamei a instituição em que estamos agora de *UniverCidadeDeDeus*. Acho este um nome genial por ser univercidade escrita com *c*, em função da favela aqui ao lado chamada Cidade de Deus. É uma grande ironia da história do Brasil: refere-se ao livro do imbecil do Agostinho. Esta é a cidade de Deus dele, uma favela. E ao chamar UniverCidadeDeDeus, estamos ironizando mais ainda. Sempre procurei montar os aparelhos de entendimento de modo inserido. Mesmo ao chamar de Nova Psicanálise não se trata de megalomania de achar que se faz uma nova psicanálise, e sim porque coisas do Brasil que deram certo contra o atraso foram: cinema novo, bossa nova, escola nova... É um hábito de nossa cultura chamar de “novo” ao promover rompimentos.

11

Só existe intervenção analítica à revelia. Não se deve fazer a suposição de que o analisando acolhe a intervenção. De preferência, não acolhe – mas, à revelia, aquilo vira sozinho. Por isso, ele acha que o analista não trabalha, que não está fazendo nada. A intervenção não é à revelia, mas é à revelia do analisando que ela funciona. É para isso que ele sonha, faz ato falho. A intervenção é inteligente, depende de uma sacação, e não necessariamente deve ser explicitada, pois o mais comum é suscitar resistência. O analista não deve parecer inteligente, deve *ser* inteligente.

• P – *O jogo transferencial é muito pesado...*

Muito. Em qualquer lugar.

• P – *...e a resultante das intervenções parece nos levar a pensar que não é à revelia.*

Se fôssemos pensar em termos de resultante, não seria *ana-lysis*. É para trás que observamos como a sintomática está construída. A intervenção analítica não tem juízo de valor, ela é em negativo. Uma coisa é, na conversa, manejar positivamente, mas quando toca no ponto é negativo, faz vácuo, não se está colocando algo. Lacan falava em *nonsense*, em retirar o sentido oferecido pelo analisando. Quando é muito esperto, o analisando chia até nessa hora, pois percebe a intervenção. Aí fica mais difícil, pois ele bate de frente com o analista querendo segurar o sentido que deu. No tempo dos freudianos de cabeça inchada, pensavam que faziam uma intervenção, acertavam na mosca e o analisando, então, respondia favoravelmente. Mas só pioravam. Há que entender que, se o analisando estrebuchou, é porque o que lhe foi devolvido entrou. É importante entender isso para ver a defesa que o analisando faz do sentido. É preciso dar tempo para o sintoma cair. E quando cai, o analisando não sabe porque caiu. Por isso, há pouco disse que ele acha que o analista não trabalha, que não está fazendo nada. Felizmente, ele acha isto, pois, se achar que ele trabalha, criará brigas, resistências, ficará reativo. É melhor que pense

que foi um acontecimento da vida. Aliás, quem trabalha é o Inconsciente, são as formações.

• P – *Há analisandos que entendem isso e têm mais competência, mais rapidez analítica?*

Há aqueles que têm talento, que gostam da análise, da modificação. Eles também resistem, mas têm uma inteligência que opera inconscientemente e que ajuda. É uma inteligência específica para a análise, pois a pessoa pode ser muito inteligente, mas completamente resistente. E mais, há analisando burro, que não sai do lugar. Seu Inconsciente já é burro. Burrice é algo do Primário. Se a burrice for mera questão de recalque, ao mexermos aqui e ali, a coisa se torna mais inteligente, mas há uma burrice que é genética. Antigamente, havia uma nomenclatura que eu achava boa. A pessoa era *oligofrênica*, o Tico não conversava com o Teco. Burrice não é analisável.

• P – *E quanto ao inteligente resistente?*

Há a facilidade de apelarmos para sua inteligência. Ela pode ser parceira do analista. Não se faz análise a não ser por via do Secundário, mas não há que ser tolo e achar que o Primário não esteja ali atuante. Só se o atingirá se conseguirmos um artifício secundário para nos aproximar. Isto não implica analisar sintoma físico, analisar algo que esteja fisicamente estragado. Depois que soubermos qual é o estrago, será, aí sim, possível, em análise, considerar o estrago. Não há, por exemplo, análise de *autista*, pois ele não tem condição de fazer análise. Ou seja, ele pode ser cuidado por alguém que seja analista, e até melhorar. Só. Mesmo o chamado autista *savant* o que ele consegue é dominar certa área e, mediante isto, ir indo. Mas não sai do autismo. Em psicanálise antiga, ficam dizendo que ele não teve uma relação boa com a mãe. É tudo besteira, pois nunca teve nem terá relação boa com ninguém.

• P – *Na DSM 4, o que temos são descrições de comportamentos, e não conceituações.*

Eles querem captar o *transtorno*, como chamam, pelo anedotário. Não têm a ideia de **formação mínima**. Não é preciso chamar de estrutura, pois as formações mínimas são evidentes. Por exemplo, *bipolaridade* é uma formação mínima, que funciona de maneira patológica ou não. Já lhes disse que a bipolaridade é a nossa condição. A plasticidade cerebral é isso. O que chamam

assim por aí está restrito a mania e depressão, mas é possível usar a bipolaridade original da espécie até para modificar essa binariedade. Ao invés de bater de frente com ela, há que usá-la para desconceituar tanto mania quanto depressão. À revelia, mesmo a pessoa não entendendo, ou não querendo entender, ela escorrega de uma para outra. Qualquer coisa que desestabilize a repetição pode ser usada. Freud falou de *Bahnungen*, dos *trilhamentos* que ficam se repetindo, que não só devem ser desmotivados, como se deve oferecer outras trilhas. Outra formação mínima é a demanda histérica. Chamemos de *mania de demanda*. Quem tem isso? O que se chamava de histérica antigamente. *Mania de procrastinação*, quem tem? O chamado obsessivo. São coisinhas evidentes, que vemos nas análises. Anotar como cada um apresentará o conteúdo disso é inócuo. Trata-se, sim, de sacar o funcionamento e ver como está funcionando nessa ou naquela pessoa. Fica simples, mais fácil.

• P – *Sempre que ouço analistas querendo atribuir a eles os avanços na análise de alguém, fico com restrições. Isto porque vejo que as análises são diferentes de pessoa para pessoa e, por se tratar de transas de formações, há muita coisa envolvida e não apenas a figura do analista.*

Quem tem restrições, não deve ir ao analista. Se alguém vai ao analista, vai na suposição de que o trabalho dele será efetivo. Se o trabalho da pessoa já fosse efetivo, não precisaria ir.

• P – *Não posso partir do princípio de que o trabalho do analista é enorme, mas que o analisando deverá também estar junto contribuindo para que avance?*

Contribuição de analisando é falsa.

• P – *Quem trabalha, então, é só o analista?*

O Inconsciente do analisando opera, trabalha muito mais do que o analista. O Inconsciente do analisando é que é o escravo, trabalha como um desgraçado. Por isso é que sofre. Já estava trabalhando antes e, quando recebe a intervenção, trabalha de outro modo. Se, ao ir ao analista, a contribuição do analisando fosse válida, ele não precisaria ir. Por que se vai ao analista? Porque, sem o trabalho de uma escuta neutralizada capaz de fazer deslocamentos, não se vai a lugar algum. Por isso é que existe analista pior, melhor, intervenções mais e menos adequadas. A operação feita pelo analista vai desencadear trabalho no

Inconsciente do analisando. Mas se ele quiser contribuir com a análise, temos que lhe dizer para parar, pois estará atrapalhando. Analista não nasceu ontem para acreditar em contribuição. Sabemos desde Freud que a pessoa vai à análise para *não* se curar. Ela pede análise para destituir o analista.

• P – *Toda pessoa vai à análise para não se curar?*

O que ela faz como suposição de cura é exatamente a doença. Temos, então, que saber que o analisando é quase um inimigo. Ou seja, pede análise para contrariar o analista. Este é o truque do Inconsciente, o truque dos processos de recalque. A histérica pede para ser amada e, se for, vai decepcionar o outro. Sabemos que não se pode amá-la. Se o fizermos, ela nos despreza. O obsessivo nos derruba, nos destrói, se deixarmos. Isso é o normal, é assim que funciona. A diferença entre a psicanálise e a psicologia é que esta é positivista. Notem também que a diferença entre as teorias políticas e o pensamento de Maquiavel é nenhuma. Ele diz na cara das pessoas como a coisa funciona. É, aliás, seu erro, pois dirão que ele é um monstro e tentarão prejudicá-lo. Não, monstros são aqueles que funcionam do modo como ele aponta. Assim, após um bom percurso de análise, nos damos conta do monstinho que lá estava dentro de nós e que foi levado para o analista. É um monstinho por quê? Queria ser o quê dentro da educação que recebeu? É essa monstruosidade que recebemos. É assim que somos formados. E a pessoa pensa que vai ao analista para o monstro dar certo. Ela acha que conseguirá que o monstro seja como ela quer. O que o analista lhe dirá é que, se conseguir, ela estará danada, é melhor não conseguir. E quando a análise começa a dar certo, o que aconteceu? O monstinho começou a perder força, a se reconhecer com aquelas monstruosidades. Aí fica frouxo, mais solto, elas podem ser talvez abandonadas. Mas o que ela leva para a análise é seu monstro.

• P – *O que se ganha na análise são recursos para articular cada vez melhor suas questões?*

Note que, por outro lado, a pessoa pode ter excelente articulação em outras áreas, o que é pior ainda. Ela se arma de tal modo que o processo fica emperrado. Um filósofo cartesiano, por exemplo, em análise, será uma disputa infernal com o analista. Lacan dizia que um verdadeiro católico não é analisável. Verdadeiro quer dizer que a formação *católico* rege todos os processos da

pessoa, é uma defesa inexpugnável. Ele falou de católico porque ele, Lacan, o era, mas podemos falar o mesmo do muçulmano. Se a pessoa montou um aparelho de sobrevivência e de crença desses bem construídos, a análise é praticamente impossível, pois aquilo não mexe.

• P – *Você falou o mesmo sobre o alcoolismo.*

É praticamente impossível analisar um alcoólico. Ou ele para de beber, ou a análise não começa. Não funcionará, pois o prêmio contra a intervenção analítica é grande demais. É só beber que está premiado. Já botei alguns para fora por falta de condições de análise.

• P – *Isso que você disse sobre ser melhor não saber o que está se passando na análise não é um problema se quisermos falar de nossa análise?*

A pessoa dará depoimento do que supõe estar acontecendo lá. Sobre tudo nos primeiros momentos, é melhor que não se saiba o que está acontecendo, pois o Inconsciente vai trabalhar e o depoimento será, como disse, sobre o que se supõe estar acontecendo. Isto, mesmo que não se saiba o que está acontecendo. Não se trata de ter entendido que “se isto, portanto aquilo”. E há também uma questão de velocidade, de cair a ficha. Com que velocidade cai a ficha de alguém em sua análise? Já, em meu final, quando estava com Lacan, algumas – poucas – vezes saía da sessão com vontade de esganá-lo. Logo mais adiante, na esquina, eu me dava conta de que a besta era eu que não tinha pego na hora o que ele disse. A ficha demorava um quarteirão para cair.

• P – *Em tudo que você falou é uma questão de sintoma?*

O sintoma gruda na pele. Vejam o caso das mulheres, que, além de serem doidinhas – é uma questão de nascença, de Primário –, têm a formação cultural que têm. Já o homem, este, é estúpido, não sai do lugar, é fechado. O que há nele é grosseria, falta de refinamento, de sensibilidade, de uso da inteligência no mundo (só sabe usá-la na profissão)... Por isso, elas são mais eficientes em análise, resolvem melhor. Ser doidinha é mais fácil que ser estúpido. É claro que a humanidade tem pessoas de alto nível, que conseguiram ser brilhantes, soltas. Se não, não andávamos para a frente. A humanidade é movida por duas coisas: a *escravidão* da maioria imbecil e a *obrigação* da minoria genial.

12

• P – *A psicanálise não terá sofrido certa redução em seu escopo geral ao tomar a linguística como referência forte? Muitas das sacadas de Freud sobre as formações do Inconsciente não diminuem sua força conceitual quando se toma a vertente do falar, da fala, da linguagem?*

É uma faca de gumes. Este é um problema que vocês terão que resolver, pois temos essa situação hoje no planeta freudiano. O pobrezinho do Lacan era da IPA, chegou até a ser presidente na sociedade da França. Ele estava se deparando com a pior abominação que aconteceu na história da psicanálise. Hoje, estamos mais ou menos salvos porque ele trabalhou contra aquilo que era a total destruição do pensamento freudiano. Sobretudo, contra a força que teve o grupo de Anna Freud na Inglaterra e a força do pessoal norte-americano. Lacan não se conformou com a situação e começou a operar de outro modo. De saída, nem tomou a linguística, pois nada sabia dela, e foi para o seminário de Alexandre Kojève. Trabalhou durante seis anos com aquele grupo de intelectuais franceses – Georges Bataille, Jean Hyppolite... – que também frequentava o seminário. Ele procurava salvação no Hegel, no Hegel de Kojève. O que tinha de bom lá era o recurso forte de Hegel à ideia de Dialética. Ideia que balançou as estruturas daquele pessoal – infelizmente, por um lado, e felizmente, por outro. A psicanálise de Freud, e desde Freud, ficou demasiado ancorada na *fala*. Acho que era sintoma de Freud, embora fale de outras coisas em sua obra, não suportar a presença do analisando. Tinha um afastamento, nem queria olhá-lo. Só o escutava – o que virou a história de que psicanálise lida com a escuta. Não é verdade. Ela lida *também* – e mesmo majoritariamente – com a escuta.

Era aquela bagunça americana e inglesa – e felizmente havia Melanie Klein para fazer contraponto a Anna Freud. Esta, aliás, ficou muito doente por causa do pai, que fez muita porcaria ao analisá-la. Ficou recalcada demais a ponto de ser uma das primeiras a dizer que homossexualidade não tem cura e que homossexual não pode ser analista. Logo ela, que era essencialmente

lésbica. Freud descobre isso – que, para ela, homem nem pensar – em sua análise e, ao invés de deixar solto, resolve puxar o freio de mão. Resultado: ela não conseguia transar com ninguém. Freud começa a fazer sua cabeça no sentido de ela se dedicar sublimatoriamente ao pensamento e ao trabalho intelectual. Forçou a barra para esse lado – e ela foi. Foi de tal maneira que se casa com a tal moça, adota os filhos dela – queria ser o pai deles –, e não transava com ela (e, repito, nem com ninguém). Resultado: transava com a psicanálise fazendo as besteiras que fez. Eis um caso de fracasso analítico, de alguém cercado de lésbicas doidas. Acho admiráveis aquelas mulheres loucas do modernismo, que andavam com Ezra Pound, Havelock Ellis..., que faziam escândalos sexuais. Anna, não. Era uma moça recatada. Na cabeça, só transava com o pai. A história do *Bate-se numa criança* é com ela, que só gozava pensando que ele estava batendo nela. Isso é que é tesão. Alguém aqui ainda pensa que a psicanálise é santa? A história da psicanálise é uma imundície, sabemos que só tem doido.

Retornando, Lacan fica com a batata quente. Fazer o quê com aquela kojevada toda? Não podia seguir exatamente Hegel por causa de sua (de Hegel) vontade historicista e historicizante. Ele dá a sorte de ler dois autores: Roman Jakobson e Louis Hjelmslev (ele só confessa ter lido o primeiro). Quando quer esculhambar Jakobson, não tem coragem, pois era o mestre, então escolhe C. K. Ogden e I. A. Richards para dar uma porradinha. Com toda razão, pois estes fizeram bobagens demais. Já lhes disse várias vezes que meu *Gnomo* não é o *referente* de Ogden e Richards. Então, como descobre que o trabalho analítico é no regime da fala e da escuta, Lacan joga tudo sobre a língua e a linguagem. Não pensem que ele é estúpido, pois percebemos que não presta atenção apenas nisso. Entretanto, sua teoria está ancorada na ideia de linguagem que tem como modelo a língua e, conseqüentemente, a linguística. Foi aí que saltei fora de Real / Simbólico / Imaginário para colocar a Tópica do Recalque: Primário / Secundário / Originário. Isto para ancorar o que, na psicanálise, parece ainda desancorado da *carne*. Lacan tentou recuperar isso no seminário XX, que traduzi para a língua brasileira. Intitulou-o *Encore*, o que traz o corpo (*un corps*) para dentro da consideração. Como disse no início, isso tudo é meio difícil. Vocês é que terão que resolver.

Em minha aparente brincadeira ao dizer *L'Inconscient est structuré comme on l'engage* estou ainda me referindo a uma frase de Lacan sobre a psicanálise engajar as pessoas a dizerem besteiras. Para ele, é por aí que a verdade aparece. Então, se quiserem continuar minha frase, poderão dizer: *L'Inconscient est structuré comme on l'engage à dire des bêtises*. Faço esta brincadeira porque, se há Hegel (o de Kojève), Heidegger, e Saussure começa a emergir, Lacan embarca direto no movimento linguageiro. Isto ocorre sobretudo por causa do embarque de Lévi-Strauss nisso.

• P – *Nessa mesma época, Lacan embarca na cibernética e na teoria da informação. Depois, ele recua e faz uso dos conceitos destas duas por dentro da estrutura linguística. A suspensão que faz do signo de Saussure, com ênfase na espessura da barra S/s, vem da noção de bit da teoria da informação.*

Naquele mesmo momento em que aconteciam a linguística de Saussure e a vertente de Jakobson, havia o movimento da teoria da comunicação pela cibernética e pela informática. Aquilo tudo se juntou. Lacan lá estava olhando para um lado e outro e resolveu largar esse lado cibernético e ir para o outro. E mesmo leu esse lado mediante o outro. Temos que entender a cabeça de alguém se virando para sobreviver, para não pensar que o que trouxe é a fala de Deus. Trata-se para ele de resolver um problema.

• P – *Ele precisava se livrar da noção de significado de Saussure.*

De Saussure e dos americanos. Ele não entendeu a frase *the meaning of meaning*, de Ogden/Richards, e, mesmo assim, fez certo. Ela significa “o sentido de sentido”, mas Lacan traduz por “o sentido *do* sentido” e acaba com aqueles dois panacas que reforçavam a psicanálise norte-americana do ego, do significado... Ele foi genial com a ferramenta de que dispunha.

• P – *Há também a presença de Merleau-Ponty que trouxe elementos para rechear de carne – la chair du monde – esse significante.*

Lacan saiu de lá. Merleau-Ponty andava com a patota dos surrealistas. Quando Lacan publica na revista dos surrealistas, *Minotaure*, um texto sobre o crime das Irmãs Papin – *Motifs du crime paranoïaque* (1933) –, quem imediatamente fala sobre ele é Salvador Dalí. Vejam que, no contexto nojento que encontrou, Lacan faz uma faxina. Não esquecer de que, sempre que algo tem sucesso, está matando algo. Por exemplo, o sucesso de Oscar Niemeyer, de

cujo trabalho não gosto, matou a arquitetura brasileira. No entanto, ele fez o que o Brasil nunca fizera. A pessoa consegue, fica poderosa, famosa e destitui outras. É assim que as coisas acontecem. O lacanismo, por sua vez, hoje, não deixa outro discurso ser ouvido. Então, quando Lacan é bem-sucedido, acontece o mesmo que acontecia com Marx (que não era marxista). O marxismo é títica, Marx é bem mais aberto, mais solto, menos concebido, do que essa esquerdice que tem vigorado por aí. Ele estava pensando, mesmo sendo ativista. Já lhes disse que o fracasso de Lacan é o lacanismo. Todos ficam brincando de significante quando não se trata disso. Basta olhar para o que faz Lacan: ao perceber essa brincadeira deslavada indo para o brejo – ele não era burro, não era lacaniano –, deu um salto para o lado da topologia, a qual exigia que fosse *concreta*. “Não me venham com desenhos, tenho que segurar os nós”. Estava desesperado, querendo sair daquela loucura – e inventa a *matemática*. Aquilo é um momento da história da psicanálise, é datado. Ou seja, Lacan *respondeu* muito bem ao momento, àquela situação precária. E já está virando coisa precária de novo. Como não têm a cabeça dele, que está aberta e pensando, tomam aqueles esqueminhas e diminuem seu escopo.

Como sabem, o que faço – se está certo ou errado, não é problema meu – é tomar “o Inconsciente é estruturado como uma linguagem” e perguntar: Sim, mas o que não é? Isto, contra Lacan, que dizia claramente que “nem tudo é linguagem”. O que digo é: Sim, tudo é linguagem – desde que se amplie o conceito de Linguagem para *Articulação* pura e simples. Esta definição que dou não destrói o pensamento estrutural, ela o inclui. Não se deixa de reconhecer que há estruturas.

• P – *Seu teorema não se baseia na noção de diferença apoiada no conceito de falta como era o caso do estruturalismo do qual Lacan participou. Para você, a diferença é resultante de uma Quebra de Simetria radical.*

E o Haver é Linguagem. Há tempo, disse: Revirão, ou seja, a Linguagem. Isto muda o conceito de Real, que, em Lacan, é negativo e aqui é positivo. Além do mais, não estou negando que a falta compareça, e sim afirmando que ela comparece por causa do excesso. Ela é resultante da estrutura excessiva. Notem que digo outra coisa, a qual não existiria sem Lacan ou Freud.

• P – *Você falou que o importante, em Hegel, é o recurso à dialética. Por quê?*

A dialética é fundamental não só na cabeça de Hegel, como na de Platão (em que já estava sem este nome exatamente), na da Escola de Frankfurt... Diante do fato de ela estar sempre em jogo, pergunto: Esses caras inventaram a dialética? Não. Ela está em jogo porque a mente é: Revirão. Porque o Haver é Revirão (quando não está estagnado num sintoma). Não é, portanto, a filosofia que inventa a dialética para introduzi-la no mundo. Ela se dá conta de que a mente é Revirão. Faz isto sem falar da mente, e sim da dialética como filosofia. Vejam que invertei os polos, pois, para mim não se trata de dizer que o pensamento é dialético. É preciso haver uma máquina que seja assim para pensar assim. Daí sai a ideia de Revirão para haver dialética. A dialética sai do Revirão, e não o contrário.

• P – *E aí já estão correções quanto à suposição de que haveria uma síntese final.*

O que há são *Próteses*. Próteses vão se produzindo, sem fim da história, destino... Marx tomou de Hegel a ideia de que a história funciona com destino e que necessariamente chegaria à ditadura do proletariado, e ao comunismo. Isto jamais acontecerá porque a prótese não para. Inventa-se comunismo, e logo inventa-se uma para ele. Será sempre assim, e a coisa vai ficando dissoluta.

• P – *Podemos dizer que, em sua reformatação da psicanálise, há uma generalização do que, em Freud e em Lacan, era mais regional?*

Suponho que sim. Ao dizer Inconsciente = Haver, e Linguagem = Revirão, abstraiu-se geral. Uma vez essa maquininha em funcionamento, qualquer conteúdo nela posto começa a gerar filhotes. É como se esta espécie – que, na definição de Lacan, é suposta *ser falante* – fosse herdeira de uma estrutura muito mais genérica. A desculpa que dou para isso – e é a única que tenho – é o *Princípio Antrópico*. Vejam, portanto, que o modo de considerar é diferente. O paradigma da Linguagem não é a língua. Por que teria que ser? Antes de haver a espécie falante, o que organizava o Haver? Qual é a fala dos dinossauros? Não estou falando em discurso, e sim em fala. Eles não conversavam? Se não houvesse conversa, morreriam de fome. Qual é a fala das amebas? Linguagem é isso. Como não gosto dessa glossêmica – ou seja, de referir o modo ao órgão

que fala, pois não é ele o paradigma –, o nome que dou é *semiose* ou *sematose*. São termos que estão no dicionário. O Haver não é feito de linguagem, e sim de *semiose*. O Haver é semiótico.

• P – *Em 1976, você falou em Semasionomia. O título de seu Seminário era: Senso Contra Censo: Introdução a uma Semasionomia.*

O Haver é semasionômico, mas a Semasionomia de que falei é nossa operação de administrar a *semiose*. Nunca desenvolvi a semasionomia, mas ela diz respeito, por exemplo, à *Clínica Geral*, de que lhes falei em 1986 quando introduzi o Pleroma.

• P – *Em seu projeto, também foi importante a presença de Marcel Duchamp, que explodiu a linguagem na ordem da obra de arte.*

Sim. Sem Duchamp, não sei se pensava direito. Cito Duchamp como sendo a fonte, mas não é ele sozinho. Há outros: Raymond Roussel, o Duchamp da literatura; James Joyce; Guimarães Rosa; Mallarmé; Ezra Pound, apesar de seu suposto mau-caratismo... Se Lacan, para poder transmitir, partiu para uma estilística pesada, chatérrima, não há como esquecer que ele era contemporâneo desse pessoal. Dizem que é barroco, mas há nele um tanto de Maneiro que respeito. Como sabem, para mim, a fonte, a grande expressão do maneirismo na literatura, e não nas artes plásticas, é ibérica: Cervantes, Camões, Baltasar Gracian, Calderón de la Barca... A escrita de Lacan é rococó, mas ele tem grandes tiradas maneiristas. Pior, Lacan é gongórico. O maneirismo é parafrásico e parodiástico, mete a mão em tudo. Tentei fazer isto num livro intitulado *Aboque / Abaque* (publicado em 1974), sobre o qual Raimundo Magalhães Jr., da Academia Brasileira de Letras, disse que o texto era pastiche, mas é maneirismo mesmo descarado.

Para terminar por hoje, lembro que sugeri que lessem Max Stirner, *O Único e sua Propriedade*, originalmente publicado em 1845. Juntamente com Nietzsche, ele coloca em questão a ideia de altruísmo. Reforço que um egoísmo bem trabalhado é que é a fonte de todas as virtudes. É alguém ser tão egoísta que quer que tudo funcione bem, que todos sejam ricos. Só para não ser aporrinhado pelo mau funcionamento, pela pobreza.

13

Às vezes noto que há certa dificuldade em estabelecer distinção razoavelmente nítida entre as posições da NovaMente e as anteriores. Sobretudo, quanto ao lacanismo. Quero deixar alguns pontos esclarecidos para o desenvolvimento não ser tão ambíguo.

Acho que ninguém foge de certa configuração sintomática de base. Ela inclui um termo fora de uso, que é o *temperamento*. Zoologistas e veterinários falam em temperamento dos bichos, e acho que têm razão. A ideia tem a ver com tempero de comida e com o balanceamento das coisas. Em termos de música, o livrinho de Bach é *Cravo Bem Temperado* por ele ter temperado a sonoridade. Trata-se, então, de organizar de certo modo o funcionamento. No caso dos bichos, é de nível primário, auto e etossomático. No caso das Pessoas, suas formações auto e etossomáticas acabam se exprimindo de determinado modo que, juntamente com o Secundário que se sobrepõe a essas formações, vêm a constituir um Sobretemperamento. Mas o temperamento permanece nas pessoas. Por exemplo, ao dizermos “gosto não se discute”, de onde vem esse gosto? Acho o gosto algo fundamental, pois, comparando a fisiologia, a química, etc., de alguém com certo tipo de sabor, de temperatura, de cor, aquilo tem que bater com seu gosto. Na relação física entre pessoas, dizem que há uma química. É o temperamento, que tem que bater. Suponho que ninguém faça escolhas, mesmo teóricas, sem participação do temperamento. Na história da filosofia, cada um escolheu um rumo que é o de seu temperamento. É claro que, quando se trata de um pensador, é através desse rumo que ele vai tentar generalizar, abranger. Mas sentimos qual é o rumo dele. Por isso, há tantas escolas: naturalista, materialista... O mesmo vale para o campo da ciência. O cientista escolheu por ter um temperamento, ou um sobretemperamento, que caminha nessa direção. Em termos de Lacan, trata-se de saber qual é a *verdade* da pessoa. É, pois, importante cada um descobrir qual é a sua *vocação* – eis outra palavra antiga. A vocação de cada um vem dessas coisas todas.

Se alguém consegue escolher um caminho próprio – e a maioria das pessoas está sempre alugada a caminhos que não são seus –, ele é aquilo que tem para exprimir. Então, em termos de pensamento, de teoria, procuramos as linhagens dos autores. Por que alguém escolheria interessar-se por Freud e não por Kant? Uma das coisas que aconteceram comigo, e que prezo muito, foi não conseguir – ou não querer – deixar-me alugar pelo pensamento dos outros. Assim, posso entrar em qualquer um, pois, nele, acharei meu caminho. Ele é meu, é de verdade. Faço questão que seja de verdade, nem que tenha que ficar sozinho por isso. Digo isso porque existe uma espécie de *inspiração sintomática* em certos campos. Eles servem de inspiração em função do temperamento, da construção sintomática da pessoa. A partir de determinado ponto, fiquei realmente tomado, invocado, pela psicanálise. Olhei tudo no pensamento de Freud, no pessoal ao redor, e fui bater em Lacan. Naquele momento, não havia nada melhor na face do planeta. À medida que vou me desenvolvendo, não apenas fazendo minha análise como desenvolvendo minha espontaneidade teórica, tenho que reconhecer o que é dele e o que é outra coisa. Lacan, para mim, é genial, inventou coisas incríveis, de alta funcionalidade. No entanto, não tenho temperamento algum parecido com Lacan. Não dá para mim ser um francês. Sou galego, luso-brasileiro, latino, com alguma pitada de judeu... O temperamento dele não vale para mim e, quando vejo, estou navegando para algum outro lado, ou desviando. Isso que foi chamado de Nova Psicanálise foi produzido assim. Não haveria sem Lacan, mas não é lacaniano. Não é mesmo. Mostrarei algumas divergências radicais, que não querem dizer que estou decapitando Lacan. Simplesmente, o caminho dele não é o meu. E mais, acho que aquele caminho já deu o que tinha a dar.

Tomo agora uma base sintomática clara de Lacan: **René Descartes**. O fato de ter subvertido – como intitulou seu texto: *Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo* (1960) – o sujeito cartesiano não significa que sua origem não seja aquela. Lacan é nitidamente cartesiano. Seu modo de operar a racionalidade é dentro desse espírito francês com indicação no século XVII de René Descartes. Sem Descartes, não há Lacan. Ou seja, o que produziu foi entrar no mesmo estado de espírito de Descartes, na mesma ordem racional, na mesma sequência de pensamento – e subverter. Qual é a subversão? O sujeito, que era

inteiro, que tinha garantia num Deus de tal ordem, etc., passa a ser um sujeito partido porque o Outro é furado. No que fura o Deus de Descartes, aparece o tal Outro barrado, com seu significante chamado $S(\bar{A})$. O que é, então, o lacanismo? Um cartesianismo furado. Ou seja, Lacan faz uma leitura francesa e cartesiana de Freud. Isto não diminui o fato de que o grau de subversão freudiana que introduziu em Descartes seja muito forte, pois mostra que não há garantia alguma para o sujeito. Ele toma o sujeito cartesiano, que é o sujeito da ciência, e o coloca como sujeito cindido, partido. Isto porque não há garantia no tal Deus que, em Descartes, garante o sujeito e o aparelho da razão como garantia de certeza.

É nesse mesmo escopo que Lacan diz que o Outro é barrado, o sujeito é fracionado, o Inconsciente é estruturado como uma linguagem, a qual é impossível de ser fechada. Por isso, não há *metalinguagem* possível. Lacan quer supor – outros autores, eu incluído, não supõem – que metalinguagem é o aspecto outro do Outro. Isto é, ao falar em metalinguagem, está-se dizendo que há uma linguagem capaz de dar conta de outra linguagem, de uma língua, fechando e garantindo como se fosse o Outro de Descartes. O Deus de Descartes é o outro do Outro? Não acho que metalinguagem seja isso. Para mim, é apenas uma linguagem que se usa para comentar, para abordar outra linguagem tão furada quanto a primeira. Ogden e Richards, que Lacan xingou – por não querer xingar Jakobson –, estes sim dizem que a linguagem fecha, que é preciso de um inglês de base que todos entendam, etc. Para mim, repito, metalinguagem nada fecha. Ela é *meta*, ou seja, é como a falecida metafísica. Se pensarmos nos termos de Lacan, não existe metafísica, é doideira falar nela. Supor que a metafísica trata da filosofia primeira, dos princípios, do primordial – ela trata, mas é tão furada quanto a física. Acho a sequência de Aristóteles – física, metafísica – mais heurística e didática do que teórica.

Quanto a mim, tomo René Descartes como base de pensamento? Não. Sou português de origem, repito. E meu original é: **Espinosa**, outro português. O modo de estar francês é cartesiano, o português é pão, pão / queijo, queijo. É o que está em Espinosa. Lacan, para falar dos maus tratos sofridos na IPA, citou Espinosa, mas o que ele tem a ver com Espinosa?

• P – *Ele disse mesmo, sobre o amor, que “Kant é mais verdadeiro”* (Seminário XI, última página).

Qual é o partido aí? O partido do binário. Espinosa é monista. Ou seja, nada há fora da realidade real. Não tem nada fora do Haver. Não adianta vir com lorotas de que tem corpo e alma, de que tem espírito... Não tem não. Há que lembrar desses pequenos detalhes. Qualquer pensamento monista não tem problema mente / corpo. Para ele, é homogêneo, a mesma coisa. Como sabem, para Espinosa, Deus é a própria natureza. Ou seja, Deus é *Physis*. E não é fechado, pois Espinosa não é bobo para dizer que Deus é metafísico ou metalinguagem no sentido do “Outro do Outro” de Lacan. Aliás, vejam que o Outro de Lacan é mais parecido com o Deus de Espinosa do que com o de Descartes, querendo ele ou não. Mesmo quando vai por essa via e subverte, ele cai em Espinosa. A única coisa que não faz é dizer que o Outro é o Haver, mas diz que o Outro é estruturado como uma linguagem. O que posso dizer na linhagem que é a minha é: Metafísica, isto não existe (ou, se existe, é parte da física). Só conheço a *física*, da qual podemos ter três níveis: a macrofísica, a microfísica e a infofísica. Não me venham com almas do outro mundo porque o mundo é o Mesmo. Não cabe, portanto, neste pensamento o conceito de Outro, muito menos de Grande Outro, e menos ainda de Outro do Outro. Se o Mesmo de que falo é fracionado e modalizado quando há a fractalização, uma coisa diante da outra é outra diante da uma. Em última instância, são o mesmo.

Ao dizer que nem tudo é linguagem, Lacan fica preso demais ao conceito de língua. Não direi que tudo é linguagem, pois não existe *tudo*, mas o Haver é Linguagem, é semiose. Se formos lá para trás na filosofia, o Haver é puro *Logos* – se não for puramente *Música*, como prefiro. O Haver é *Articulação*, no sentido que coloco de ART. As articulações não são do mesmo gabarito, são modais. Assim, o que é possível fazer é tentar *traduções*. A não ser que a física contemporânea, ou de mais um século, consiga realmente produzir o que querem, a Teoria de Tudo, o que não pode ser senão a descoberta de como é a Articulação de última instância. Isto feito, todos os caminhos das articulações poderão ser percorridos em análise das formações. Atualmente, só é possível fazer análise de uma formação mediante um aparelho qualquer – que pode ser chamado de metalinguagem – que comenta, ou traduz. Repetindo,

só podemos ter conhecimento, em sentido gnosiológico, como tradução. Ao inventar uma teoria física, química ou outra, estamos tentando, mediante certo tipo de linguagem – isto é, na transa desta linguagem e a outra linguagem diante de nós – produzir uma tradução. O mesmo ocorre numa análise. Na melhor das hipóteses, o que Freud chamava de Interpretação é tomar um aparelho conceitual (a psicanálise) e promover uma tradução. A relação é praticamente interlinguagreira, se não for intertextual.

Estou chamando de *Linguagem*, semiose, ou o que quer que seja, *qualquer processo articulatório resultante em funcionalidade*. Em Lacan, o modelo da linguagem é a linguística de Saussure e de Jakobson, com ele metendo a mão um pouquinho e separando o significante do significado. Todos eles partem da diferença posta linguisticamente. A fonologia de Troubetzkoy, de onde sai Jakobson é, de partida opositiva. Para ele, o fonema é um feixe de traços distintivos. Está certo, pois está lidando com uma ordem sintomática já existente e produzida num nível opositivo. A língua é produzida assim. Como digo, ainda que se pensasse numa formulação em termos de q-bits, com o Ponto Bífido na banda de Moebius e que, em função de esta realidade ser partida, vai-se entrar nela por via da mesma partição, todo pensamento dessa natureza tem que começar daí. Os monistas, sem prova ainda – um dia haverá –, dizem que é homogêneo, que tudo é a mesma coisa. Os processos vão se partindo, mas o **Haver há! E não-Haver não há!**

• P – *A Diferença na NovaMente é decorrente da Quebra de Simetria?*

A Quebra de Simetria, como Recalque Originário, funda o que é Inconsciente. O próprio Inconsciente, na repetição da Quebra de Simetria, perdeu um pedaço. A física atual já sabe disto. Qual é sua explicação para perguntar por que encontramos apenas matéria e não antimatéria? Se os físicos acham que deveria haver antimatéria, são monistas. Deve ter havido uma situação originária em que – ainda que fosse zero vírgula um milhão de zeros antes de um – havia uma coisa una antes do tal Big Bang. Após a explosão, segundo eles, tudo que vemos seria apenas um por cento, pois noventa e nove por cento foi comido por matéria e antimatéria que sumiu. A quantidade de matéria era pelo menos um por cento mais que a de antimatéria. Por isso, ela sobrou. (É a explicação deles, cada doido com sua mania). Disse isto para entendermos que,

se o não-Haver não há, a simples ideia de Quebra de Simetria, em seu sentido mais teórico – e isto não é a teoria da emanção (isto é aristotélico, mas não é Aristóteles ou Plotino) – é a repetição do processo de Quebra de Simetria dentro do próprio Haver. Então, o Inconsciente, que é o Haver, que é resultante do Recalque Originário, ele também sofre repetição da Quebra de Simetria em seu interior. Por isso, sempre um lado está recalcado, não está comparecendo.

A Nova Psicanálise é monista, e se quisermos um padrinho no Século XVII teremos Espinosa. Direi algo mais grave, difícilimo de demonstrar a não ser por uma intuição muito séria: *Somos aristotélicos*. Platão, este, é o chefe de Descartes e de Lacan. Aristóteles estava contradizendo Platão, que não é o dono da unicidade, e sim apenas um dos polos. Antes, isso já era bipolar com Parmênides e Heráclito... O irritante na Nova Psicanálise é não acreditar em alma do outro mundo. Vejam certas ideias como a de *eternidade*. Se formos platônicos, diremos que a alma morre, vai para o céu, deve haver algum lugar onde aquilo é eterno... Se formos aristotélicos, ou melhor, espinosistas, diremos que a eternidade existe, sim. Mas não somos nós os eternos, nós participamos dela que, ela, é eterna. Ou seja, o eterno é a Articulação, a Linguagem. Cada um pode morrer, pois isso continua e ele também estará lá. O que sobra de cada um é o que lá está. E já estava. Então, se quiserem chamar de *alma* a última instância articulatória, chamem. O processo articulatório é que é o Espírito, o qual é inteiramente físico. A cabeça mor de tudo que estou dizendo é Espinosa, que era odiado por cristãos, judeus e ateus. Deve ser porque estava certo. Portanto, a ideia de Recalque Originário, nesta teoria, chama-se: Quebra de Simetria – *fisicamente* concebida.

14

Algo difícilimo que é preciso estudar bem em Lacan é seu conceito de **verdade**, que não coincide com o conceito de saber. É fundamental no pensamento de Lacan o saber não dar conta da verdade. A verdade é a ser buscada no processo de expressão, sobretudo em análise. Ou seja, os saberes constituídos ou por virem a se constituir não têm a pretensão de dar conta do Inconsciente. O Inconsciente, este, fala a verdade. Os saberes não falam a verdade necessariamente. Mas se o Inconsciente fala a verdade, ele não a *diz*. Lacan, ao dizer “eu, a verdade falo”, está dizendo que, em análise, há que considerar que o analisando está falando a verdade. Tanto é que não tem outra coisa para falar. Mas ele não está *dizendo* a verdade. A verdade falar não é dizer a verdade. Mesmo quando se mente, a verdade está falando. Isso é o fundamental em Lacan: “Eu digo sempre a verdade, não toda porque as palavras me faltam”. Vejam que só falo a verdade, pois não sou eu que falo, e sim a verdade que fala através de mim, sempre. Não há outra coisa que fale senão a verdade. Mesmo que eu não diga a verdade, e muito menos toda. Isso é Lacan. Em nosso caso, não partimos do sujeito partido e tampouco estamos interessados em algum sujeito, ou em algum objeto. As partições em Lacan são cartesianas: sujeito / objeto, eu / outro... Para nós, essas são partições sintomáticas da língua. Lacan diz que “*A* verdade não existe”, ela não é possível de ser dita, mas existe verdade. Digo, então, que há uma contradição em seu pensamento, pois não é possível ele dizer isto sem apostar no fato teórico e axiomático de sua teoria.

Vejamos em nosso caso para entender. Não há Nova Psicanálise, não há NovaMente, sem eu garantir que estou partindo da verdade como se ela houvesse. “Haver desejo de não-Haver” é *A* verdade. Justamente porque o não-Haver não há, nunca mais verdade alguma pode ser dita a não ser esta. Estou dizendo que há um axioma proposto, postulado. A verdade é postulada. Não há isso de postular a verdade em Lacan. Digo eu que **ninguém pode produzir**

um aparelho teórico sem postular a verdade. Portanto, há algo escamoteado em Lacan. Prefiro dizer que não estou escamoteando, e sim dizendo que, para produzir a construção chamada Nova Psicanálise, postulo que sua verdade axiomática é Alei: “Haver desejo de não-Haver”. Isto significa que não-Haver não há, que só existe *desejo* de não-Haver. E se há Quebra de Simetria, nunca mais se pode *dizer* a verdade. A verdade fala, como está em Lacan, mas não se pode dizê-la pois está partida. Só se pode dizer a verdade dizendo: “Haver desejo de não-Haver”. Isso quebra tudo. Entendem a bipolaridade do fato? Se digo “A verdade é ‘Haver desejo de não-Haver’ como Lei”. Essa Lei parte toda possibilidade de dizer a verdade. Aí coincide com Lacan – mas *depois*. Por exemplo, a *falta* comparece, mas não é estruturante. Ela aparece depois do estruturante que é o Excessivo. O Excessivo é: pedir o Impossível. O desejo é: desejo de Impossível. Não há isso em Lacan. Aliás, ele diz que uma análise deve levar o analisando a entender que só se pode desejar o possível. Estou dizendo o contrário, que cada um precisa entender em sua análise que só deseja o Impossível – e que vai quebrar a cara. Que continuará desejando infinitamente.

Por isso, a análise não tem fim. A análise de Lacan tem fim por causa da suposição de só se poder desejar o possível. O que digo é que cada um jamais vai parar de desejar o Impossível, que sua análise pode, no máximo, entregar um reconhecimento disto. É aí que termina a Análise Propedêutica. A partir daí, em Análise Efetiva, vai-se em frente com ou sem analista, é problema de cada um. Repito, a sintomática desta construção teórica é espinosista. Portanto, não cabe misturá-la às frases de Lacan.

• P – *Você coloca a posição de postular teoricamente “Haver desejo de não-Haver” como Alei que aponta para o Impossível Absoluto, o qual, ao não comparecer, subsequentemente quebra todas as possibilidades de dizer A verdade. Com isso, você não estaria tentando evitar o looping de ter acabado de dizer um dito que cai sobre o mesmo caso dos outros ditos que você diz que não serão mais verdade? Ou seja, dizer “Haver desejo de não-Haver” seria um dito como outro qualquer. Por que ele escaparia e os outros não?*

Ele não escapa. Ele postula. É um postulado que promete um axioma. Está postulado que “A verdade é: ‘Haver desejo de não-Haver’”. Postular é pedir a alguém que segure aquilo para conversarmos. Se soltar, aí o que você

está dizendo tem razão. Ou seja, se postulo, estou pedindo que partam da ideia de que “A verdade é ‘Haver desejo de não-Haver’” como axioma. Isto é incontestável dentro deste discurso. Segurando isso, tudo depois estará certo. Se soltar, danou-se. Isto porque eu também não posso dizer a verdade. Não consigo dizê-la. O que posso é postular: “Faz de conta que...” É um postulado que pede que se tome isso como axioma. É um pedido, não tem garantia alguma. A única garantia é: se quiserem brincar com esse jogo, ele pode render muito. Se não quiserem, não brinquem. Criticando Lacan, isso que agora estou dizendo está oculto em qualquer teoria. Ou a teoria explícita que postulou, ou está denegando. Se disser que não existe a verdade em sua teoria, estará denegando, pois a verdade é a sua teoria.

• P – *Ao dizer que, em última instância, cada um tem que inventar a psicanálise, Lacan não está dizendo isso?*

Está dizendo que o Magno tem toda razão, que nunca teve um analisando tão brilhante – os demais nada inventaram. Ele está dizendo: se alguém fez análise direito, como pode me repetir? Como a maioria não consegue ir até o “rabo da palavra”, como diz Guimarães Rosa, fica repetindo o que achou de melhor. Se alguém conseguiu atravessar alguma coisa, tem que dizer de seu modo, é modal. Ele não consegue dizer de outro jeito. Não estou falando de mérito, pois ninguém merece nada. Algo aconteceu, e ele não tem culpa ou mérito algum.

• P – *Já Paulo Coelho acha o contrário, que “quando você realmente deseja uma coisa, todo universo conspira a seu favor”.*

Se você realmente deseja, você deseja o que o Haver deseja. O mesmo vale para Lacan ao dizer que o desejo do homem é o desejo do Outro. Traduzindo em nossos termos, significa que seu desejo não é outro senão o desejo do Haver. Qual é o desejo do Haver? Não-Haver. E o universo conspirará para você se danar, pois o não-Haver não há.

Vejam, então, que ao tentar dar conta da **psicose**, Lacan não tem saída. Já lhes disse dezenas de vezes que sempre leio o seminário d’*As Psicoses* como se fossem dois livros diferentes. Até o meio, vai se encaminhando para certo lugar. De repente, percebe que esse lugar não é compatível com sua teoria. Aí, inventa a Forclusão do Nome do Pai para manter tudo dentro da estrutura da

linguagem tal como ele a concebe. A lei como algo da ordem estritamente do simbólico. Por isso, tem que dizer que a psicose ocorre no simbólico.

Para mim, não há Foraclusão do Nome do Pai alguma. Pai é um acidente histórico, é Segundo Império mantido como nome no Terceiro. Lacan, como Descartes, pertence à ordem do cristianismo. Espinosa, não. Digo, então, que a coisa é muito mais material do que se pensa. Trata-se de um *HiperRecalque* violento nisso que chamam de psicose, e que chamo de Morfose Regressiva.

• P – *No HiperRecalque a referência é quantitativa, ao que pesa na rede...*

O que pesa na rede é Einstein: a gravidade deforma o espaço. É o que estou dizendo. Se o recalque já deforma o espaço, o HiperRecalcado é quase um buraco negro. Por isso, a pessoa pira. Se ela chegar ali perto, o HiperRecalque come.

• P – *... o que é um modo de entender por que você diz que Lacan começa um encaminhamento que deixa de ser compatível com o escopo da teoria pela qual ele se orientava. É por conta desse quantitativo que o obrigaria a operar dentro de continuidades, de séries contínuas, de homogeneidades que produzem qualidades por saltos, por intensidade quantitativa. Não há isso no regime do simbólico.*

Sim.

Para terminar hoje, como curiosidade, menciono que Descartes nasce em 1596 e morre em 1650, com cinquenta e quatro anos portanto. Falam de Espinosa e Descartes tão pertos um do outro que pensamos que são parilha. Não são. Espinosa nasce em 1632 e morre em 1677. Ou seja, quando nasce Espinosa, Descartes tem trinta e seis anos. É outra geração. Durante algum tempo, são contemporâneos. Descartes morre novo e Espinosa mais novo ainda, com quarenta e cinco anos. É uma diferença de pai para filho. Quando morre Descartes, Espinosa tem dezoito anos. Lembro isto porque, quando nasci, Lacan tem trinta e sete anos. É quase a mesma diferença. Aliás, na época, ele tem exatamente a idade de meu pai e a idade de Anísio Teixeira, *i.e.*, de todos os meus *países*. A diferença de geração é igual. Conheci Lacan pessoalmente quando eu tinha trinta e sete anos e ele tinha setenta e quatro, a idade que tenho hoje. Quando nasce Lacan, Freud tem quarenta e cinco anos, a diferença era maior, podia

quase ser seu avô. Os filhos de Freud são mais velhos, o *gap* é maior. Quando morre Freud, Lacan tem trinta e oito anos. É bom saber dessas datas, pois as presenças e ausências dizem muita coisa. No caso de Espinosa, a diferença é de quase uma geração. Tanto é que Espinosa começou estudando Descartes, produzindo um texto didático sobre a obra de Descartes. Repito, não só existe um *gap* entre eles, como há, primeiro, a tentativa de compreensão e, depois, o salto fora. Lembrem-se de que, antes ainda de Nova Psicanálise, eu era um divulgador de Lacan. Não escrevi um texto didático sobre ele como Espinosa escreveu sobre Descartes. Entendem como a coisa passa e vira? Talvez a época peça isso. É algo que acontece uma vez ou outra, pois a maioria fica na exegese e na hermenêutica sobre o texto do anterior.

• P – *Você poderia, então, dizer que, sem Espinosa – e não sem Lacan –, não há Magno?*

Isto, do ponto de vista histórico e do ponto de vista sintomático. Não precisei conhecer Espinosa para fazer o que fiz. Conheci-o depois.

• P – *Perguntei isto porque, no início, hoje, você disse que “sem Descartes, não há Lacan”.*

Eu disse isto. Verifiquem na gravação porque não gostei dessa frase. Entretanto, do ponto de vista referencial, está certo. Referido à história, no século XVII, sem aquilo, isso não existe. O pensamento europeu oficial, sobretudo o francês, *tornou-se* cartesiano. Basta passear por Paris para lá ver René Descartes, no metrô... É uma cidade cartesiana. Nem Lisboa, nem Amsterdã, são cartesianas.

• P – *Nem Nova York, nem Rio de Janeiro.*

Não esquecer que Nova York é uma invenção de holandeses. Não confundir com a reforma que foi feita na malha urbana da ilha de Manhattan.

• P – *Há a história dos judeus que foram expulsos do Brasil e foram para lá.*

Foram expulsos de Recife, que é a Amsterdã brasileira. E Amsterdã é uma cidade impregnada de portugueses, de judeus portugueses expulsos que foram para lá. A cultura de Amsterdã ficou impregnada de judaísmo português. O dia que conheci Amsterdã, achei que estava em Recife. A entrada no mar é como em Recife.

15

• P – *Em nossos estudos surgiu uma dúvida quanto ao que você fala sobre o peso das formações recalcentes que impedem o vigor mais solto do Revirão, da HiperDeterminação. Você já usou os termos gravidade, lastro...*

É uma ideia de quantidade, de intensidade. Qualquer ideia de intensidade está valendo. Depois do estruturalismo, de Lacan – embora ele não fosse esse estúpido que ditos lacanianos costumam achar que é –, largou-se de mão o quantitativo que está em Freud. Uma vez ou outra, Lacan fala em quantidade. Por exemplo, ao dizer que “depende da goela” do analisando, de quanto a pessoa consegue engolir.

Alguém aí já leu *Entrer dans une Pensée ou des Possibles de l'Esprit* (Paris, Gallimard, 2012), de François Jullien, que recomendei? Ele aponta com clareza, e acho que é o único a fazer isto, a distinção entre as – segundo meus termos – formações sintomáticas languageiras de uma cultura para outra, e as diferenças radicais entre a China e o Ocidente. E mais, que muitas vezes parece haver oposições, mas tudo está do mesmo lado. Por exemplo, judeu e grego têm a mesma postura. Isto nos ajuda a pensar sobre a *Postura do Analista*. A cada livro que publica, ele parece chegar mais perto do que quero dizer. Ele roça minha posição de Indiferença e de Indiferenciação quanto à análise, mas sai de fininho. Neste livro ele chega a escrever a palavra Indiferença e sai correndo. No final, faz um comentário sobre qual poderia ser o exercício de transa – que, como sabem, também é uma preocupação minha –, sobre o que fazer com esse mundo que vai globalmente cruzar as culturas. Isto, dado que há uma recusa geral de entendimento. Recusa, por exemplo, quando o Ocidente está crente de que chinês está ficando ocidental. Não está e não ficará. A pseudotradução que se faz aqui do pensamento chinês é reduitiva. Fingimos falar com os chineses, mas estamos falando para nós. Assim como os chineses fingem estar se tornando ocidentais, mas jamais pensarão de modo ocidental.

É a mesma situação que o analista encontra de analisando para analisando. A vontade de *interpretação* que há em ditos analistas é sempre projetiva. Estão projetando o que pensam e nada escutam quanto ao que é de lá, que nada tem a ver com o que é deles. É outra fala, outra linguagem. Mesmo os analisandos sendo ocidentais como eu, é difícilimo escutar no regime da diferença interna. Ditos lacanianos parecem não ter entendido muito o que Lacan disse e ficam projetando conceitos lacanianos nas análises das pessoas. O entendimento que Lacan teve do analisando não é projetável. Ele estava certo ao dizer que se tratava apenas de tentar ajudar a que compareça a verdade. E mais, para ele, Saber e Verdade são coisas radicalmente distintas. Não posso ficar projetando meu saber, tem que falar a verdade. Aliás, esta frase que acabo de falar é sem pé nem cabeça. Ou seja, a verdade tem que falar, pois a verdade ninguém diz, só mais ou menos.

• P – *Jullien, ao buscar a ponte entre China e Ocidente, coloca o conceito de écart – distância, afastamento – entre as duas culturas.*

Ele está procurando o que é possível. E o que é possível é: *tradução*. Tradução não é redução, e sim tentar dizer em minha língua o que é indizível segundo a língua deles. Há coisas na língua deles que não há na minha. Como fazer? A maioria não traduz, reduz. Acho mesmo que, sem um exercício como esse que Jullien propõe, fica difícil entender o que estou trazendo. Aconteceu que minha cabeça extrapolou o Ocidente. Isto, sozinho, sem estudar chinês. Mas tampouco ela é chinesa. Ou seja, o modo como eu, desde a adolescência, encarei a psicanálise, quando me dei conta já estava feito. Funcionou assim. Por ter funcionado assim, extrapola radicalmente qualquer formação já dada. Por isso, falo em Indiferenciação, em neutralidade, em pulsão de morte. Acho que o Freud que li na adolescência entrou por essa via. Para mim, foi ótimo, pois me propiciou dizer de modo diferente. A questão é: a Postura que proponho para o Analista – portanto, para sua formação e para seu movimento no pensamento, no mundo, etc. – é a de saltar fora, de não reduzir sua posição a nenhuma posição dada. Isto significa que a posição de Jullien, que é excelente para esse exercício, ainda não é a minha. A cada livro que escreve, ele chega mais perto. Neste que citei, está mais perto. E ele acabou de lançar outro, diretamente ligado a nós – *Cinq concepts proposés à la psychanalyse* –, que não

li, mas espero esteja mais perto ainda. Gosto que esteja perto, pois, assim, não fico muito sozinho.

Um analista tem que ter uma posição capaz de, de fora das demais, ou seja, de dentro de sua posição específica – que é processo de neutralidade e indiferenciação, de não pertinência –, suportar levar em consideração todos os possíveis mentais. Freud tentou isto, mas sua obra ainda está cheia de referências fechadas. Lacan tentou mais ainda, mas como não falou desse modo ainda tem muita referência fechada. Ou seja, como produzir uma mente capaz de “entrar num pensamento”, a mente do Analista, em sua Formação de Analista, em que ele possa abandonar as posições possíveis, inclusive as que costuma frequentar, e passar para a posição que é indiferente às possibilidades? Se ele é indiferente às possibilidades, aí sim é que consegue com-siderar as diferenças. É, aliás, o que fundamenta o que chamo de *Diferocracia*. E aí estou falando não da filosofia da diferença – não sou Deleuze –, e sim da Indiferença. Ser capaz de com-siderar as diferenças, inclusive do ponto de vista político, por ser indiferente perante essas posições. Isto significa que elas serão tratadas do mesmo modo, indiferentemente. Trata-se, portanto, de *reconhecer* as diferenças. Vejam o caso da democracia, que fica querendo reduzir as atitudes políticas ao pensamento democrático. Está errado, a Diferocracia não pensa assim, pois sabe que pode se deparar com o bom funcionamento de uma sociedade aristocrática. O que importa é exigir que a posição seja de indiferenciação, e – diferentemente do que diz Jullien, que quer a aceitação das diferenças – não se quer aceitar as diferenças como permanência.

Isto é paradoxal, pois, ao invés de reduzi-las ao pensamento de um, sou indiferente, considero as diferenças como elas são, e penso que o governante é o Analista. Isto pode parecer o que diz Platão, mas não é. Há uma meta aí: o fato de qualquer pessoa ter a possibilidade e a – não direi *dever*, como é o *Sollen* de Freud – *propensão* (o termo é de Jullien) de se tornar um analista. Então, se acho que todas as pessoas têm condições de fazer o que o analista faz, não “aceito” a posição do outro, eu a considero. Não aceito que ele fique assim, pois quero que ele seja analisado. E ser analisado implica tornar-se analista.

- P – O que implica ele ser capaz de indiferenciar?

Sim. E quando ele fizer parte do processo, aí será possível uma Diferocracia.

• P – *Isto não é pedir demais?*

A democracia não se deu até hoje. Trata-se de pedir o máximo. Dá quem quer.

16

• P – *Para vigorar a Diferocracia, as pessoas teriam que querer estar nesse lugar, querer analisar-se, desejar a Diferença?*

Se fizerem análise, desejarão. Perceberão que desejo é “Haver desejo de não-Haver” e que a saída, a cura – política, inclusive – é essa. Como sabemos que desejam isso? Porque vivem procurando pela boa forma de governo, pela felicidade, pelo bem-estar. E isso só é conseguido mediante desejar a Diferença. Espinosa falou quase perto disso ao referir-se à alegria do *amor dei intellectualis*, do amor intelectual de Deus. Lembrem-se de que o Deus de Espinosa é o que chamo de Haver. A pessoa começa a se equiparar e dizer *sim* a todas as possibilidades. Só há *sim* – e isto é a alegria.

• P – *Espinosa chamou isso de autômato espiritual.*

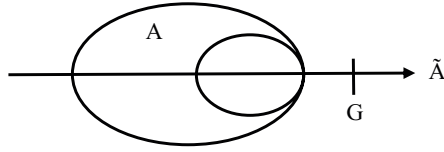
Está certíssimo. Chama-se: Revirão.

O difícil de eu me entender – e, portanto, de vocês poderem me entender – é que também não é isso, não é Espinosa, etc. Não é nada disso porque, se essa postura do analista for possível... (Perdi a conexão do que ia dizer). Retomo de outro modo: a postura do analista – que suponho estar nas entrelinhas da história da psicanálise – é absolutamente nova. Por isso, chamo: NovaMente. Ela sempre foi mal-entendida, sempre reduzida a alguma coisa. Mesmo eu

posso estar reduzindo. Lacan a reduziu à noção de estrutura, mas é uma coisa tão diversa que não é propriamente nenhuma dessas coisas ditas. Estas são linguagens regionais. Se a psicanálise quiser lidar diretamente com a **Lingua-gem**, sem região, ela querará pensar em termos de **pura articulação**. Todas as articulações sendo válidas – e todas incompetentes, provisórias, fracassadas...

Irei por outro caminho para a explicação talvez ficar mais fácil. Em termos de Ocidente – deixemos a China de lado, pois lá é complicado demais, é a oposição a tudo isso –, desde os primórdios, temos duas posturas. Já nos pré-socráticos – em Parmênides e Heráclito – temos coisas que parecem opostas. Em termos de religião – não é bem isso –, em termos de crença (coisa que também serve para a filosofia), podemos reduzir os acontecimentos do pensamento a duas posturas básicas: a da **Revelação** e a da **Gnose**. Ou entendemos que há que lidar com o Haver mediante revelação. Aí Deus fala com as pessoas, os malucos escutam coisas incríveis. Ou não acreditamos nisso, e sim que a coisa é gnóstica, ou seja, tem que batalhar o conhecimento para chegar lá. No Ocidente, cada vez mais tem vencido a revelação. Descartes, por exemplo, é deste partido. Já Espinosa é do partido da gnose. Dá a impressão de que tomo o partido da gnose, não é? E faço questão de frisar isto, pois o outro é violentamente vencedor e cala demais o conhecimento. No entanto, **a posição do analista** não é nenhuma das duas. Isto porque ele **reconhece que a revelação é gnóstica e que a gnose é revelação**. São modelos diferentes da aparição divina, segundo Espinosa. O Haver comparece para você de tal maneira que é possível falar dele de qualquer das duas posições. Mas não se pode definir nem pela revelação, nem pela gnose.

Se digo “Haver desejo de não-Haver”, não sou Espinosa. Portanto, não digo, como ele diz: “*Deus sive natura*”. Digo: **Deus sive Habere**. O máximo que posso dizer, embora seja ruim dizer assim, é: Deus vel natura. Disse isto porque o comportamento do Haver, dado o excessivo da Pulsão, extrapola seu próprio lugar e alucina um lugar do lado de fora, que chamo de *Gnoma*. Um lugar que está ali como exasperação entre Haver e não-Haver, que, este, não há. Vejamos que, em meu caso, não se trata de Espinosa:



Em Espinosa, Deus é (A), o Haver. Como digo que Alei, que nossa própria constituição como replicação do Haver, é “Haver desejo de não-Haver” ($A \rightarrow \tilde{A}$), temos que o (\tilde{A}) é alucinatório, não há. Essa aflição cria uma exasperação ali no meio: qualquer ideia de Deus é trazida para (G). Isto, para bloquear a exasperação. Vejam que não pode haver Deus pessoal para Espinosa, para Descartes sim. Quanto a mim, posso dizer que Deus é impessoal e pessoal, pois o Haver fala comigo. Aí, o pessoal da revelação, ao olhar para o Haver, tem alucinações de que Deus está falando com eles. E está! O que digo é que esta é uma maneira meio cafona de pensar. Mas não posso dizer que não haja revelação.

• P – *Há isso na ciência. Ilya Prigogine, por exemplo, fala em escuta poética da natureza.*

É isso: ouvir a revelação divina.

Retomo o que disse sobre Deus ser impessoal e pessoal. É impessoal porque, se for tratado gnosticamente, teremos que produzir conhecimento abordando as formações do Haver como faz a ciência. Por outro lado, podemos intuitivamente ficar abismados com o Haver e passar a escutar coisas em nossas cabeças. Num lado, a posição da pessoa é gnóstica, de conhecimento. Noutro, é de absorção, intuição. Toda vez que se propõe uma teoria nova, por exemplo, qual foi a loucura inicial, qual foi a revelação? Alguém faz uma teoria toda com cara de ciência, mas por que escolheu tal caminho e não outro? De onde tirou? Espinosa chama de *intuição*. É aquilo que alguém, sem saber dizer, pelo menos, intui do Haver. Ele saca. Chamemos de *sacação*. O que Freud fez de novo? Inventou nova uma ideia de Inconsciente. Eis aí uma *sacação*. De onde a tirou? Revelação é algo se revelar para mim, ou seja, as formações daqui batem com as formações de lá e começam a parir um troço que nem eu sei. A coisa

emerge sozinha na transa, interna ao Haver, das formações da IdioFormação com a formação da outra IdioFormação, que, esta, é a divina.

O que faziam aqueles que nunca tiveram condições de pensar melhor essas coisas? Essas coisas pensavam neles e achavam que era Deus falando. E notem que há hora em que Deus fala merda. Tomem Mohamed, o Maomé. Ao lerem aquilo que lhe foi revelado, não há como não ver paranoia. Ele está ouvindo coisas. Basta ver no que deu ao longo da história. Nem falarei de Jesuscristo, pois, para mim, sequer existiu. Aquele período judaico de dominação romana é cheio de jesuses. Por exemplo, Apolônio de Tiana, Simão Mago, João Batista... Eruditos acham mesmo que o que resultou como imagem de Jesuscristo era o Apolônio.

• P – *Ao dizer, como você diz, que “tudo que se diz é da ordem do conhecimento”, o peso maior não vai para o lado gnóstico?*

Não, porque temos o conhecimento gnóstico e o conhecimento revelado. É preciso afinar bem a ideia de conhecimento, pois *gnosis*, do grego, é que é ‘conhecimento’. Poderíamos dar um nome genérico, pois a teoria do conhecimento que proponho, a Gnômica, abarca os dois lados, a revelação e a gnose. Conhecimento é, aí, resultante da transa entre formações, sejam nossas ou outras. Essa transa é sempre gnóstica? Uso o termo gnose como atitude de abordagem das formações de modo a estudá-las e chegar ao conhecimento mediante esse estudo. É igual ao que diz Espinosa. Mas digo que existe também a possibilidade encontrada nos místicos, nos artistas, nos poetas. É um conhecimento revelatório, a pessoa intui aquilo. Já lhes falei sobre algo que, em minha vida, é igual a Descartes. Aos dezessete para dezoito anos, tive a revelação disso que vocês entendem como Nova Psicanálise. A concepção caiu em minha cabeça. Depois, fui procurar saber o que significava eu ter concebido o Haver assim. As palavras da época eram péssimas, mas foram se refinando. Descartes dá depoimento semelhante, que, de repente, as coisas se revelaram para ele. Acho que é assim para todo pensamento científico, religioso, etc. Só que sei distinguir o momento em que a coisa se concebeu para mim. Tinha influência de meus estudos de física, de ciência, e de ter começado, na época, a ler Freud. De repente, a transa de formações de cá e de lá produz um sintoma

de entendimento. Se a pessoa não der bola, não for suficientemente forte, aquilo vai para o esgoto. Em caso contrário, ela começa a proliferar.

• P – *Nietzsche narra pelo negativo, por, aos treze anos, não aceitar a narrativa religiosa cristã que lhe apresentavam. E isso foi ponto de partida para suas considerações posteriores.*

Ele foi tocado pela falta de sentido daquilo tudo em que acreditava. Quanto a mim, aos treze anos traduzi tudo em sacanagem. Mais tarde é que me veio a concepção de que estou falando. Escrevi a mão num grosso caderno para explicar o que ocorreu na época. O título era *Deus, o Universo e a Proporcionalidade*. Foi meu modo de falar disso que hoje chamo de transa de formações. Cadetes, meus colegas da época – que me apelidaram de Cientista Maluco –, abriram minha gaveta, pegaram o caderno e começaram a me sacanear. Daí, queimei o caderno. Acho, hoje, que fiz bem. Isso tudo para dizer que a qualquer um, em qualquer momento, acontece essa emergência sintomática para com o Haver. Ela pode ser branda, forte, de qualquer jeito. A pessoa transformará ou não isso em produção evidenciada.

Qualquer pessoa, em sua análise, deve buscar esse momento que a revelou. O momento revela a pessoa (em sentido fotográfico). É o que Lacan chama de verdade. Faço, portanto, a suposição de que, numa análise bem continuada, o entendimento dessa revelação se dá e a pessoa pode passar para o outro lado, o lado de gnose dessa revelação.

• P – *O esquema de que você está falando parece quase não ter neurose.*

Mas não deixa de ser uma formação. Se é uma formação, depende de recalque e tem um aspecto de neurose. Se fez uma *fixação*, como chamo, bloqueou-se. Só outra fixação para debater-se com aquela.

• P – *Até agora, vimos trabalhando a Nova Psicanálise sobretudo com um vetor de aspecto gnóstico. O que você está enfatizando hoje é que, além dos dois polos opostos, há uma terceira posição, que seria justamente a da Nova Psicanálise.*

A Nova Psicanálise não pode não levar em conta as revelações, mas seu trabalho, sua operação clínica, é de produzir saber. Disse que psicanálise é Arreligião porque ela está nesse lugar terceiro. A psicanálise não opera repetindo

revelações, e sim trabalhando conhecimento, no sentido gnóstico. Se não, ela seria meramente religiosa, ou meramente poesia. Não é!

• P – *Em 2001, você comenta o livro La Foi et la Raison: Histoire d'un Malentendu (Paris: Flammarion, 1996), de Nayla Farouki. Ela escreve sobre “duas perspectivas epistêmicas e ontológicas radicalmente opostas e que não podem juntar-se numa forma sintética ou complementar” – o antropocentrismo exclusivo e o teocentrismo. Você enfatiza o trecho: “O único meio de nos acomodarmos com a existência simultânea das duas lógicas consiste, portanto, num primeiro tempo, em transcender a ambas ao mesmo tempo, tomando consciência de suas existências e de suas riquezas respectivas, e, num segundo tempo, em utilizar uma ou outra das duas lógicas, a escolher, segundo os problemas colocados”.*

Ela é muito interessante e serve bem aos nossos raciocínios. Trabalha com Michel Serres. Aliás, Serres disse recentemente que essa história de *rede* acabou. Trata-se, para ele, de uma *pulverização de pontos*. Não estamos mais na rede, somos um ponto na poeira. Um grão de poeira no meio da poeira.

• P – *A ideia de rede já não trazia essa possibilidade de linkagem de tudo com tudo?*

Segundo entendo o que Serres está dizendo, a ideia de rede ainda é pequena demais. Se você entra na rede, a rede é a rede. *Network* são entrelaçamentos amarrados pelos quais passeamos. O que ele diz é que não tem rede, entra-se para qualquer ponto. É fractal. Se tomarmos as novas gerações e as últimas tecnologias, seremos um ponto que se conecta com qualquer ponto, sem rede. É a homogeneidade do campo, de que falo. O que é preciso entender é que o mundo está ficando psicanalítico. As pessoas, não. Elas continuam estúpidas e neuróticas. A poeira é a posição do analista, mas, como ela não pode se manifestar fora de algum aparelho, algum instrumento, aí decai numa formação teórica que é constituída como qualquer neurose. Ou seja, é ligeiramente Estacionária. Tomem a ideia de *Pessoa*, como a colocó, e vejam que é vaga. Já disse que somos nefelibatos, andamos sobre nuvens. Tomem a *Tópica do Recalque* e verão que o Primário é neurótico à beça, pois é Estacionário demais. Mas não é só Estacionário, tanto que qualquer vírus pode acabar com ele. Basta uma *aidsinha* para terminá-lo. O Secundário é muito

frouxo. Se não sustentar a neura e pagar bem, ela se dissolve. O chato é que a maioria a sustenta a pão de ló. O Originário, este, é completamente pirado. Tomem também a ideia de *Linguagem*, em Lacan, que já é um bocado careta se comparada com o que apareceu no mundo depois, e vejam que seu paradigma de linguagem continua sendo a língua. Como não é burro, ao perceber isto, escorrega para lá e para cá. O paradigma de Linguagem de que falo é de pura articulação – que resulta em mera informação. Qualquer articulação é assim. O que quer que esteja articulado é languageiro.

• P – *Pensando em termos dos Cinco Impérios, é interessante notar que o Terceiro Império, em sua referência ao Secundário, fez com que se criasse um profundo recalçamento de expressões primárias.*

Para poder vencer, o Terceiro Império teve que bloquear demais o Primário. Jesuscristo aparece como alguém que não come, não transa, não caga, não mijá.

• P – *Sua mãe também não transava.*

As mulheres que lhe serviram de modelo também não transavam. Ísis – que é a virgem Maria – não transava. Quando o Pai sai da Terra, vai para o céu e transforma todos em irmãos, funda-se o Terceiro Império, d’Ofilho. Foi preciso, então, bloquear o Primário para mostrar que o Secundário é que estava regendo tudo. Aquele pessoal da Tebaida, por exemplo, era um bando de loucos secundaristas. Massacravam a carne para que só o espírito restasse. Espinosa devia morrer de rir disso.

• P – *A psicanálise lacaniana sofre diretamente desse sintoma secundarista.*

Lacan é cristão – se não for católico. Quando a coisa começou a ficar feia, ele escreve um seminário cujo título traduzi mal: *Encore [um corpo e ainda, outra vez]*. Como não sabia como traduzir, coloquei: *Mais, ainda*. Aliás, era muito doido ver Lacan, depois dessa época, com seus nozinhos. Ele ficava o dia inteiro com eles. Isto, até durante sessões de análise.

Retomando o aspecto nefelibato de que falei há pouco, como vocês pretendem realizar um Mutirão de Estudos sobre o *Eu*, digo que, quanto ao entendimento do que possa ser *Eu*, o melhor que Lacan pôde fazer foi copiar Hegel, de um lado, e Rimbaud, de outro. Foi dizer que “*Eu é um outro*”. Mas

nem ao menos isto ele é. Já notaram que, tirando os embreadores de Jakobson, Eu é o nome de qualquer um? A teoria dos embreadores é bonita, mas o que acontece ali que a criança não é capaz de entender? Há que ser enfiado nela quase que a porrada que todos se chamam de Eu. Inventou-se a brilhante saída com sujeito do enunciado e sujeito da enunciação, e que há que fazer a passagem de um a outro. Qual passagem? Aí, pode aparecer algum maluco e dizer que Eu é o nome de Deus. Quando uma língua qualquer diz Eu como sujeito da frase – a língua chinesa não tem isso e tampouco tem predicação –, simplesmente está arranjando um nome topológico, o nome do lugar de onde sai a fala. Então, se Rimbaud diz “*je est un autre*” e Lacan diz que é o Outro que me fala, quem é Eu, quem está falando? Temos o mau hábito de, quando uma pessoa fala, achar que ela está falando, mas o que (e não quem) está falando?

Notem que a psicanálise é muito doida, e vemos que a maioria dos que supostamente lidam com o discurso psicanalítico faz uma redução. É justo o que Jullien denuncia como sendo nossa posição diante do pensamento chinês: reduzimos ao saber, a um saber careta igual ao saber científico. Não é. Popper, por sua vez, tem razão ao dizer que a psicanálise não é um discurso científico. Pode interessar à psicanálise ter uma postura científica diante das formações, mas seu discurso não é científico. Tampouco é religioso, filosófico, político ou moral – e é tudo isso. Lacan fez grande esforço para discernir o discurso da psicanálise dos demais, mas apenas conseguiu apresentar aquele que é o discurso da psicanálise de Lacan. Analista entra em qualquer discurso, é poliglota – é a poliglocia da psicanálise. Como os governos são organizados dentro de certa ordem sintomática, o que não estiver dentro dela será tido como anormal, criminoso, ilegal... Esta é a neura política, que não existe para a psicanálise. Outra coisa é, ao sair da posição psicanalítica, ter que lidar com o mundo. Trata-se, então, de saber como se faz essa diplomacia e a administração disso. Como o psicanalista olha o mundo com o olho paralelo, para ele a ordem sintomática não é regente, ela é a ser analisada.

• P – É o acolhimento radical de tudo?

Sim. Está-se falando com Deus.

• P – *No final dos anos 1980, quando um pessoal saiu de nossa instituição, um deles me disse que quem aqui ficava não estava no mundo. Nunca*

me esqueci desta frase. Ele teria saído por querer ficar mais no mundo, ver as outras psicanálises.

Ele fez muito bem. Outro dia, me perguntaram se aquele pessoal que saiu me traiu. Respondi que não, que fui eu quem os traiu. Eles entraram ali para virarem lacanianos. Não podia dar certo, pois entrei para sair do lacanismo.

• P – *Mas você fazia de conta que era lacaniano.*

Comecei transmitindo a base por onde se passa: como sair daqui e para onde vamos? Ao perceberem isto, deram para trás.

17

Vocês estão estudando sobre a forclusão e a psicose em Lacan. Como sabem, para ele, o Nome do Pai é o significante que, no campo do Outro, é significante desse Outro enquanto lugar da Lei. Há o Outro, que Lacan chama de A barrado (\bar{A}), cujo significante é: $S(\bar{A})$. Repetindo, o Nome do Pai é o significante de que esse Outro é o lugar da Lei; é o significante do Outro enquanto lugar da Lei. $S(\bar{A})$ é significante do Outro enquanto faltoso. Não é significante da Lei, pois este é o que se diz sobre a Lei. O psicótico, por falta de *Bejahung*, por falta de entrada, não tendo incluído esse significante, não saberia o nome do Outro como lugar da Lei. Portanto, não tem lugar para a Lei. Para ele, não se inscreve a Lei no campo do Outro. Notem que isso nada tem a ver com o que digo sobre a psicose – e não mantenho a ideia de forclusão do Nome do Pai.

• P – *Lacan relaciona a ideia de Forclusão ao que Freud coloca como *Ausstossung*, como expulsão primordial.*

O que Freud traz como *Ausstossung*, em termos genéricos, digamos, metafóricos, tem a ver com o cospe / engole. Dependendo da prática de cada

um, e da ocasião, faz-se uma coisa ou outra. Freud também faz a metáfora da criança que coloca algo na boca e cospe. A pergunta que falta fazer a Lacan é: como é possível botar para fora se já não botou para dentro? O termo que ele usa é *forclusion*, que o pessoal insiste em traduzir errado, ou não traduzir. É um termo jurídico não usado no Brasil, pois o que aqui se diz é *preclusão*. Significa que, num processo, o juiz deu um prazo para todos os documentos serem entregues e, se determinado documento não tiver sido entregue a tempo, o juiz o preclui, o documento não entra no processo, fica fora. Na França, duas palavras são usadas para esse ato jurídico: *préclusion* e *forclusion*. *Clusão* é: fechar. Preclusão é fechar antes de o documento entrar. O processo ficar fora, é *foraclusão* na França. Não existe *forclusão* em português. O termo correto aqui é: *foraclusão*. É *fora clusão*, isto é, ficou trancado do lado de fora, não entrou. Este é o sentido em Lacan, que usou uma palavra jurídica boa para ele: não é que foi jogado fora – no sentido de *Ausstossung* em Freud –, e sim que *ficou* fora.

Não sei por que Lacan foi buscar a *Austossung* para representar a *Forclusion*. Por isso, fiz a pergunta sobre como botar para fora sem ter, antes, botado dentro. Esta é minha crítica. Do ponto de vista psíquico, que é o que nos interessa, não há condições de conceber que algo não entrou se o psicótico é capaz de funcionar – até juridicamente, como Schreber – apesar da psicose, levando em consideração essa entrada. Naquele momento, Lacan precisava desesperadamente de uma distinção radical para a psicose. Distinção que não consegue achar até a metade de seu seminário sobre *As Psicoses* (1955-56). Até ali, estava perdido. De repente, acha uma resposta teórica mediante conceber o tal significante que não teria entrado e que faz todo sentido dentro de sua teoria. Foi uma salvação para ele.

- P – É o momento em que Lacan começa a falar de Pai.

Deve ter sido o momento de sua análise, em que foi capaz de conceber o pai dele, o qual era um problema sério. O pai de Lacan era um frouxo, e o avô, um autoritário, violento.

Lacan, então, acha uma saída honrosa, bem bolada e genial. Não quero esta saída para mim por não trabalhar pela via que ele trabalha. Não vejo motivo algum para, em Freud, não poder conceber a situação na psicose como da mesma ordem do recalque. Um recalque tão violento que funciona como

hipóstase. Em minha leitura do que Freud está dizendo, ele concebe uma coisa que é hipostasiada. Lacan tomou essa hipóstase e a transformou na ordem do significante como não entrada – e, se não entrou, está no Real, não pertence ao Simbólico. O que digo é que não é preciso não entrar, basta haver um recalque tão violento que ele funciona como se fosse da ordem do Real. São raciocínios completamente diferentes, e considero o meu mais perto de Freud.

- P – *Para Freud, retorna na realidade. Vemos isto na clínica.*

Só pode retornar na realidade.

- P – *Como é isso que você disse de acabar comparecendo “como se” fosse real?*

Se não for “como”, desistiremos de qualquer cura na psicose. Não há como ir ao Real. Lembrem-se de que já disse que o impossível é metáfora do proibido. O proibido é fingimento de impossibilidade mesmo modal. Se estou fingindo uma impossibilidade, em última instância a impossibilidade é absoluta. O proibido é um pouco menor do que isto, pois está fingindo uma impossibilidade modal. O que acontece com o recalque? O que é um recalque? Vamos fingir que ele seja da ordem da proibição. E é mesmo, pois toda vez que há um recalque é porque algo foi barrado, proibido por alguma instância. Quando se diz a alguém “você não pode fazer isso”, há que notar que o verbo poder é ambíguo em qualquer língua. Não se sabe se o que está em jogo é competência ou permissão. Pois bem, o dito cria um recalque, o qual é tihoso, pois não é destruição. Ele fica voltando como retorno do recalcado, não vai embora porque entrou. Agora, direi algo que não está em Lacan. Se produzo uma força de recalçamento, isto é, se chamo muitos recalcentes para colaborar nesse recalque, ele vai se hipostasiando, vai ficando parecido com o Impossível, vai virando coisa, vai se reificando. Há que notar que está reificado porque a massa recalcente é poderosíssima. Ele não consegue voltar como mero sintoma, no sentido da neurose, mas volta como delírio. Por isso, Freud diz que parece estar no real: a pessoa tem alucinações e delírios. E se retorna como alucinação ou como delírio, foi fora aonde? Caiu na real? Ninguém cai na real. Se caísse, não precisávamos estar aqui. O recalçamento é tão grande que só retorna por vias delirantes ou alucinatórias. Mas retorna. Portanto, há retorno desse recalcado, sim. Não se pode dizer que não haja. Não podemos

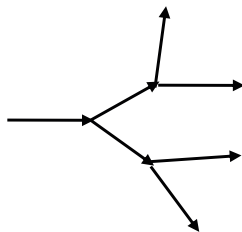
confundir nossa impotência de cura com não haver o retorno. A impotência é do analista, e não a superpotência do recalque. É difícilimo, mas há que esperar e ver se surge algum buraquinho para metermos o dedo. A maneira de lidar com esse tipo de gente é que é delicada. Temos que ficar fingindo que somos colegas seus. Se não, não funciona. É impossível tocar diretamente no ponto. Se o fizermos, aquilo explode. Então, “acreditamos” em todas as coisas que ele fala. Como não acreditar em algo tão concreto tal qual ele traz?

Se há um HiperRecalcado que retorna via delírio ou alucinação – Schreber tem os dois –, quer dizer que aquilo retorna a uma distância tão grande, com tanta pressão recalcante, que começa a estourar todo o processo de significação. Vai-se cercar algo que não se tem como abordar por via de exposição direta do recalque. Quanto ao neurótico, às vezes basta ele abrir a boca e falar alguma bobagem para vermos o recalcado, é visível. No psicótico, não se vê. Como ele não vê, não sabe dizer, há que ficar esperando algo piscar para, quem sabe, aparecer um lugarzinho para enfiarmos o dedo. A metáfora bem obscena que faço é: psicótico não tem cu, está trancado. O do neurótico pisca, mas ele não deixa meterem o dedo. Lacan, quanto ao psicótico, disse que deveríamos insistir de qualquer modo, mas também o vi dizer em Sainte-Anne, em sua *Présentation de Malades*: “*C’est normal*”. Quando ele diz esta frase quer dizer que danou-se, não tem cura. Diz também: “*C’est mal parti*”. Começou errado, logo é normal. Alguns que o ouviam dizer isso choravam, pois viam que não tinha jeito. É assim mesmo.

18

Borges tem um conto intitulado *O jardim dos caminhos que se bifurcam* [*El jardín de senderos que se bifurcan* (1941)], no qual mostra a lógica, na verdade ocidental, de um ponto de partida em que, diante de cada momento, cada situação, temos que escolher para um lado ou para outro – e isto se desenvolve infinitamente. Em contrapartida, Fernando Pessoa, em algum poema, diz: “Como alguém distraído na viagem / Segui por dois caminhos par a par” – obviamente isto não é possível, mas é uma boa metáfora para o que quero trazer.

Se consideramos nossa situação no mundo, a cada passo de nosso encaminhamento supostamente para algum lugar, sobretudo do ponto de vista mental, temos que fazer uma opção. Na verdade, nossa mente costuma funcionar em oposição, e não é uma questão puramente ocidental, pois o pensamento oriental tem o mesmo tipo de questão. Por exemplo, na China, *yin* e *yang* como oposição, mesmo que seja reintroduzida, etc. Então, a cada passo da vida, temos que fazer uma opção: estamos diante de uma bifurcação e escolhemos. Ou não, pois existe neurose obsessiva que fica na porta, na dúvida eternamente sobre qual caminho seguir. Se não levar um empurrão analítico, ficará ali. Esse funcionamento ocorre na histérica também, é típico das neuroses (estou usando a linguagem antiga, os termos conhecidos, embora não goste deles e os chame de *morfóticos estacionários* positivos e negativos). As histéricas, estas, param e não conseguem continuar porque querem os dois ao mesmo tempo. Geralmente, então, o que fazemos é escolher aqui alguma coisa, depois, acolá, outra... e fica esse caminho:



Andando para a frente, os caminhos de ida são em bifurcação. Quando, nessa infinidade de bifurcações, escolhemos um caminho a cada momento, perdemos aquilo tudo que está em volta e nossa vida fica um pouco menor, como a de todos. Isso é mais ou menos o que Freud chamava de Recalque: se escolhemos um caminho, recalcamos os outros, e para reconquistá-los é extremamente difícil, aliás, impossível.

Mas existe neste planeta pelo menos um modo de pensar que faz **o caminho em unificações de volta**. Ao invés de ir fazendo as escolhas pura e simplesmente, tenta recuperar a cada passo e a cada momento daqueles qual era sua situação *antes* da escolha do caminho. Uma coisa é escolher o caminho, outra, antes de fazer essa escolha, pensar em qual era a situação no momento anterior. Parece que o único pensamento que faz isso se chama **Psicanálise**. Foi o que Freud trouxe. Quando estou no caminho de ida, com a bifurcação à minha frente, para optar por um dos alelos – uso o termo da biologia porque é simpático – do caminho, devo considerar as duas opções para fazer eventualmente uma escolha. Quando estou no caminho de volta, com a unificação à minha frente, para retomar a situação anterior, tenho que invocar o outro alelo que foi abandonado. O primeiro caminho é o do Recalque para o que chamamos de Inconsciente; o segundo é supostamente o caminho do desrecalque, ou da conscientização do que está jogado no Inconsciente. O primeiro é sempre binário: tenho que optar diante de uma oposição, ou isso ou aquilo; o segundo é unário ou **bífid**: quando estou de retorno, passo para uma topologia completamente diferente, que é pensar em termos de suspensão da dualidade ou considerar que o caminho anterior à minha escolha é um caminho que, *ele*,

resulta em duas possibilidades. Isto não é *coincidentia oppositorum*, do velho Nicolau de Cusa, a suposição de que os dois elementos que se opõem se reúnem no elemento anterior. Trata-se, sim, de que **o caminho anterior gera dois caminhos em oposição**. Estes caminhos não estão coincidindo, é o caminho que, ele, repito, gera a oposição.

O caminho dos outros discursos que costumamos frequentar, pelo menos na cultura ocidental, é de ida: vai abandonando e seguindo como um trator para um suposto fim, que ele acha que sabe onde está (se não, não andava). O caminho da psicanálise é de volta, de retorno ao que foi recalcado, o que é algo que as pessoas têm dificuldade de entender. Mas acontece que, no momento atual, algumas regiões das ciências ditas duras estão tentando percorrer o caminho de volta que é o nosso. Por exemplo, o que está em grande esforço de produção na chamada computação quântica com seus *qubits*, que funcionam para ambos os lados ao mesmo tempo. É uma tentativa em ciência dura de fazer o percurso que é costumeiro da psicanálise. Este caminho de volta, de retorno ao recalcado – costuma-se falar em retorno do recalcado, mas há o **retorno ao recalcado** –, da consideração da bifididade anterior à bifurcação, é o que torna o discurso da psicanálise tão estranho para os outros discursos e mesmo esdrúxulo para o senso comum. Isto faz uma diferença radical: a psicanálise não tem a mesma lógica dos outros discursos.

19

Vamos, então, brincar de fazer análise. Se viermos descendo do último ponto onde estávamos e resolvermos fazer o caminho de volta do recalcado até sua última instância – chamo de última instância a suposição daquele primeiro

caminho que, em algum momento, começou ou que tem origem naquele lugar –, se conseguirmos chegar por esse caminho, ao invés de procurar desrecalcado tudo, chegaremos ao primeiro recalçado. Ou seja, repetindo, se em meu caminharzinho pessoal fizer o retorno até à última instância, chegarei ao primeiro recalçado. Freud não sabia muito bem o que fazer com isso, então chamou de *recalque originário*. Para ele, deveria ter um recalque que é o primeiro de todos e que determina o recalque sucessivo que vai aparecer em seguida. Mais para trás desse recalque originário não tem nada. Aliás, não tem nem nada, pois nada já é muita coisa, é Indiferenciação. Quando não posso estabelecer a diferença, estou com nada, mas não é isto, é menos do que nada, é: **não-há**. Os filósofos, há muito tempo, gostam de pensar no nada, mas o nada é uma bobagem, é muita coisa.

A psicanálise lida com algo mais terrível que é: não há nem nada para trás desse lugar. Mais para trás desse lugarzinho supostamente originário só “há” – entre aspas porque não há – o **não-Haver** (como o nome está dizendo, o não-Haver não há). Estamos, então, diante do Impossível Absoluto. Isto dói nas pessoas, pois retornamos, retornamos... e ficamos diante de quê? De menos do que nada, do que não há. Ali é absolutamente impossível. Nos outros lugares, dependendo do preço e do investimento que se fizer, pode-se até dar um jeito de romper a impossibilidade local (que chamo de “impossibilidade modal”). Ou seja, mediante um esforço qualquer, podendo pagar o preço e com certo tempo, deslocamos uma impossibilidade regional, mas aquela Lá não tem deslocamento, pois não tem nada para trás dela. Se chegamos nesse lugar – por exemplo, em análise, porque tivemos um ataque místico, ou algo parecido –, nosso único recurso é retornar para dentro do que há, para dentro do Haver, com sua bifididade sempre se resolvendo em binariedades. Daí se encaminham todas as nossas dúvidas obsessivas, inclusive a de René Descartes, todas as nossas oscilações, nossos tropeços, nossas frustrações históricas por não podermos tudo.

Como esta estrutura se repete em nossa mente, temos a competência – que conhecemos só em nossa espécie – de sempre poder requerer bem o contrário do que quer que para nós se coloque. É a maquininha de opor-se a qualquer situação, de ter a possibilidade de dizer o contrário do que quer que

apareça. Chamo a esta maquininha que faz isto em nossa mente de **Revirão**. É assim que funcionamos, queiramos ou não: ao que quer que se coloque, o oposto pode ser pensado, pode ser até requerido, e vivemos nessa loucura. Num trecho do *Fausto* (Ato I), diz Fernando Pessoa:

O mistério supremo do Universo
O único mistério, tudo e em tudo
É haver um mistério do universo,
É haver o universo, qualquer cousa,
É haver haver.

Ele chamou de mistério, mas acho que não tem mistério algum. Haver **Haver** é, para nós, a definição de **Real**. O Real é que: **Há**. Esse Haver é imanente a todas as suas formações. Chamo **Formações do Haver** o que quer que se componha dentro do que há: tudo são formações. O que quer que compareça para nós é formação, física, mental, estelar, etc. Reduzimos tudo à ideia de Formações. O Haver é imanente a todas as formações, isto é, qualquer Formação do Haver, antes de mais nada, ela **há**. Isto é que é chato. Saiam dessa! E vem a pergunta cretina (desculpem-me os filósofos): por que há o Haver, e não antes o não-Haver? Porque o não-Haver não há! O nome não está dizendo? Chama-se: não-Haver. O nome há, mas o não-Haver não há. Donde se depreende que **só há o Haver**. Ora pois!, como dizem meus outros patricios.

Acontece que Freud, concordando com a física de seu tempo, que havia mostrado, como segunda lei da termodinâmica, a ideia de *entropia* – ou seja, do destino mortal de toda e qualquer energia –, porque uma mulher lhe ensinou (a famosa Sabina Spielrein, que agora está no cinema³), acabou por reconhecer que existe **Pulsão de Morte**: existe um tesão de morrer, um tesão de acabar. Melhor ainda, Freud reconheceu que toda Pulsão, todo tesão, não quer senão sua própria extinção. Isto fez Lacan concluir que toda Pulsão é de morte. Freud ficou algum tempo fazendo oposição entre pulsão de vida e pulsão de morte porque era chique, quase filosófico, fazer oposição. Fez isto até chegarmos à conclusão de que toda Pulsão, se quer extinção, só pode ser de morte. Ela parece ser pulsão de vida na resistência daquilo que ela carrega para o fim. O que nosso

3 Referência ao filme *Um método perigoso*, de David Cronenberg (2011).

tesão pretende alcançar com não-Haver – ele quer voltar para o não-Haver – é impossível, e justamente porque é impossível, há esse Recalque Originário: tudo resiste. Isto, aliás, é chato à beça. Aí o cara tenta se matar e se mata, mas quebra a cara, pois não vai encontrar o não-Haver. Ou seja, a Pulsão de Morte não deixa morrer. É terrível!

Eu, então, por minha conta, resolvi anotar essa constatação definitiva como sendo **A Lei** do próprio Haver. Escrevo-a assim: **Haver desejo de não-Haver** ($A \rightarrow \tilde{A}$). Não estou falando de lei no sentido jurídico ou simbólico do doutor Lacan, e sim de Lei no sentido de *physis*, que vai repercutir em todas as nossas considerações. No sentido, por exemplo, que o conceito de entropia tenta desenhar. A Lei é: Haver deseja não-Haver. Como não-Haver não há, isso é impossível. Então, nunca poderemos cumprir a Lei, nem o universo poderá. Se considerarmos essa ALEI, poderemos verificar que há apenas duas modalidades possíveis de operação-desejo, ou libido, pulsão, tesão, o que quiserem. Há duas maneiras possíveis de desejar, duas maneiras únicas de aplicar nosso tesão, as quais, por mera comodidade, mas não sem motivo⁴, resumirei chamando-as de Ocidental e Oriental.

Ocidental, é do domínio ou do condomínio daquele moço chamado Jesus – ele está na moda, é o símbolo dessa coisa ocidental –, que Lacan, como bom cristão e católico lá no fundinho, chamava de “não abrir mão de seu desejo”. Esta é a ética do doutor Lacan para a psicanálise. A afirmação do desejo que aparece aí é uma posição positiva, se não for mesmo, às vezes, positivista. Busca pessoal, por exemplo, por Deus – querem encontrar esse cara de qualquer maneira – que está em Descartes e na ciência moderna, que Lacan sustenta subvertendo juntamente com a subversão que tenta fazer, ou faz, do sujeito cartesiano. Como sabem, o pensamento ocidental tem passado a vida tentando resolver a questão de *sujeito* e *objeto*, que é o sintoma do Ocidente. Vários pensadores, uns seguidos dos outros, fizeram o esforço de tentar dissolver isso das mais diversas maneiras. Lacan inventou para a psicanálise, criticando freudianamente o sujeito de Descartes, o que chamou de “subversão do sujeito”, fazendo o sujeito desaparecer como se fosse mero buraco entre duas coisas, e

⁴ Quanto a isto, recomendo a leitura de um filósofo francês – embora não ache que ele seja filósofo – chamado François Jullien, do qual há vários livros publicados em português.

fazendo o objeto aparecer como se fosse outro buraco: o buraco de cá quer o buraco de lá. É mais ou menos assim, para fazer barato o pensamento de Lacan: o buraco que deseja outro buraco. Costuma ser ao contrário, o buraco costuma querer outra coisa, mas resolveu-se assim no pensamento dele. Se ele fez a subversão do sujeito, fez também a subversão do objeto nessa coisinha algébrica que chama de objeto *a*. Observem, portanto, que o Ocidente tem feito várias tentativas de subversão desse sujeito e desse objeto, mas sempre mantendo a oposição entre natureza e cultura, natural e artificial – são cacoetes do Ocidente.

Há também a predominância ocidental da **paranoia**, que Lacan descreveu muito bem quando considerou que o conhecimento é sempre paranoico. Viver na dominância da paranoia é, ao invés de considerar as coisas, considerarmos as pessoas. Falando de maneira barata, estamos sempre numa transa – que alguns chamam de intersubjetiva – com tudo tentando se resolver no conflito com o outro. Mas este não é o único caminho, há outras maneiras de lidar com o mundo sem ser de maneira paranoica.

Há a maneira **oriental**. Digamos que esta seja o domínio ou condomínio de Sidarta, aquele que fundou o budismo. Ao invés de insistir positivamente no desejo, apostando eticamente nisso, ele diz que é melhor desejar não desejar – é mais sereno, mais sossegado. No entanto, desejar não desejar é ainda desejar. Não se escapa desse empuxo dentro do Haver: ou desejamos desejar, desejamos positivamente; ou desejamos não desejar. Não há outra saída. Se alguém conhece outra, por favor me ensine. Então, suspensão do desejo: a posição do desejo aí é negativa, é acorde com a natureza, como dizem. Ao invés de fazer oposição entre natureza e cultura, entre artifício e naturalidade, eles vão junto com o que há. Não existe oposição entre natureza e cultura para esse Oriente geral de que falo. No mal-estar ocidental, diante da sintomática ocidental, há uma linha enorme de pensadores que tentou evitar esta sintomática e pular fora. Por exemplo, Espinosa, Hume, Nietzsche, pessoas que tentaram de algum modo escapar da pressão ocidental, dando a impressão de que a coisa é meio oriental no caso deles.

O pensamento oriental tem uma predominância que chamo de **meta-noica**, o oposto da paranoia. Ao invés de estar na relação entre pessoas e no conflito entre pessoas, eles olham para as coisas. Estão interessados em resolver

as coisas, e não muito nas pessoas: estão interessados no que acontece e no que se faz com o que acontece. Esta é uma posição metanoica. Em termos da velha psicanálise, é como se disséssemos que o Ocidente é predominantemente paranoico e o Oriente predominantemente perverso. Notem que perverso não é nada disso que as pessoas costumam saber. Resolveram xingar algumas pessoas de perversas, o que é um problema policial, e não psicanalítico.

Quando a Pulsão encosta em algo, quando sofre um encosto, quando o desejo encosta em alguma formação do Haver, aparece a resistência dessa coisa: essa coisa resiste enquanto coisa porque o desejo encostou nela. Gosto da palavra *encosto*, usada no espiritismo e na macumba. O termo freudiano para isto é *Anlehnung*, apoio, anáclise. Para quem se interessa por filosofia, Espinosa chamava de *conatus*, a resistência, a insistência de cada formação em não querer abrir mão de seu modo de existência. É o encosto do tesão, da libido. Determinada formação, uma vez que aparece, sabe-se lá por que, a física não resolveu isto até hoje, ela resiste, aproveita-se do tesão, da pulsão, para insistir em sua existência. É o encosto da libido nas formações – coisa que realmente há – que facilita para o Ocidente a separação sujeito / objeto. Ou seja, de fato, a energia pulsional é capaz de encosto, e levar em consideração por esse lado, do encosto da energia nas formações, facilita para o Ocidente pensar a diferença sujeito / objeto. Isto porque está eu para cá e aquilo para lá. Como o encosto que se deu aqui requer aquilo lá, fico na oposição entre minha posição e o objeto, no encosto de meu tesão.

Do mesmo modo que considerar pelo lado do encosto (não determina, mas) também facilita a separação homem / natureza, pois se acha que o homem está pensando e sentindo para cá o que é da natureza. Mas, afinal de contas, esse homem veio de onde? Ele surgiu fora da natureza? Esta é uma das estupidezes do pensamento ocidental. Assim como facilita a oposição natural/artificial. Natural é da natureza, artifício é do homem. E o homem é de onde, da natureza ou do artifício? E a natureza, é natural ou artificial? Alguém resolve esse problema?

Ao passo que, para o que estou chamando genericamente de Oriente, a consideração do desejo como indesejável – que é o pensamento de Buda: o desejo aborrece a vida –, considerando portanto o desejo em si mesmo, desgrudando-o das Formações do Haver, ou seja, evitando o encosto, esta consideração

facilita a *não* proposição do objeto e consequentemente de nenhum sujeito. Está desencostado, solto. Desse modo, facilita a mesmidade homem / natureza. O homem oriental é natural, o homem ocidental é artificial. Para não me deixar perseguir por esse tipo de bobagem, chamo tudo de **Artifício**. Temos, então, o **artifício espontâneo** e o **artifício industrial**. O espontâneo é o que aparece porque apareceu; o industrial é o desta nossa espécie, que, com sua maluquice, começa a fazer coisas.

Devemos também lembrar que, fora de nossa posição ocidental, há línguas sem gramática, praticamente sem sintaxe, e, sobretudo, sem sujeito ou objeto. São línguas com as quais se significa, se comunica e se vive muito bem. Não precisam dessas categorias porque não são necessárias, são formações de um modo de operar um caminho que estou chamando de ocidental. A ideia de sujeito com seu arrogante *livre arbítrio*, pode não ser mais – e não penso isto sozinho, há quem pense da mesma maneira – do que a consciência do *ego*, isto é, de minhas formações, do fundamento, alicerce, estofa, substância ou base, da cogitação, do pensamento. O Ocidente tentou suspender de alguma maneira a concretude que Freud chama de ego inventando a ideia de sujeito como se ela pudesse saltar fora disso, mas sua base é egoica. E depois que essa base funcionou para a invenção do sujeito, vêm suas críticas e reinterpretações da filosofia e de outros pensamentos.

A palavra latina para sujeito, *subjectum*, é derivada do verbo *substare* – lançar embaixo, estar por baixo, estar lá embaixo – que deu origem à palavra *substância*. Então, sujeito é substância? Substância é sujeito? Como resolver isso? Limpar essa substância chamada sujeito de sua origem tão suja vai custar um longo périplo de Agostinho, Descartes, Kant, Husserl até o sujeito-intervalo de Lacan. Como sabem, o sujeito intervalar de Lacan é bem definido. O que é, para ele, um sujeito? É aquilo que um significante representa para outro significante. Mas o que é mesmo o significante? É aquilo que representa o sujeito para outro significante. É simplíssimo... para vermos a confusão em que nos metemos. O próprio Lacan, já que fez uma definição, embora ocidental, tão em vazio como a que fez, poderia ter abandonado a ideia de sujeito, mas como permanece na linhagem de Descartes, o que é evidente, não a abandona.

Por outro lado, mesmo com sotaque ocidental, Espinosa e Nietzsche tentam eliminar essa ideia.

Observem que não os estou considerando filósofos, e sim pensadores, pois não tenho compromisso com filosofia. Então, há **pensadores de vocação ocidental** e **pensadores de vocação oriental**, que existem também no Ocidente – e, felizmente, há **pensadores flex**, como Freud, que andam de Ocidente, de Oriente, dependendo do que tiver no posto. Como subversor da ordem cartesiana, Lacan também procura ser flex, mas insiste na posição ocidental judeu-cristã.

A psicanálise com Freud, aquela que ele inventou, assim como o que chamo de NovaMente – que é minha posição: Freud NovaMente –, vive diante desta situação: nem optando pelo pensamento ocidental nem pelo oriental, ou senão ficando de um lado para outro para ver se consegue resolver alguma coisa. Vimos Lacan, no final de sua obra, mesmo tentando restar ocidental, fazer investidas no sentido oriental. Por exemplo, foi aprender chinês, estudar o pensamento zen para escapar da pressão positivista do Ocidente. A posição de Freud, como a nossa, é de suspensão e suspeição. Diante de qualquer situação, suspenda e suspeite: deixe em aberto, ou melhor, tente conseguir uma posição de **indiferenciação** do que pintar, tente ser indiferente. Isto não é ser desinteressado, e sim ser absolutamente interessado em qualquer coisa com o mesmo valor, tanto faz. É a posição de considerar e tentar resolver as questões *ad hoc*, a cada caso, a cada momento, a cada situação. Este é o pensamento de Freud.

Na verdade, a grande subversão da ordem mental do Ocidente, a grande subversão da ideia de sujeito, é abandonar a ideia de sujeito. Abandono este preconizado por diversos pensadores mais recentes, o que, depois da morte de Deus, que Nietzsche tinha anunciado, se qualifica hoje como a “morte do sujeito”. Por exemplo, Foucault, bem conhecido no Brasil, deixa claro que o ser sujeito desta nossa espécie não é, nunca foi, a única maneira de ser homem, ou de ser do homem, mas apenas uma invenção recente e passageira. E mais, declarando a “morte do homem”, indica que este apareceu no final do século XIX e poderá desaparecer juntamente com os saberes a seu respeito assim que uma nova configuração do saber o tornar irrelevante. Isto está em *As palavras e as coisas*, publicado em 1966, com o que concordo plenamente. Não que

ele já tenha morrido, porque é tihoso, mas que é uma coisa eventualmente dispensável.

Nossa operação em psicanálise – isto é, minha operação dentro da psicanálise – faz parte dessa tentativa de reconfiguração quando preconizamos a ideia de **IdioFormação**, a qual, para nosso caso específico de terrestres, chamo do modo antigo de **Pessoa**. Isto, para evitar o termo sujeito, e em homenagem ao meu caríssimo Fernando propriamente dito. Uma IdioFormação, em qualquer parte do Universo, ou melhor, em qualquer parte do Haver, seja qual for sua constituição material, é toda formação composta de Primário, Secundário e Originário. Então, onde quer que apareça qualquer formação – feita de base carbono, matéria plástica ou silicone, não interessa – assim composta é que nem nós, é Pessoa, é IdioFormação.

Vejam os que é Primário, Secundário e Originário. Somos uma espécie que tem uma formação dada, que (outros, não eu) chamam de natureza. Nasce aquele boneco composto de uma corporeidade que chamo de *autossoma* e com muitos programas de funcionamento desse autossoma em suas partes e entre suas partes, assim como com sua transa com outras formações do Haver. É muita coisa pré-programada, uma quantidade enorme, pois o homem não é uma tábula rasa, não vem em branco. Temos, então, o autossoma, a constituição do boneco, e o que chamo de *etosoma*: a grande quantidade de programas de seu funcionamento. Acontece que, nesta espécie, como em qualquer outra que apareça assim no Haver, dentro desse **Primário**, composto de autossoma e etossoma, aconteceu um troço esquisito que é, diferentemente de outras formações parecidas – os animais, por exemplo –, não ter a programação de seu funcionamento definida para sempre. Isto porque esta espécie porta a maquininha de *Revirão*, que mencionei antes e que é interna à sua própria formação. Ou seja, podemos querer, pensar, desejar, até querer fazer qualquer coisa que não esteja em programa algum: ao que quer que apareça, podemos querer o contrário. Isto deixa o boneco maluco, ele fica meio doido desde pequenininho por ter essa possibilidade. Chamo de **Originário** a isso que nasce dentro do Primário como reviramento. É chamado assim porque funda este tipo de espécie, a qual, justo por ter isso, é que é diferente das outras. E, por ter isso, começa a produzir o **Secundário**, que é o que chamam de simbólico, linguageiro, cultura, etc., tudo

que os outros bichos não produzem e que produzimos – e que é a massa do Secundário. Então, temos Primário, Originário e, por isso, Secundário.

Assim, onde aparecer qualquer coisa que tenha isso, será colega, não importa do que seja feita. Esta espécie é tão enlouquecida que é capaz de fazer uma IdioFormação de lata, um computador-gente, que não tem formação carbono, mas vai conversar comigo, ser doido como qualquer um de nós, completamente sem razão. Isto porque racionais são os outros animais: cachorro só cachorriza, gato só gatiza, nós não sabemos o que devemos fazer. Enchem-nos de ideias e ficamos achando que somos brasileiros, filhos de tal família, dizem-nos para “não fazer besteira que fica feio”... Aí acreditamos e viramos um *neo-animal*, pois não temos mais mobilidade. Mas como o Inconsciente funciona, isso resvala e acabamos “envergonhando a família” por algum motivo...

O interessante é que para esta IdioFormação, onde quer que apareça, não há conhecimento possível da **Morte**. Freud dizia que não há morte no Inconsciente. Digo que não só não temos experiência alguma de morte, tanto a própria quanto a de qualquer outro, como nos deparamos com mortos cujo desaparecimento não conseguimos explicar para nossos sonhos, nossas lembranças, nossos sentimentos. Por que não temos saída para isso? Porque **não há morte**. Confundimos o morto, a perda, com a morte. Ninguém tem experiência dela e jamais terá, pois, antes de morrermos, apagamos. Só estamos mortos quando estamos completamente apagados. Então, se apagamos, como teremos a experiência do apagão? Não existe essa experiência. Quando o outro morre, temos uma perda. (Isto, se nos interessamos, se não, temos um ganho, ele já vai tarde. O Ocidente pensa que a morte é uma perda, mas, às vezes, é um ganho). A psicanálise explicou a experiência que pensamos ser de morte como experiência de perda com o nome de *castração*. Este é um dos modos de aparecer desse conceito de Freud. É decepção, que é o mesmo que decepção. Perdeu, mas não há conhecimento algum de morte aí. Então, indo por essa via, assim como Deus morreu, segundo Nietzsche, assim como o sujeito morreu, segundo Foucault, podemos dizer que **a morte morreu**. A morte morreu para a lucidez decepcionada da dita humanidade contemporânea. Marcel Duchamp, que tinha tiradas maravilhosas, geniais, mandou escrever como epitáfio em sua sepultura: “*D’ailleurs c’est toujours les autres qui meurent*”, ou seja, “Aliás,

são os outros que morrem”. Quem morre é sempre o outro. É como perverso, ladrão, filho da puta... que é sempre o outro, já notaram?

Por outro lado, dada a insistência do significante, ou melhor, da letra, como diz Lacan – isto, só para ter onde me pegar –, podemos também afirmar a imortalidade de Deus, bem como do Homem, bem como da Morte. Se isso fica falando na cabeça da gente, se aparece no sonho, no sentimento, etc., então também é imortal, mas não no Primário. É imortal no Secundário. Como confundimos facilmente – qualquer índio faz isto –, como isso se mistura em nossa mente, ficamos atribuindo havência no Primário a coisas que só têm havência no Secundário. Por exemplo, se está escrito, logo existe, tem havência, mas no Secundário. Se está escrito “Deus”, isso existe? Sim. Onde? Lá mesmo. Ou as ficções já não existem mais? São ideias que perseguem nossas tramas mentais e nossas transas sociais. Esses fantasmas fundamentais insistem em nossas elucubrações justamente porque não temos como os atingir concretamente e assim não os podemos explicar.

Este é o problema da existência do que quer que seja que tomarmos como **Ser**. Ser é aquele negócio da filosofia, que acaba dando em uma ontologia. Então, tem o problema do Ser e o problema da Existência – é um negócio meio complicado porque tem essas duas coisas. O que tomarmos por algo que é, e não algo que *há*. Em minha articulação, fiz questão de separar o verbo *Haver* do verbo *Ser*, coisa que nenhum filósofo quis fazer até hoje. Falam “o Ser” propriamente dito diante dos entes. Para mim, Haver é Haver. O que é isso que há é outra coisa. Quando me deparo com alguma formação que há, começo a me perguntar o que ela é, aí passei para o registro do verbo *ser*, para o registro da falação. *Ser* só tem no Secundário, não há Ser no Primário. No Primário *há*, no Secundário *é*. O que quer que passe por nossas falações é alguma coisa. Tudo depende de bem considerarmos o registro em que se põe alguma existência. Uma coisa que *é* começa a tomar existência. Em que registro, no Primário, Secundário ou Originário? No Originário só existe o Haver e a possibilidade de reviramento. No Secundário, temos todas as falações da espécie em cima do planeta. Tudo que é, se é, então *há*, mas há no Secundário. Não vou procurar encontrar o que é do Secundário no Originário nem no Primário. Teve gente, feito Espinosa, que fez um esforço enorme, que pensou o Deus que é (“Eu sou

aquele que é”). Ele levou uma sova dos judeus por causa disso, teve que ficar pobre, na miséria, e morrer jovem porque disse que o que há é Deus. Terrível isso. Tornou Deus imanente: Deus há. Deus é o quê? A Natureza. Ora, se achar que posso garantir o nome de Deus para o que há, então está bom, então Deus há. Mas esta não é a aparição de Deus em todos os discursos. Este é o discurso de Espinosa. Pega quem quiser.

A ideia de Ser não tem diferença alguma da ideia de Ter. Costumamos dizer que não importa o que temos, o que importa é o que somos. Mas somos o que temos. Posso achar algo que não tenha como sendo eu? O que eu tenho? Infelizmente, tenho um corpo, uma porção de coisas na cabeça, etc. Você é o quê? Por exemplo, professor. Logo você tem o direito de ensinar na universidade, porque entrou lá. São posses que temos. Sempre ser é possuir, é ter. Os filósofos fizeram um esforço enorme para separar a ideia de Ser da ideia de Ter e colocar o Ser como algo que paira no limbo e com que a gente nunca se depara. Diferentemente da ideia de Haver, que é simplesmente o fato de, ao andar no escuro, darmos uma joelhada: Ai! Isto é Haver. Não sabemos no que batemos, só sentimos a porrada e a dor. Algo há, o quê? Acenda a luz para saber qual é o ser daquilo que há que te machucou. E esta é a diferença entre Ser e Haver.

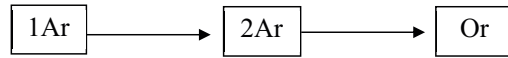
Uma Formação é aquilo que ela tem. Ela é suas formações componentes. Isto porque uma formação é composta de formações, que é composta de formações, que é composta de formações... Nem a biologia, a física, ou ciência alguma conseguiu chegar ao último elemento. A melhor novidade atualmente é a teoria das cordas, que veremos onde vai dar. Você é o que tem em qualquer registro. Então, fica claro que Deus, Papai Noel, a Morte, Saci-Pererê existem, que são as cegonhas que trazem os bebês... Por que não? Tudo isso é verdade e existe no registro secundário. Se formos tão tolos a ponto de procurar o que existe no Secundário no Primário, aí é a loucura propriamente dita. Típica, aliás, de discursos como o das religiões.

20

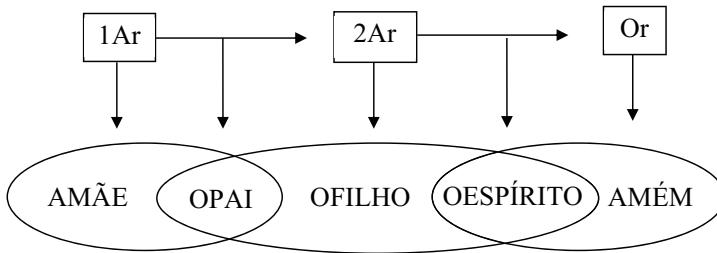
Faço a suposição de que há um “caminho necessário” – *creodo*, em grego (termo retirado da teoria das catástrofes, de René Thom) – para os movimentos da espécie. Isto, se ela se locomover, pois não se trata de alguma loucura hegeliana, hitleriana ou marxista de que a história se conduz necessariamente por aí. Tampouco quer dizer que a espécie tem o destino de percorrer esse caminho, e sim que, se ela se locomove, cai dentro de um *creodo*. Por exemplo, se jogamos água do topo da montanha, ela vai escorrer, pois é assim que a água faz. Faço, então, a suposição de um caminho necessário porque há uma constituição sintomática desta espécie, que tem um Primário pesadíssimo. A espécie é maluquinha no nível secundário, por causa do Originário, mas sua base primária é tão careta, tão fixa, que faz um enorme trabalho de recalque. O Primário já elimina muitas possibilidades porque as recalca. Para virmos a indiferenciar nosso Primário temos que fazer muita análise, ou outro tipo de exercício que também leve a isso. As pessoas muito estúpidas pensam que são o Primário que têm. É claro que elas são *também*. Se elas têm, são também isso, mas há o Secundário e a loucura do Originário.

Não posso pensar que sou compatível com meu corpo, não tem a menor compatibilidade. Apreendi comportamentos, etc., mas minha mente, meus processos dentro do mundo são radicalmente independentes disso. Isto, se eu não for absolutamente recalcado por essa massa que diz que tenho que ser o que o boneco desenhou. Não existe isso em nossa espécie. Um cavalo é um cavalo, e o homem é o quê? Um homem? Não é, provo que muitos não são. Mesmo se fôssemos bancar a poetisa e dizer que “um homem é um homem é um homem é um homem...”, na segunda vez já mudou. Se dissermos apenas “uma rosa é uma rosa”, acabou, ela vira rosa. Se dissermos “uma rosa é uma rosa é uma rosa...” já não é mais uma rosa. Repitam para vocês “um homem é um homem é um homem é um homem...” que vão esbarrar em cada monstruosidade.

Minha suposição é que qualquer IdioFormação começa a se comportar, por via de Recalque do Primário, na compatibilidade com o Primário e, pouco a pouco, se consegue caminhar, vai desenvolvendo processos de autossignificação no Secundário:



Então, digo que há os Impérios d’Amãe, d’Opai, d’Ofilho, d’Oespírito e do Amém. Chamo assim de brincadeira com certas religiões e para deslocar um pouco essas crenças.



O **Império d’Amãe** é o momento em que cada um pensa que é o filho da mãe. É o que vemos em antropologia. Quando se queria saber quem era tal cara, a resposta era: o filho daquela mulher. Isto é muito antigo e é difícil que pesquisa antropológica chegue ali, mas é como elefante, com aquela matrona que carrega todos os filhos em volta. Eles são os filhos da mãe, pois elefante não tem pai e nem saberia inventar um troço tão difícil, correr atrás do espermatozoide para descobrir, encontrar... Então, suponho que, nos primórdios da humanidade, para todas as formações que chamo de **Idio**, a primeira referência

de si era a referência materna, a referência a de onde saíram, eram filhas de alguma referência primária.

Depois, inventa-se um deslocamento, consegue-se inventar a ideia de **Pai**. Para isso, em nossa história, lá pelo Neolítico, tiveram que fazer uma separação grave, se não, as mulheres pulavam a cerca e já não sabiam mais quem era o pai. Aprenderam com o gado – tal bezerro é filho de tal vaca e de tal boi –, trancaram as mulheres, que não podiam transar com outro que não o dono. Aí nasceu a ideia de pai. Para eles, pai só existe no Secundário. (Hoje, procuramos colocar o pai no Primário, com exame de DNA, mas as coisas já cresceram tanto que esse Primário só interessa na hora da chicana jurídica, só interessa no Secundário). Depois, então, inventa-se o Pai como uma referência entre Primário e Secundário.

Ofilho é quando alguma parte da espécie descobre que o pai é uma referência e passa a tratar daquele que é produzido pelo pai e pela mãe como referência de existência. Em nossa concepção ocidental, é a invenção de coisa como o cristianismo, que chamo de Terceiro Império. Depois, começa a suspensão, inclusive dessas referências, e cada vez que aparece um elemento desta espécie – vejam que estou evitando a palavra *indivíduo*, que é certo conceito –, começa a ser computado por uma vasta gama secundária, pouco interessando, em seu desempenho, se é filho da mãe ou do pai. Este é o Império em que estamos entrando, o Quarto Império, que chamo Império d’**Oespírito**. Espírito quer dizer *informação*, não é nada que vai baixar aqui. Estamos entrando no Império da contemporaneidade, que começa a tornar tudo muito estranho.

Ainda não conseguimos sair do Terceiro Império, que, aqui no Ocidente, é inteiramente cristão, mas, à revelia de nossos movimentos, estamos entrando no Quarto Império. Acho que isto é uma evidência para qualquer um, basta olhar para a internet, para a influência dessas massas secundárias em nossa vida, e inclusive para a modificação radical da política no mundo. Junto com o fim do Terceiro Império, que é um Império ideológico, cristão, marxista – que não acabou, dura ainda uns cinquenta anos de conflitos e mais duzentos para implantar o Quarto (que, mesmo assim, já começou) –, está aparecendo um comportamento cada vez mais desligado. Não se trata nem de comportamento individual, pois a mesma pessoa tem os mais diversos comportamentos, as

mais diversas situações, às vezes até conflitivas. Isto porque são as formações secundárias que habitam essa pessoa que são os elementos. Não se trata mais de fulano ou sicrano: fulano aqui é uma coisa, lá outra, e, sobretudo, é mero elemento da internet, mais nada. É o que está batendo em todas as situações, e com o que o mundo não está sabendo lidar muito bem.

Mesmo na política está assim: as ideologias e os grandes discursos filosóficos e literários estão completamente desmoralizadas. Ninguém que não seja gente velha que herdou o Terceiro Império quer mais saber disso. Se as religiões estão cheias de gente, sobretudo da massa mais ignorante aos interesseiros – é tudo questão de interesse. As novas políticas que já são exercidas em diversas regiões do planeta são consideradas por alguns autores importantes e sérios como *políticas do fragmento*. Não se faz mais um ato político baseado numa ideologia para fazer uma revolução que será cristã, marxista ou da burguesia. Os movimentos contemporâneos emergentes na política estão introduzindo o que chamo de políticas *ad hoc*. Um movimento político sério pode parecer um momento de guerra, mas é *ad hoc*. Por exemplo, a chamada Primavera Árabe, que é interessantíssima. É o começo da aparição política não revolucionária dentro do Quarto Império. Pesquisadores já demonstraram que não se trata de revolução ideologicamente preparada e programada, e sim de uma solução política específica aqui e agora: trata-se de derrubar o tirano. Conversando com aquela massa de gente, constataram que não estão fazendo alguma revolução para ser isto ou aquilo, para ser anti alguma coisa, e sim para derrubar tal cara. Depois de derrubá-lo, pensa-se em outra coisa, será outro momento.

Então, o que é EU dada toda essa zorra? Tem o Eu linguístico, o Eu gramatical, o Eu ideológico. Em suma, tem Eu Primário, Eu Secundário e o Eu Originário, que, este, é a base de nossa havência como IdioFormação. Existe o Eu Real, do Haver como tal: **há EU!** Há isso aqui, há, dói, não apaga, não dorme, finge que dorme, mas começa a sonhar. ‘Eu’ não dorme. É, sobretudo, o Real do Haver enquanto tal. Nesse lugar, quando digo Eu do ponto de vista real, não é o que sou eu, não é minha existência, é **tá aqui** (que não é *Dasein*), é isso que dói aqui. Qual é a diferença entre isso no Originário e isso que está no Originário de cada um? Nenhuma. No nível originário não há igualdade, é pior: qualquer Eu é idêntico a qualquer outro, é **identidade absoluta**. Igualdade

é no nível do Ser, tem que ser estabelecida por um discurso, o discurso de uma revolução, por exemplo. No discurso jurídico “todos os homens são iguais perante a lei” – até que algum fique menos igual do que outros, como sabemos que fica. Na ordem do Ser, não é sério, o Ser é cafajuste.

O Haver não tem saída, o Haver *há*. E como há para cada um identicamente a qualquer outro, no nível do Haver não há diferença alguma entre um e outro. As diferenças só são percebidas no nível do Ser e no nível da existência. No regime do Haver, estamos todos identificados num mesmo lugar que chamo de **Cais Absoluto**, em homenagem a Fernando Pessoa. Este é um lugar de identidade que não é apenas entre nós, pois qualquer IdioFormação no Haver é idêntica a mim. Neste ponto, todas as IdioFormações são idênticas enquanto simplesmente haventes. Neste lugar Eu sou Você. Talvez a única saída futura para uma posição política decente, fora dessa indecência chamada democracia, seja, a partir de um Quarto Império, a possibilidade de considerar a identidade, e não a igualdade. Não há igualdade, todos somos diferentes. Não adianta colocar um ditame e dizer que todos são iguais de acordo com aquele ditame porque é de mentirinha, é apenas uma convençãozinha. Todos são absolutamente diferentes. Não tem ninguém que seja meu igual, nunca vi e não vou ver. Mas sou **idêntico** a qualquer um no nível do Originário. Repetindo, a política futura, ao invés de partir da ideia de igualdade ou de equanimidade, essas coisas que a política já pensou, talvez possa pensar a partir da ideia de IDENTIDADE das IdioFormações. É outro pensamento político radicalmente diferente do que já conhecemos até hoje.

Qual é, então, a **postura do analista** diante de tudo isso que joguei com essa maçaroca que nem mesmo sei se me faço entender, pois é muita coisa dita em pouco tempo. Analista não é uma pessoa. Quando se diz “fulano é meu analista”, é mentira, isto não existe. Uma pessoa ele é, mas não como analista. É uma Pessoa porque tem Primário, Secundário e Originário, mas analista não é pessoa. Às vezes, me perguntam se sou analista e respondo: “sabe que não sei...”, ou senão: “tem hora que parece que é”, pois, realmente, não é verdade. **Analista é uma função**, isto é, uma formação específica que tem que ser instalada em uma pessoa de modo que a função desta formação possa reger os processos e procedimentos de uma análise. Ou seja, é uma função

que algumas pessoas têm e outras não. Por isso, para se produzir um analista, para a *formação de um analista*, que é a coisa mais importante para que haja psicanálise, exige-se que se consiga a instalação de uma formação que possa reger os processos e procedimentos de uma análise. É uma formação que exige uma análise pessoal daquela pessoa para instalar a função analista. Isto, para que as demais funções sintomáticas da pessoa interfiram o mínimo possível em sua função analista.

Lembrem-se de que estamos pensando e raciocinando em nível de *formações*. Ninguém analisa uma pessoa, o analisando não interessa como pessoa. Interessam, sim, as formações que estão em jogo e que certa formação regente aqui possa levar a cada vez maior Indiferenciação, a cada vez maior reconhecimento da absoluta diferença daquela existência. E, ao mesmo tempo, enquadrando essa existência na absoluta indiferença de seu Haver. Essa pessoa, quando consegue muito, fica disponível para o que der e vier. Quando consegue pouco, fica um pouco mais disponível. O que se persegue na análise é aumentar a disponibilidade de cada um. O chamado neurótico – nem falarei do psicótico, pois este é pior – é aquele que não tem disponibilidade: bateu no sintoma parou, não vira. É a história da moça que se casou e, ao ir para a lua-de-mel, a mãe diz: “Chegará o dia em que seu marido vai dizer para você virar, não vira, pois não é sério, não é direito”. Ela foi e lá ficou na maior trepação. Um dia, o marido diz: “Vira!” Responde ela: “Mamãe disse para não virar, é indecente”. O marido retruca: “Mas você não quer ter um bebê?”

• P – *Quando fez a oposição entre os modos de desejar, do Oriente e do Ocidente...*

Por facilitação, chamo modo Oriente e modo Ocidente.

• P – *...assim você não está reinstalando uma binariedade?*

Não estou reinstalando, ela há.

• P – *Esta binariedade entre Oriente e Ocidente não é uma binariedade que é olhada do ponto de vista do Ocidente para um Oriente que construímos como diferença?*

E olhado do ponto de vista do Oriente para o Ocidente.

• P – *A questão é que, hoje, a relação entre Oriente e Ocidente, entre natureza e cultura, está mais nuançada do que antes, basicamente porque há*

diferenças que não controlamos, coisas bobas, não se comia carne crua e hoje o sushi virou moda.

Mas são misturas culturais, não estou falando disso. Dado que há o movimento pulsional, é real – melhor dizendo, é fato –, não conseguimos mais de duas maneiras de lidar com ele: ou afirmamos o desejo ou o negamos, não tem saída, ou positivo ou negativo. Tem outra? Há a saída da Indiferença, que é a saída da psicanálise, mas, se nos colocamos dentro de uma posição desejante, ou desejamos desejar ou desejamos não desejar. A Indiferença do psicanalista não é *coincidentia oppositorum* nem é tomar algum partido. O analista simplesmente escuta, e vê no que vai dar.

• P – *Talvez a posição do pensamento contemporâneo seja de hibridizar, uma maneira de tornar não incompatíveis.*

Não dá para misturar. Podemos fazer o que a prática da análise nos mostra com clareza: aqui está fundo, ali está raso. Isso é o cerne da política *ad hoc*. Se fizerem uma pesquisa na contemporaneidade brasileira, verão que esse negócio de PT é mentirinha. O pessoal lá é *ad hoc*, trata-se de jogar no interesse do momento, às vezes com grande incompatibilidade. Isso mostra que Eu não tem partido, Eu não tem time de futebol, depende do jogo. Essa é a política *ad hoc*, e o mundo está se tornando assim, sobretudo quando conversamos com gente com menos de vinte anos, que é *ad hoc* demais.

• P – *Você falou na morte de Deus, na morte do Homem e na morte da Morte do ponto de vista secundário. Hoje, vemos a mudança do lugar da morte no Secundário, o que abala bastante o Secundário.*

Qualquer que seja a posição que arranjemos para a morte no Secundário, só vencerá mediante tomar o poder.

• P – *Se faço um transplante, troco de rosto ou recebo um conjunto múltiplo de órgãos que não são meus...*

Agora são.

• P – *Esse processo seria um Revirão no Secundário?*

Só se aborda o Primário mediante o Secundário. Esta espécie não tem como abordar o Primário diretamente. Se o fizesse, seria milagre, magia.

• P – *A medicina atual não faz magia?*

Se acharmos que a ciência é herdeira da magia, é verdade. Mas há grande diferença entre um ato científico ou tecnológico e um ato mágico. No ato tecnológico, criamos dispositivos secundários para intervir no Primário e não ficamos esperando que o milagre se dê. A igreja católica apostólica romana, como toda religião, é constituída como uma psicose paranoica. Tomam essas religiões e as constituem em igrejas. As igrejas são constituídas como perversões. A católica apostólica romana é sadomasoquista, basta olhar a imagem do cara todo escalavrado. O budismo é masturbatório. E a nova igreja não católica, a dos evangélicos, tem o fetichismo do dinheiro. Ou seja, basta procurar a perversão, que acharemos. A igreja que é constituída sobre uma estrutura psicótica de paranoia e que funciona sadomasoquisticamente, ao nos fazer sofrer e ficar com medo de inferno, cavuca dentro do Secundário uma ideia de função primária que promoveu a santidade. A pessoa estava desenganada pela medicina e houve milagre! Qual?! A medicina não sabe nada, só faz erro. Dizem que foi milagre, mas o diagnóstico é que estava errado. Então, usam esses passos para fingir que têm base no Primário. Não há base no Primário, a não ser por um percurso complicado, cheio de dificuldades mediante o Secundário.

• P – *Se tirarmos o cérebro de uma pessoa e o colocarmos em outra pessoa, hipoteticamente...*

Hipoteticamente, porque isso não é possível.

• P – *Esse cérebro não reconhecerá o novo corpo.*

Durante algum tempo. Se fosse possível trocar cérebro – e muita gente merecia que fosse trocado –, depois de algum tempo, o cérebro se adaptaria. Ele é uma máquina de adaptação.

• P – *E a mente e o cérebro?*

Não há diferença. Mente é o que se registra no cérebro, mas o cérebro não é dono do corpo. Aliás, o corpo faz cada maldade com o cérebro...

• P – *O cérebro é dono da mente?*

O corpo é a mente. Diferenciar faz parte dessa coisa ocidental de distinguir a mente do corpo. Grandes nomes da psicologia escrevem livros sobre a relação mente-corpo, mas este problema não existe do ponto de vista primário. Existe do ponto de vista secundário, na loucura deles. Já viram alguma pessoa pensando sem corpo? Só se for na sessão espírita, mas, mesmo ali, arranja-se

um jeito de engatar em algum corpo para falar. Se não, ninguém acreditará – ou será preciso fazer efeitos especiais de materialização. Sem isso, ninguém acredita. Há que fingir que o espírito se materializou ou caiu dentro do corpo do outro. Caso contrário, como falaria?

• P – *Então, o corpo é o reflexo da mente?*

Não há distinção entre mente e corpo. O que chamamos de mente é o Secundário funcionando. É o funcionamento do cérebro.

• P – *Se seu corpo está muito bem e sua mente está mal, você está mal. Se sua mente é boa e seu corpo não vale nada, você está bem.*

Gostaria tanto que fosse assim! Repete que vou acreditar. Quem dera!

• P – *É o caso de Stephen Hawking, o físico inglês. Seu corpo está péssimo e sua mente está extraordinária.*

Para fazer física, mais nada. E tem mulher que casa com ele.

• P – *Deve ser com muita grana provavelmente.*

Será? Para vocês verem que a sexualidade está no banco. Outro dia, um analisando dizia que as mulheres não estavam interessadas nele que está velho e barrigudo, e sim em seu dinheiro. Disse-lhe para dar graçasadeus e arranjar mais dinheiro.

• P – *É a diferença entre Ter e Ser.*

Sim, se você tem grana, você é um fodão.

• P – *Do ponto de vista prático, quais seriam as perguntas básicas que poderíamos fazer em um processo de autorreflexão?*

A primeira é: existe autorreflexão? A segunda: existe autoconhecimento?

• P – *E como é a diferença entre Ser e Haver.*

Ser e Ter são a mesma coisa. Como este Ser, com suas pertinências e propriedades, comparece como existência? Existir é comparecimento do Ser. Existimos como o que somos, é uma diferença de posição apenas. Não há diferença substancial entre ser e existir: a coisa existe como algo que é. Existir é ser de algum modo. A culpa disso é a Grécia (que, aliás, agora está na pior). Citamos sempre Sócrates, se é que ele existiu, dizendo a frase “conhece-te a ti mesmo”, escrita no templo de Delfos. Que diabo é isso de conhecer a si mesmo? É coisa de grego, que deu nesse Ocidente esquisito. Si-mesmo não existe. Dizemos, por exemplo, que “fulano está ensimesmado”, o que é algo

incompreensível se pensarmos três vezes. É a desgraça da ideia de sujeito para o Ocidente. Como o analista está indiferenciado diante do discurso do outro (que, este, acredita em sujeito), então vai levando, conversando, até ele conseguir dizer sua verdade. Mas o que é si-mesmo? Temos várias formações, e a ciência dura do cérebro, embora não saiba quase nada ainda, começa a perceber que temos muitas formações montadas no cérebro. São formações como polos, com foco e com franjas. São formações compactas, sintomáticas, e quando penso que estou pensando sobre eu mesmo, ou mim mesmo, algumas formações estão articuladas com outras formações tentando dar conta de outras formações. Então, não tem si-mesmo. É um vício ocidental que podemos levar na conversa, não tem importância, mas é um vício de pensamento.

• P – *E o entendimento dessas formações.*

Quem entende essas formações? Uma outra formação que está focada em fazer isto. Por isso, não temos totalidade de pensamento nem conhecimento definitivo. Um grupo de formações está articulando sobre outro grupo de formações, o qual está articulando sobre outro grupo de formações... É um jogo, e só temos o que este jogo nos oferece, não tem si-mesmo.

• P – *O si-mesmo é um conjunto de crenças?*

Sim. A Pessoa está delimitada: o boneco tem esse Primário, um Secundário enorme cheio de configurações, e um Originário que garante a loucura de ele poder produzir, fazer arte, ciência... Mas há certo limite, o qual não é algum cinismo – quero dizer: si-mesmo (cinismo e si-mesmo, bacana!). É simplesmente o que está lá. Isso é compacto, isso permanece? Não. Se entrarmos em exercício no mundo, isto irá mudando. Se tivermos Alzheimer, acabou.

• P – *Existe a aventura da descoberta no Ocidente?*

Existe em qualquer lugar.

• P – *Isto vai mudar a psicologia humana?*

A psicologia, sim, a mente não. A psicologia é um modo de ver a mente. A mente está disponível para isso, só não está conseguindo disponibilizar-se por estar aprisionada em certo tipo de construção.

• P – *Isso é cultural?*

É Secundário, e constrói formações. Fazemos enorme esforço para entrar numa formação. Por exemplo, estudamos à beça matemática – o que já

é suficiente para ficarmos estúpidos. E se não deixarmos de ser matemáticos para pensar a matemática, seremos um neo-animal. Chamo de neo-etológico um animal matemático. Quando dizemos que fulano é muito culto, cuidado!, pois é alguém que não pensa. Há pessoas brilhantes assim. Outro dia Caetano Veloso, em sua crônica no jornal, se referia a certo pensador da USP como alguém que tinha uma mente de concreto. É alguém brilhante, sabe coisa para burro, mas tenho que concordar com que ele tem um tijolo dentro da cabeça, um tijolo sólido de saber. Então, se não temos elasticidade, disponibilidade com desprezo pelo que sabemos, não pensamos mais, acabou o pensamento, acabou a disponibilidade. Por que a coisa vai se encaminhando e todo mundo vai entrando? A resposta que tenho na teoria que produzo é a questão dos *Cinco Impérios*. Quando a referência da existência da pessoa muda de lugar, todo o mundo muda. Imaginem um homem da pré-história, antes do Neolítico, em que a referência que se coloca é ele ser aquele parido por aquela carne. Uma pessoa assim é de um tamanho muito pequeno. De repente, alguém inventa o Pai, o que é coisa de gênio: inventou-se uma referência secundária não provável no Primário (naquele tempo não havia DNA para ser a referência). Então, não somos mais filhos da mãe, e sim do pai, do pai do filho da mãe. Quando essa ordem mental muda, tudo vai sendo conduzido por essa nova ordem.

Chega um momento no cristianismo, por exemplo – não estou dizendo que foi o cristianismo que fez –, em que muda a referência para a existência do próprio Filho em relação ao Pai (que, este, passa a ser um só para todos, aquele que está no céu). Existe uma pessoa que, por uma série de acidentes históricos e políticos, tornou-se o representante, mas poderia ser outro. No Ocidente, a meu ver, a entrada do Terceiro Império por cima de Roma é cristã: o Império, por um truque do Imperador para manter o poder, tornou-se cristão. Minha hipótese é que, se não tivessem assassinado Júlio Cesar, ele teria montado o Terceiro Império sem Cristo, sem religião cristã, cerca de quatrocentos anos antes. Ele dava a impressão, por sua história, de estar conduzindo para sair do Segundo Império. Não deu certo, foi parar em uma religião horrível. O símbolo do Terceiro Império poderia ter sido Júlio Cesar, mas virou Jesus Cristo. O Quarto Império ainda está sem dono, alguns acham que é o anticristo, mas é bobagem.

- P – *Não estamos vendo esse Quarto Império surgir?*

Está brotando. E não adianta reclamar ou chorar, pois ele vai entrar.

• P – *Você disse que, no caso do Oriente, há predominio de um conhecimento metanoico e no do Ocidente, de um conhecimento paranoico. É necessário estabelecer um conhecimento específico para a psicanálise, nem Oriente nem Ocidente?*

É o terceiro lugar da Indiferenciação, podendo *ad hoc* tomar qualquer dos lados para uma solução. Não se trata de ficar entre, é *ad hoc*: em tal momento, é melhor ir por essa via, em outro, por essa outra via. Quem julga isso? Algum bestalhão como nós, vamos fazer o quê? – é o que temos. Políticas *ad hoc*: ter uma mente não subdita a uma ideologia, a uma religião, nem mesmo a um conhecimento científico. Parece pragmatismo americano, mas é um pouco diferente: tudo é ferramenta, tudo é instrumento.

• P – *A quebra da ética humanista está inserida nesse contexto?*

Esta já acabou. A ideia de homem não serve mais. Quando o processo muda de foco, muda de referência, essas coisas todas perdem o sentido e o valor. Estão todos mais ou menos perdidos, preocupados com a zorra que está acontecendo. Toda vez que há mudança de Império, passa-se por isso. Basta estudar a entrada do cristianismo no Ocidente, passou por tudo, morte, assassinato.

• P – *Como a Idade Média entraria em algum valor Imperial sem esses acontecimentos?*

Quando estudamos os acontecimentos, um grande sintoma se impõe como fundamental: o Terceiro Império, que é a abstração do Pai. Agora vale a palavra do Filho encarnado no homem, metade Deus, metade humano. Isto significa a referência passar para o Filho, o Filho de Deus. Mas isto está morrendo, não adianta insistir porque está acabando.

• P – *As teorias são formações do Ser em cada Império?*

Toda teoria é sintomática. Tudo que exponho aqui é um sintoma que inventei, uma ficção que pode ser uma boa ferramenta – ou não. Não posso fazer mais do que isso.

• P – *A teoria do Inconsciente nasce entre o Terceiro e o Quarto Impérios?*

Digamos que Freud é um precursor, ele não sabia.

• P – *Trata-se em Freud de uma teoria paranoica?*

Freud é o tipo do cara que fica pulando de um lado para o outro. Inventou uma posição que acolhe o que é da ordem da paranoia e da metanoia. Começou querendo ser metanoico, um homem de laboratório. Foi mudando, percebeu que a coisa estava do lado de cá, e ficou a vida inteira pulando na esperança, declarada por ele – onde, aliás, os neurocientistas deitam e rolam –, de que um dia o que trouxe seria resolvido metanoicamente. Espero que sim, nada tenho contra. Mas não vamos fingir que está resolvido, pois seria mentirinha.

21

Quero esclarecer alguns pontos que, segundo me dizem, parecem apresentar alguma dificuldade no entendimento da Gnômica.

O que foi denominado **Gnômica** é simplesmente, e apenas, **a teoria do conhecimento da Nova Psicanálise**. Não há que misturar com outras teorias – a Diferocracia, por exemplo, que é a teoria política da Nova Psicanálise –, pois dará em bobagem e nada têm a ver com a Gnômica. Como já lhes disse, na Gnômica não se trata de epistemologia, a qual acabou por ser a metafísica do conhecimento científico – coisa que não é de nossa conta. Não que o conhecimento científico não seja de nossa conta, e sim que sua metafísica não é. É a pretensão da filosofia de se tornar o caga-regra universal sobre o que é ou não é ciência. Como também já coloquei, em nosso âmbito, não se trata de *Karl Popper*. A *falseabilidade* só prova a falsidade do caso e, segundo o próprio Popper, acreditar nela como teoria do conhecimento científico depende, em última instância, de crença: acredita-se ou não – portanto, estamos no regime de qualquer crença. Popper tem serventia, pode ser usado, mas não é disso que trata a Gnômica. Tampouco se trata de *Thomas Khun*. A paradigmaticização dos

saberes pode ser encontrada em qualquer parte e suas efemérides. Se ele consegue distinguir paradigmas dentro do corpo da ciência, muito bem! Não se trata de *Isabelle Stengers*, pois as *testemunhas fidedignas* nunca são efetivamente *testemunhas*, e menos ainda *fidedignas*. Portanto, ela que se vire com sua filosofia. Não se trata de *Bruno Latour*. Conhecimento algum consegue ter uma *resolução política* confiável. Essa gente toda, queira ou não, está comprometida com a metafísica, ou, pelo menos, com o escopo filosófico – que, repito, não é da nossa conta.

É preciso criticar, sobretudo no caso de Lacan, as importações absurdas que filósofos fazem ao tornarem filosofemas preceitos que são da ordem estrita da psicanálise. Eis algo que acontece muito – no Brasil, então, é notório – e vemos até Jacques-Alain Miller fazer. Muitos autores estão reclamando disso. Continuando o que dizia antes quanto à Gnômica, nem mesmo se trata de *Paul Feyerabend*. Não é um *anarquismo* epistemológico, como é o caso dele. Aliás, embora filósofo, ele tem a virtude de desenvolver um anarquismo que dissolve as pretensões metafísicas da epistemologia. Freud deixou claro e Lacan enfatizou e formalizou isso melhor ainda – e, há pouco, Jean-Claude Milner relembrou de outro modo essas importações filosóficas em seu *Clartés de Tout: de Lacan à Marx, d'Aristote à Mao* (2011, Verdier). E digo e repito, dentro do mesmo parâmetro, por minha conta e por minha maneira: **Com o advento da psicanálise, todos os saberes estão prejudicados: todos os textos do saber devem ser reescritos**. Vejam que é a pretensão absoluta, porque é verdade. Não há texto do saber algum que não tenha que ser reescrito – *verbi gratia* o *Kant com Sade* (1963), de Lacan. É preciso, pois, parar de pensar no regime deles, e pensar segundo nosso regime. Se não, nada estaremos dizendo. Penso mesmo que a própria teorização da psicanálise deve ser constantemente reescrita porque ela vem com sintomas. É a partir desses enunciados que costumo dizer: “O que quer que se diga é da ordem do conhecimento” – resta saber onde e como situá-lo. Eis aí algo insuportável para a filosofia, por ela não ter condição de escuta.

O que pode nortear nossa Gnômica é uma bem-formulada *Teoria das Formações*: Primárias, Secundárias e a Originária. O que pode configurar a Gnômica é uma valoração *ad hoc* das formações de saber com hierarquização

instrumental por um lado, e funcional por outro – ao mesmo tempo que capaz de aquilatar a potência relativa de cada conhecimento: *Conhecimento não é independente de Poder*. Também com a inarredável globalização dos saberes e das práticas, temos que reformatar a psicanálise de modo que ela se torne cada vez mais independente dos Impérios anteriores ao Quarto Império, e liberada dos cacoetes culturais que a contaminaram em seu percurso. Ela não tem como não estar contaminada, não é má vontade de alguém, pois sintoma é sintoma. Temos que entender que **a psicanálise não é judaica**, apesar de certos judeizantes quererem sua judeidade – não há isso nela. O que tem de *judoca* lá dentro é deslize de Freud, mesmo ele tendo feito enorme esforço para desjudeizá-la. Não conseguiu, por ter incluído coisas do Segundo Império, tipo Édipo... **A psicanálise não é cristã**. Lacan fez esforço para descristianizá-la mediante a teoria da letra, etc., mas continua bastante cristão. A psicanálise, se for viável, poderá funcionar na Índia, na China, no Japão, em qualquer lugar, pois **não tem configuração cultural privilegiada**. O esforço de meu trabalho é neste sentido: desconfigurar para poder ser aplicada em qualquer situação de significação.

• P – *Da década de 1970 para cá, há um resgate da metafísica por parte da filosofia, mas com a crítica da ideia de sujeito. É algo que vem de Badiou, de Foucault, de Latour... Como colocam sempre as mesmas temáticas da filosofia, acabam por reeditar, se não explicitamente, a ideia de sujeito e a questão do objeto. Fazem uma ontologia orientada pela ideia de objeto.*

É o mesmo que fazem com os temas da psicanálise embutidos na filosofia. Temos que sair disso de qualquer maneira. Como sabem, a Teoria das Formações é a tentativa de eliminar sujeito e objeto... E é preciso que vocês tragam questões sobre isso, pois não está desenvolvido como corpo completo entre nós ainda. A mudança de perspectiva trazida pela Teoria das Formações é radical. Psicanálise nada tem a ver com metafísica, e sim com MetaPsicologia.

• P – *Outro aspecto é quanto à teoria dos sistemas como teoria do conhecimento. É uma área que toma a cibernética, a autopoiesis e a teoria da complexidade como teoria do conhecimento. Embora haja certas convergências com a Nova Psicanálise, o escopo geral deles está situado sobre a noção de informação.*

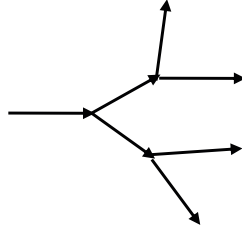
Sobre certa noção de informação que não padece de Inconsciente. Vejam que se trata de pensar que tipo de posição é preciso para acompanhar nossos desenvolvimentos, e que o atual momento de entrada de Quarto Império é propício para a afirmação da psicanálise. Ao dizer que, com o advento da psicanálise, com o advento de sua postura e de sua teoria, todos os saberes ficam prejudicados – ficam mesmo – e que todos os textos desses saberes têm que ser reescritos, trata-se de uma cesura tal em relação ao resto que faz com que não se tenha herança. **Não existe herança em psicanálise.** O próprio Thomas Khun critica essa ideia dizendo que o que acontece no campo das ciências são rupturas radicais – mas, na psicanálise, nem se trata de ruptura, pois é radical demais: **é um salto fora da constituição discursiva de base consciente.** Ao me referir aos gnósticos, por exemplo, não estou herdando nada deles, e sim apontando que o que a psicanálise pensa já teve, aqui e ali, emergência de outra forma. Ou seja, não estou tirando de lá para cá, e sim mostrando que lá, em certo momento, indiciou-se o mesmo de que estamos falando agora. Aproveitamento de casos não é herança de pensamento. O errado nesse pessoal citado sobre a retomada da metafísica é vir dentro de uma herança. A psicanálise rompeu com tudo.

• P – *Você está dizendo isso em função da atemporalidade do Inconsciente? Está tudo aí, presente agora.*

Sim, por exemplo.

• P – *Em função também de, na psicanálise, interessar o caminho de volta ao Bífido, que você apresentou mês passado?*

O pessoal da informação e da computação, sobretudo da computação quântica, está se esforçando para dizer esse raciocínio simples e fundamental da psicanálise: vimos por aqui, chegamos ali e as formações-macro do mundo exigem que escolhamos um lado. Não temos saída, vamos fazendo escolhas e oposições. Chegamos acolá, temos que fazer escolhas de novo. Vejam que é uma enorme hemiplegia, uma pobreza, pois há sempre um resto que fica de fora:



As pessoas vivem nessa pobreza, e os discursos se fazem assim. Isto, apesar de toda dialética, da filosofia ou de quem quer que seja, que, aliás, é fajuta por ser muito local. Sobretudo, a de Hegel que quer resolver tese e antítese com a tal síntese. A psicanálise, por sua vez, pensa das escolhas para trás. O analista, ao escutar alguém, está escutando de volta. Se escutarmos de ida, seremos filósofos. A diferença está em considerar qual era a situação dessa fala, ou isso que está falando, *antes* da bifurcação, antes de ter feito a escolha que fez. Repetindo o que disse da outra vez, a psicanálise pensa em termos de Pontos Bífidos. Qual é o Ponto Bífido anterior ao que resultou numa amputação?

Jean-Claude Milner, no livro que citei antes, que é transcrição de uma entrevista, responde a uma pergunta sobre o estilo de Lacan. Diz ele que Lacan não tem estilo, que não é uma questão de estilo, e – indo até Buffon que dizia que “o estilo é o homem” – que é como se a solução estilística de uma pessoa fosse a resultante de sua configuração sintomática. A pessoa consegue dizer o resultado de sua configuração sintomática mediante a produção de um estilo. Por isso, diz que Lacan não tem estilo. Lacan não está fazendo um estilo pessoal, e sim tomando os discursos correntes da ciência, da filosofia, etc., e contorcendo de propósito para mostrar como é a psicanálise. A questão é: No limite, isso faz ou não um estilo? Ou seja, Milner quer dizer que não é, de saída, uma emanacão estilística da pessoa de Lacan. Se quisermos considerar um estilo, ele será resultante não da emanacão da pessoa, e sim de uma força de barra para obrigar o discurso a se comportar de maneira compatível com a psicanálise. É como se ele estivesse operando psicanaliticamente sobre os discursos para que resultassem em outra coisa. Essa operação é um estilo, mas, quando resulta, a

discussão é infinita. Trata-se de invadir os discursos até com emergências brutas do Inconsciente. Ao dizermos “Caralho!”, por exemplo, não é xingamento, e sim invasão.

Outra pergunta a Milner é sobre os últimos textos e seminários de Lacan. São textos compactos, em que muita coisa é dita em cada parágrafo. É preciso, na leitura, descompactar e proliferar. Milner dá uma resposta que acho tola: Lacan percebia que estava no fim e tinha que dizer tudo em pouco tempo, num texto muito apertado. Ele não entendeu que Lacan estava tentando falar no *caminho de volta*, na posição anterior à bifurcação. Lacan não sabia (pois eu não lhe tinha dito) que estava tentando falar do modo como se pensa em *qubits*, de volta à Bifididade. Fez muitos esforços nesse caminho: *hainamoration*, o *L'Étourdit* (1972) inteiro, que é inteiramente um discurso pré-bifididade... Temos aí um discurso bífido, e não bifurcado.

• P – *A influência de Joyce é clara aí.*

E de Raymond Roussel, de Duchamp (este, um grande construtor de Pontos Bífidos), do pensamento chinês...

• P – *Tudo que convergiu para a emergência do evento Freud não seria, de alguma maneira, uma herança?*

Não! O evento Freud depende de um *sopapo*, mais nada. Evento não tem herança. A HiperDeterminação nada tem a ver com isso. O que ocorre *depois* é aproveitamento do tesouro – como Lacan chamava – para exprimir o evento. Pensar de outro modo é como faz a academia, que acha que, estudando isso e aquilo, resultará naquiloutro. Não resulta em nada. O evento – e a psicanálise é um grande evento – faz ruptura com tudo, e recai numa nova formação que, esta sim, pode começar a colher materiais do tesouro das formações para compor seu discurso. Por isso, temos Freud fugindo do judaísmo, mas sem deixar de falar nele, por exemplo. O evento não herda nada. Se não, não era evento. Seria uma produção, o que é bem diferente de algo acontecer. Dizendo em meus termos, no tropeção que o nível do Ser deu no Haver – o que chamei de *sopapo* –, o evento caiu numa situação de recomposição geral do discurso no mundo. Aí, vai ao Ser para retirar elementos para dizer o que houve. E vem tudo contaminado. Os discursos do Ocidente – e não há que deixar de fora

os do Oriente – levaram um sopapo com a psicanálise. Tanto é que voltam à psicanálise para tomar conceitos e enfiar na filosofia.

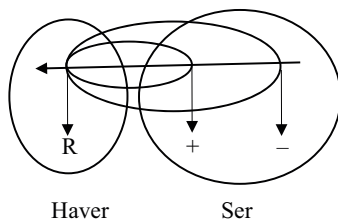
• P – René Char diz uma frase interessante: *Nossa herança não foi precedida de testamento algum (Notre héritage n'est précédé d'aucun testament)*.

Esta é a frase correta. Gosto muito de Char.

• P – François Jullien, em *Cinq Concepts Proposés à la Psychanalyse* (Bernard Grasset, 2012), pergunta: “Um ‘evento’ existe efetivamente, isoladamente, isto é, recortando-se no tempo e nele fazendo ruptura? (...) Tudo não é apenas uma transformação silenciosa no que nomeamos, com o termo mais rasteiro, de ‘realidade’?”

“Transformação silenciosa” é uma metáfora bonita que significa o que René Char está dizendo. O evento é mudo, fala-se a partir dali, mas aquilo não tem voz. Como o Real do Haver é Causa e faz produzir dentro do Ser, um **evento é repetição de Real**. Logo, é silencioso, não fala, só fica o *sopapo*. Aí, nos viramos na ordem do Ser – e fazemos bobagem porque a ordem do Ser é contaminada. É preciso fazer um esforço enorme – tal qual estou aqui me exacerbando não sei para quê – para dizer algo que não está nos livros, e, pior, não conseguindo. Se houve acontecimento, podemos pressupor algum propício, alguma propiciação. Qual? Se todo o antes foi apagado? O filósofo vem querendo entender por que foi possível o evento Freud e começa a inventar coisas. Não foi nada disso. Depois de acontecer, podemos dizer o que quisermos, mas caçar o acontecimento e suas causas não é possível. Se não, não haveria psicanálise, a filosofia bastaria. Ou seja, depois do evento, depois do susto, começamos a falar para resolver o susto. Jamais o resolveremos. É um problema para os cientistas, por exemplo, saber como a vida começa. Ela não começa – e não termina: só os outros é que morrem, como dizia Duchamp. Eu sou sempiterno. O evento não é, portanto, uma resultante. Se fosse, resultaria de programações sucessivas de operação. Ele salta fora da programação. Por que, após um evento, sociólogos, filósofo, jornalistas, saem correndo para escrever sobre o que aconteceu? Justo porque não seguram o evento. Tudo que dizem desbragadamente é *depois*. Todos correndo atrás do prejuízo, ou seja, estão todos efetivando aquilo que o evento causou. O advento da psicanálise como

evento causou uma zoeira no planeta. O evento causa, mas não o dizemos. Vejam no desenho:



O Haver não fala, é silencioso. O evento não tem consequências, ele causa consequências. Toma-se a porrada – o trauma –, e, aí, vai-se correr atrás para (não conseguir) dizê-la. Produzimos por causa da porrada, não é a porrada que está produzindo para nós.

- P – *François Jullien, no livro citado há pouco, faz um elogio a Freud... não faz mais que obrigação.*

• P – *Diz ele: “O que notadamente admiro em Freud é seu modo de ir buscar, mediante um gesto certo, que visa o alvo diretamente e sem entraves, toda a parte de um saber que ele não possui, mas da qual já percebe a ilustração pertinente que traz ao que ele se propõe a esclarecer”. Ele está comparando com o modo chinês de conhecer.*

Não disse nada, mas falou tudo. O que Jullien parece não saber é que temos o chinês, temos o Ocidente – e a psicanálise está acima. Na bifurcação Ocidente / Oriente, a psicanálise está antes, no Ponto Bífido. Se ao Ocidente aconteceu dizer a ideia de evento como diz – que não há evento sem transformação –, no que ele acontece, rompe com o anterior. Se não, seremos aristotélicos: causa e efeito. Por que tanta transformação silenciosa vira evento? Porque, em algum lugar, o Bífido compareceu. Jullien tem razão ao descrever os modos de pensar do Oriente e do Ocidente, mas ambos são modos presos dentro da bifurcação. Não se trata disso na psicanálise, pois ela não é oriental ou ocidental, não trabalha no regime da bifurcação, e sim no regime da Bifididade. Ela é anterior e superior a essa bifurcação.

- P – *A análise empurra para a explosão do evento?*

A análise efetivada acontece – e nem analisando nem analista são responsáveis por uma análise – e, quando acontece, o que temos com isso? Nada. É por isso que os outros discursos precisam ser reescritos, pois só o discurso analítico e certas pessoas efetivamente analistas podem suportar isso. Filósofo não suporta, quer explicar, mas não adianta, pois não vai dizer. Freud chamava isso de castração. Lacan dizia que não sobra mais do que o bem-dizer. Diga muito bem! O quê? Já não lembro mais...

22

A *Quebra de Simetria*, tal como tratada aqui – não idêntica ao que a física chama assim –, precisa ser entendida no nível da crítica do conhecimento, crítica do saber estabelecido. Repito o que disse da vez anterior: o advento da psicanálise prejudica todos os saberes, e impõe que sejam reescritos.

Temos que levar em conta as delirações da filosofia como as de outros saberes. O século XX, em que fomos formados, é especialmente delirante ao sacrificar uma enorme quantidade de variáveis – muitas delas incomensuráveis a qualquer padrão convencionalmente estabelecido – em favor de um Secundário isolacionista que, efetivamente, não corresponde a realidade alguma propriamente reconhecível, *i. e.*, a formação alguma do Haver em sua dada especificidade. É algo delirante do ponto de vista de ter tanta vontade de secundarização, e não levar em consideração uma série de formações que aparecem sintomaticamente em outras regiões. Essa *deliração psicopata* é a herança maldita do discurso universitário, é a *intelectual burocracia* que se apoderou do direito de distribuir conhecimentos e verdades. Apropriação indébita porque

os verdadeiros criadores de conhecimento operam de fato fora da universidade, ou apesar dela. O século XXI está começando a fazer essa crítica veemente.

Vejam que um sintoma da filosofia no século XX foi eliminar a pessoa que está em jogo na produção de um saber – de uma filosofia, por exemplo. Trata-se de abstrair e de ninguém se interessar pela biografia daquele que fez. Sejam kantianos e fiquemos com a baboseira dessa filosofia secundária e inteiramente delirante como se não existisse o Dr. Kant, que era o neurótico que todos sabemos. No início, as pessoas se interessavam pela vida dos filósofos, era importante saber se a pessoa praticava o exercício do que dizia. Diógenes Laércio escreveu sobre a vida dos filósofos mais ilustres, e não importa se é cheia de erros ou invenções, e sim que tenta reconciliar uma vivência com um pensamento. Ultimamente, quem mais gritou contra essa eliminação da pessoa foi Michel Foucault, que exigiu que se reconsiderasse a vida e a experiência de quem está produzindo o saber. Eliminar o ficcional em favor da precisão e da abstração, por um lado, produz algum depuramento, ao passo que, por outro, elimina ingredientes significativamente poderosos. Ao dizer que “o mundo sou eu”, por exemplo, a Nova Psicanálise quer dizer que não há pensamento, e muito menos filosófico, que não seja de fato a expressão do mundo singular que um pensador é. Não é *Weltanschauung*, visão de mundo. É, sim, mundo, um mundo. As coisas que brotam no pensamento de hoje são *de hoje*. É outro mundo – somos almas de outro mundo...

- P – Na época do estruturalismo, eliminava-se qualquer referência aos autores: só interessava a lógica do texto.

Ao contrário, o que cabe pensar hoje é: Qual acontecimento deu em tal biografia? É acontecimento de uma vastidão enorme, e o “autor” não tem culpa, é vítima.

As ciências ditas duras – quase que ditaduras –, na melhor das hipóteses, são mais ou menos exatas. A crença no delírio secundário da produção científica se esquece disso, de que as quantificações são apenas aproximativas. Por exemplo, *cinquenta por cento não existe*. Não adianta alguma teoria da probabilidade dizer que, ao jogar a moeda, há cinquenta por cento de chances para cada lado. Não há. Cinquenta por cento é delírio secundário, não existe na realidade. Isto porque as metades jamais são iguais, como as crianças sabem

muito bem na divisão de um doce entre duas delas. A metade da outra sempre parecerá maior, alguém levou vantagem. Físicos e cosmólogos sabem disso, aliás. A geometria fractal tampouco tem algum cinquenta por cento – e é bem mais próxima da realidade. No seio do Haver, o surgimento de pelo menos o universo conhecido depende do raciocínio e da realidade de que estou falando. A explicação dada pela teoria do Big Bang – e é bom lembrar que há também o bang bang e o gang bang, é tudo a mesma suruba – é de que há cinquenta e um por cento de matéria e quarenta e nove por cento de antimatéria. Se o Haver, em sua primeira aparição diferenciada, era constituído de matéria e de antimatéria, onde está a antimatéria? Se esta bater de frente com a matéria, aquilo se pulverizará e se tornará energia pura. Então, dizem eles que havia quarenta e nove por cento de antimatéria e cinquenta e um por cento de matéria. A grande explosão eliminou os quarenta e nove por cento de antimatéria e ficou um por cento de matéria. Assim, toda matéria existente no universo é apenas um por cento de matéria que sobrou da liquidação do restante na explosão de matéria e antimatéria. Isso é a prova concreta de que, quando algo aparece em termos de Haver, ainda que em seu início, não há cinquenta por cento. As metades não são iguais. E mais, ao dizerem quarenta e nove e cinquenta e um é também delírio, pois não se mediu nada. O que sabem apenas é que uma é um pouco maior do que outra. Toda a matéria do universo conhecido nada mais sendo do que um pouco mais da sobra originária. E esse um por cento é absolutamente conjectural, não há condição de medi-lo. É tão conjectural quanto as afirmações das ciências ditas conjecturais como a psicanálise.

Vejam que é preciso desmoralizar o delírio psicótico do saber constituído no século XX. Não se mede nada disso, o que se pode dizer com exatidão é que é “mais maior”. Daí também que, quanto à teoria da Quebra de Simetria, temos que prestar a atenção ao fato de que as teorias dependentes da suposta ciência estão infectadas de delírio. Essa deliração bate, por exemplo, na psiquiatria e na psicologia – mas não bate na psicanálise. Em nosso caso, a teoria da Quebra de Simetria, ou seja, a fundação do Recalque Originário e sua repercussão nas demais formações do Haver, é: se há Quebra de Simetria e começam a aparecer as formações do Haver – notem que a Nova Psicanálise ficou besta e resolveu se meter com a cosmologia e ensinar o que ela deve

pensar, pois estava delirando –, ou seja, se o Haver tem alguma explosão e há Quebra de Simetria, esta não é por igualdade (cinquenta por cento) de oportunidades. A Quebra de Simetria, *i. e.*, a assimetrização, vai repercutindo em todas as formações. Só existem formações do Haver porque a primeira quebra é assimétrica. Tanto é assimétrica que não-Haver não há. Se fosse simétrica, o não-Haver compareceria. Se não-Haver não há, quando a quebra se quebra em falta de simetria, ela se quebra assimetricamente. É quase igual, mas não é igual. É isso que permite todas as fundações, a repercussão da Quebra de Simetria em todas as formações do Haver. Só existe possibilidade de recalque porque há Recalque Originário, o qual é a vitória, o sucesso, contra o fracasso da formação menor. Menor de algum modo, menos poderosa, alguma coisa... Os alelos não são equivalentes. No Revirão, não existe equivalência de alelos. Donde a derrota dos menores no recalque.

• P – *A equivalência de alelos não seria uma promoção do movimento de Indiferenciação?*

Indiferenciação é uma postura. Os alelos continuam assimétricos. Há assimetria dentro do Revirão, na qual a quebra já repercute a quebra do Recalque Originário. Portanto, um alelo está em desvantagem, seja pelo motivo que for. Não se trata de quantificar. O raciocínio dos cosmólogos sobre o Big Bang está valendo para nós também. Não porque haja matéria e antimatéria, e sim que a Quebra de Simetria originária, fundadora do Recalque Originário, repercute em todo o processo. Portanto, Indiferenciação é uma postura diante da diferença. Os alelos não são indiferentes. Se a psicanálise é possível, é por Freud ter dito que consideraria o recalcado com o mesmo valor do recalcante. Isto porque o recalcante é falso, à medida que não levou em consideração o recalcado. E os cientistas, em seus laboratórios de precisão, podem denodadamente se esforçar para estabelecer recortes cada vez mais parecidos com suas contas ilusórias, mas as metades se demonstram sempre diferentes, ainda que por um átimo de sobra. O que conseguem é cada vez mais aproximação, mas jamais cinquenta por cento exato. Só há identidade no Real da IdioFormação: somos todos idênticos do ponto de vista da Indiferenciação. Fora disso, se caiu no mundo, acabou identidade, igualdade...

Onde isso repercute na *política*? A ideia estapafúrdia e falsa de democracia encontra nessa assimetria da realidade um fundamento nada honesto para sua função recalcante das assim chamadas minorias. Ou seja, uma diferença de quarenta e nove a cinquenta e um por cento, na eleição de uma facção para a função governante, é uma aplicação falsa quando se trata dos interesses das pessoas enquanto formações que não se qualificam ou se quantificam segundo a brutalidade do Artificio Espontâneo. É uma péssima forma de governo, pois não se pode calar quarenta e nove por cento das pessoas. A aritmética é psicopata. Confundir níveis de abstração no Secundário com realidade é coisa de maluco psicopata ou psicótico. Psicopata é aquele que acredita na absoluta verdade de seu tesão, ao passo que psicótico acredita na absoluta verdade de seu delírio. Ou seja, são todos – matemáticos. Não há, jamais houve democracia alguma. Bem analisadas essas formações políticas caricaturais, nelas só vemos oligarquias e plutocracias. Lembrem-se de que o custo da última eleição no Brasil foi de cinco bilhões de Reais. Dinheiro de quem? O fingimento fica por conta das manipulações ideologicamente configuradas mediante propaganda e publicidade evidentemente enganadoras.

Considerem, portanto, tudo que foi dito ao pensar sobre a Quebra de Simetria. No mais, se reduzirmos o recalcado a coisa alguma – como se fazia antes da existência do Dr. Freud –, estaremos mutilando as possibilidades de significação do mundo.

23

Quero abordar alguns pontos importantes para continuarmos a entender a distinção da postura da Nova Psicanálise em relação à de outros discursos.

Primeiro ponto. Ouvi, há pouco, alguns de vocês perguntarem: **A partir de quando alguém é uma Pessoa?** É uma pergunta inútil. Essa questão, frequente no campo da biologia, da ética, etc., não nos pertence, nada temos a ver com ela. Para a psicanálise, o conceito que pode operar esse tipo de questão é: *Só-depois*, o *Nachträglichkeit* freudiano. Não há possibilidade, antes-ainda, de saber se há ou não uma IdioFormação, e mesmo uma Pessoa, em nosso caso. Supor que haja essa possibilidade é cientificismo querendo intervir na ética e na religião. Pretende-se descobrir em que momento há Pessoa para poder permitir aborto, eutanásia... Querem perguntar à ciência que momento é esse. A ciência não sabe, e jamais saberá. Trata-se de uma decisão que nada tem a ver com conhecimento prévio. Uma Pessoa se manifesta só-depois que o é. É como a frase em uma língua, seu sentido só vem depois da frase pronunciada por inteiro. Uma criança, e mesmo um feto, ou um ovo humano fecundado, enquanto suposto filho de uma IdioFormação, suporta a suposição de ser uma Pessoa pelo menos em projeto ou em preparação. Essa Pessoa, ou projeto, será reiterada ou não – e pode mesmo ser reiterada por forçação secundária. Digo isto porque, frequentemente, nascem crianças supostamente humanas que não são Pessoas. A forçação por via religiosa, caritativa, etc., é que as quer considerar uma Pessoa. Há certos tipos graves de autismo ou mesmo de síndrome de Down, por exemplo, que jamais possibilitarão haver Pessoa ali. O que fazer com isso é problema moral – dos outros. A psicanálise não tem problema moral, ela tem problema psicanalítico.

- P – *Ser uma Pessoa não é um problema psicanalítico?*

Sim. E a psicanálise reconhece uma Pessoa só-depois que ela se apresenta como tal. Não há como reconhecer antes ainda. Se um feto humano é uma Pessoa em projeto, se está constituído como uma Pessoa futura, veremos. Por exemplo, alguns querem fazer aborto e ter garantia de não estar matando alguém, não há essa garantia. Qualquer convenção estatalmente feita quanto a isso, será pura convenção. Como sair dessa? É uma questão do Secundário em vigor. A força do Primário aí é zero. Do que discordo é que seja um problema do Estado. Ele não tem que se meter aí, é abuso de poder.

Segundo ponto. Temos que entender que **Primário não é o mesmo que Artifício Espontâneo**. Artifício Espontâneo existe, é o que chamamos

de *natural*. Do ponto de vista das Pessoas, das IdioFormações, para haver Primário, Secundário e Originário, é preciso haver o biótico. Não se conhece espontaneamente surgimento de IdioFormação sem o biótico, o qual, primeiro, surge como Artíficio Espontâneo. E conhecemos o biótico só como Primário, ele só tem Autossoma e Etossoma – caso dos animais, em geral. É de se supor que as formações pré-bióticas tenham apenas Autossoma, o qual já funciona plenamente com suas próprias determinações, pois são formações compostas de formações. As coisas da chamada natureza, que não são da ordem do biótico, só têm Autossoma. Achamos esquisito por esse Autossoma ser capaz de transformações, mas Autossoma não é zero, e sim um conjunto de formações, funciona segundo sua espécie. Como não há Etossoma ali, aquilo apenas funciona, mas não *se* comporta.

• P – *Esta confusão que você aponta realmente ocorre se tomarmos as ordens autossomática e etossomática como desenhando um Primário qualquer.*

Coloquei o Primário sobre a Pessoa, a IdioFormação, a partir do Creodo Antrópico. Uma IdioFormação tem qualquer tipo de Primário. Não conhecemos nenhuma outra fora do tipo carbono. A suposição é que, digamos genericamente – e nem falei das plantas, que têm certo comportamento –, os animais só têm Primário (não têm Originário, portanto, não têm Secundário) com Autossoma e Etossoma. E, saindo da ordem do que hoje se reconhece como biótico, só há Autossoma. Podemos, então, dizer, neste caso, que é meio Primário, que tem metade do Primário das outras formações (e só podemos chamar de Primário enquanto Autossoma). No caso das substâncias químicas, por exemplo, como uma reage quando encostada em outra, dá impressão de isto ser um comportamento, mas é uma funcionalidade daquelas formações. Como é uma formação composta de um conjunto de outras formações, aquilo funciona: uma formação estando diante de outra formação reage. Isto não é um comportamento, pois ela não tem nível algum de escolha. Um Etossoma tem níveis de escolha – muito primários, mas tem. Comportamento já supõe um mínimo de princípio de escolha. Um ser vivo, uma ameba que seja, pode não ter todas as nossas possibilidades de escolha, mas tem algumas. Falei em plantas, talvez, nelas, não seja um comportamento. É preciso a biologia nos dizer se algumas plantas, diante de certas situações, têm certas escolhas. O problema da ciência futura

está justamente nesse lugar em que, por mais rudimentar que seja, o Etossoma comparece. Há uma programação de comportamento com um mínimo de escolha. À medida que aquilo vai ficando complexo, a possibilidade de escolha vai aumentando. A ponto de, para alguém da espécie humana (que não seja burro demais), a escolha tornar-se infinitamente grande. A espécie humana é, sobretudo, burra, escolhe pouco, compraz-se em sua neo-etologia, resta aprisionada em formações secundárias limitadoras. Burrice é algo biológico, uma tristeza.

• P – *No Haver, o que há é formação: as Primárias, as Secundárias e a formação Originária. Você disse que Primário não é o mesmo que Artificio Espontâneo, mas o Artificio Espontâneo não é uma formação primária?*

Artificio Espontâneo é o que surge por aí. São as formações do Haver que não foram produzidas por alguma IdioFormação, não foram inventadas. Todas são formações do Haver, portanto, são formações espontâneas. Podemos chamar todas essas formações de primárias? Sim, se considerarmos que seja um Primário com apenas Autossoma. A classificação das formações em primárias, secundárias e a originária nasceu daqui para lá, em função dos seres vivos e, sobretudo, de nossa existência enquanto humanos. Não está, portanto, proibido chamá-las de primárias, desde que só tenham Autossoma. Mas o Primário, como defini, tem Autossoma e Etossoma. Por isso, por incluir Autossoma e Etossoma, é bom distinguir Primário de Artificio Espontâneo. Então, se dissermos que um mineral, por exemplo, faz parte do Primário, é preciso lembrar que se trata de um Primário não-biótico. Podemos, então, para especificar, chamar de Primário autossomático porque, se simplesmente falarmos em Primário, as pessoas poderão achar que é tudo igual, que uma pedra tem Etossoma. Ela não tem. Se dei a entender que Primário seria genérico, talvez fosse porque, naquele momento, eu deveria estar pensando como funciona o Autossoma sem Etossoma e procurando um nome para isso. Não é necessário outro nome, pois chama-se: Artificio Espontâneo.

Repetindo, é de se supor que as formações pré-bióticas tenham apenas Autossoma. Então, quais são os limites do biótico? Ou seja, em que momento pode ser gerado o etossomático? Em que momento certo Autossoma integra um Etossoma? Quando há essa integração, começou a vida. Esta é a suposta questão da origem da vida, assim como é a questão da tecnologia quanto à

produção de máquinas autodeterminantes e auto-replicas. Essa produção é possível? Suponho que sim. Qual a possibilidade de um Etossoma, e mesmo de um Heterossoma, ou de um Originário de base não carbono? O pessoal que procura vida por aí, em Marte, etc., está procurando base carbono. Parece que a existência da robótica plena depende da existência prévia de alguma IdioFormação espontânea. Disse-me alguém da área da biologia que gosta do que digo, mas não gosta da suposição de IdioFormação não viva, não biológica, não base carbono. Minha suposição é que, neste universo conhecido, só apareça Etossoma com emergência de base carbono. Assim, enquanto não aparece algum tipo de vida tal qual conhecemos, talvez não apareça Etossoma. Mas também suponho que, segundo o princípio evolutivo do biótico, há emergência do Etossoma no seio de um Autossoma complexo – esta é que é a tal origem da vida. Então, começa a se comportar, a ter algumas escolhas e, ao continuar indo para a frente, há emergência de Heterossoma, ou seja, de Revirão. E aparecem espécies de IdioFormações como a nossa. Dá para pensar isso fazendo referência ao livro *Evolution in Four Dimensions: Genetic, Epigenetic, Behavioral, and Symbolic Variation in the History of Life*, de Eva Jablonka e Marion J. Lamb (MIT, 2005). Assim, ao chegar na IdioFormação, ela é aquela que vira tudo pelo avesso. Inclusive, vira-se pelo avesso: a evolução para de ser biótica e passa a ser na base das próteses. Passa a outro tipo de processo evolutivo que talvez venha a ser capaz de propiciar a emergência de uma IdioFormação de base não-carbono.

• P – *Podemos, então, dizer que a emergência do Etossoma se dá por alguma ação (não própria, mas) indireta da formação originária sobre o Autossoma?*

Suponho que sim. O Haver enquanto tal revira, mas suas formações não reviram. E surge dentro do Haver uma formação específica que começa a revirar tal qual o Haver: são as IdioFormações. Alguma comoção do Originário no Haver faz emergir o Etossoma e, depois, o Heterossoma. Repito, é por reviramento no Haver, e não por reviramento da formação. Então, se a Quebra de Simetria é originária, se repercute nas formações do Haver, pode ser por aí que haja uma pressão do Revirão do Haver sobre uma formação do Haver. Não é milagre. É parecido, aliás, com o que diz Ilya Prigogine.

• P – *Retomando, frequentemente tomamos Primário quase como Artificio Espontâneo...*

Não é. Se for criado um robô que venha a se tornar uma IdioFormação, não será Artificio Espontâneo, e sim Artificio Industrial. Ele só foi possível pós-secundário.

• P – *Dado que não há Morte, o Haver é vivo...*

Isso é literatura. Se quiser, metaforicamente, chamar de vida a verve, pode chamar, mas não é a mesma coisa. Observe que evito falar em vida, falo do biótico, daquilo que é possível distinguir bio logicamente. Há, por exemplo, entre os cientistas uma discussão sobre o *vírus*. Ele é vivo, é biótico? Não temos como resolver esse limiar da emergência. Então, se você disser que o universo é vivo, direi que também acho que seja: Ele é muito vivo, é espertíssimo. Direi agora algo para vocês não anotarem, que o universo sem o bio pode ser considerado uma IdioFormação não carbônica. Pode ser da ordem da loucura o que disse, mas quem sabe?

Terceiro ponto. As Morfofos Progressivas, desde o início, foram consideradas como dependentes de uma **fundação mórfica**, de um arraigamento sobre uma fundação mórfica. Essas fundações mórficas não determinam a estética ou a erótica de alguém. A estética e a erótica é que as determinam. As fundações mórficas são acontecimentos no cruzamento do Primário com o Secundário. Observem que não estou falando de psicossomática, e sim que, no cruzamento do etossomático com acontecimentos do Secundário, forma-se um núcleo que chamo de fundações mórficas. Estas, depois, dão a impressão de vir a determinar a estética e a erótica de alguém, mas são elas que foram determinadas esteticamente e eroticamente. Foi algum momento de prazer ou de gozo. Melanie Klein sabia essas coisas, que a criança tem experiências estéticas, às vezes, por impossibilidades biológicas, por exemplo. Em meu caso, fui uma criança com alergia ao leite – ou seja, não era um mamífero... Muitas crianças morrem por lhes enfiarem leite, por serem um bicho que não quer ser mamífero. Eis algo que acaba dando uma fundação mórfica positiva e negativa, para os dois lados. Ela pode virar para um ou para outro lado, ou mesmo virar para um ou outro lado dependendo da situação.

• P – *Há uma escolha aí?*

Sim, mas em função do mal que aquilo faz. Passa a ser uma escolha estética em função do mal que deu. Vira uma fundação mórfica baseada em um funcionamento, e não em um comportamento.

• P – *As fundações mórficas entram no cômputo de qualquer manifestação das Morfozes, ou apenas das Morfozes Progressivas?*

Apenas das Progressivas. O apanágio das Morfozes Progressivas é assentar sobre as fundações mórficas e as carregar para a frente como se fossem um bastião. Ou seja, as Progressivas dependem das fundações mórficas, as demais Morfozes não dependem, mas podem acontecer sobre os comportamentos que vêm delas. Por exemplo, uma criança tem tal fundação mórfica que leva a uma Morfoze Progressiva – não se esqueçam de que Morfoze Progressiva é normal, não estou falando de psicopatas –, *i. e.*, ela tem sua perversãozinha, a qual se manifesta numa cultura de modo contrário a certos de seus ditames. Ela será perseguida e, portanto, pode vir a ser recalcada. Ou seja, a fundação mórfica é passível de repressão, mas não se recalca. Recalcado é o comportamento que depende dessa fundação, e não a fundação. É diferente de alguém recalcar algo do Secundário, o que é o recalque propriamente dito. Portanto, nesse caso, o recalque é no nível do Secundário, e não da fundação mórfica, que está apegada, colada no Primário. Debelar qualquer perversão – que não dá para ser debelada, aliás – é difícil porque ela tem pegadas no Primário. Já um recalque, que tem suas pegadas no Secundário, quando debelado, solta. Jamais se consegue eliminar uma fundação mórfica. Por isso, na terminologia antiga, diziam que perverso não faz análise. É burrice dizer isto, pois ele faz sim, descobre suas fundações mórficas e dá um jeitinho nelas para poder conviver. Mas jamais se recalará uma perversão. É possível, sim, dominá-la, controlá-la, recalcar as formações secundárias responsáveis por seu comportamento. Aí a pessoa fica neurótica a ponto de não mais poder mexer naquela fundação mórfica, mas ela lá está.

• P – *Lacanianoamente, você diria que, no caso da fundação mórfica, trata-se de cospe-engole, de instalação de Bejahung, de determinação do que entra e do que é expulso?*

Ou seja, se não entrou, como seria expulso?

• P – *Freud falava em recalque da representação.*

Ele fez o que pôde com a terminologia que tinha. Estava falando da inscrição de traços de memória. Representação é algo que vem da filosofia, a qual tem o péssimo hábito de não jogar certas ideias no lixo. Ela é usurária, não sabe se desfazer daquelas que não no servem mais. A ciência, ao contrário, é perdulária, livra-se com facilidade do que não tem mais serventia.

Quarto ponto. Algumas questões difíceis da **Etologia**. Por exemplo, o conceito de *Sociedade*. Há sociedade animal? Para a psicanálise, há sociedade primária, etossomática, e há sociedade secundária, dado que existe Originário. Como a etologia não tem essa distinção, fica discutindo como se fosse um conceito só, no mesmo registro. Etologicamente, há, sim, sociedade de formigas, etc. Associar-se e, às vezes, dividir tarefas são coisas que estão naquela programação. Já a sociedade humana começa etossomática e passa a heterossomática, a Secundário. Por isso, falo em Cinco Impérios como creodo, como “caminho necessário”. O Primeiro Império, d’Amãe, é o tipo de Império baseado no Primário, que tomou a funcionalidade do Primário como modelo de associação. Os demais Impérios se baseiam mais diretamente do reviramento do etossomático. Outro exemplo, o conceito de *cultura* animal. Existe isso? Alguns etólogos dizem que sim, que certas espécies são culturais: primatas com a mesma constituição biológica, genética, apresentam diferenças locais e grupais de comportamento. Ou seja, por via etossomática, há possibilidade de elasticidade dos programas de modo que têm um bom grau de escolha. Então, em função do ambiente ou do grupo, a escolha pode variar. Pode ser cultura animal, sim, pois, se há possibilidade de escolha, aculturou-se para lá ou para cá. Para a psicanálise, há base etossomática para a cultura humana, a qual só se apresenta como tal por via secundária dialetizável pelo Originário. A base cultural desta nossa espécie é igual à dos animais. Posso, portanto, pensar que há cultura animal, *i. e.*, mínima condição de escolha no programa – o programa permite certas escolhas –, o que, depois, se torna infinitização da escolha por reviramento. Assim, não há propriamente diferença entre natureza e cultura, mas entre Artíficos – articulações – Espontâneos, formações dadas do Haver, e Artíficos Industriais, formações produzidas por IdioFormações. A questão lévi-straussiana natureza / cultura não nos interessa porque *a cultura é natural*. Então, se a etologia vier a fazer considerações próximas ao que digo, a cultura

é constante: há cultura dada espontaneamente. A cultura dita humana é de produção secundária com base em nossas possibilidades etossomáticas que aí estão em algum modo, e muito complexas.

Quinto ponto. **Psicanálise clínica:** qualquer IdioFormação, de qualquer base, carbono ou não, não prejudicada por formações supostamente impeditivas – isto existe –, pode ser considerada em uma análise pessoal. Pode-se, portanto, fazer análise de um robô. Podemos ter um analisando que é um robô do futuro. E mais, a possibilidade de uma psicanálise serve para distinguir o que é uma IdioFormação: se é capaz de fazer análise, é uma IdioFormação.

- P – *Com isso, resolve-se o teste de Turing.*

Esse robô passa no teste de Turing. Aliás, nessa conexão, seria interessante tomar alguns autistas e verificar se passam no teste de Turing.

24

Não gosto da palavra *influência* que vocês estão estudando no texto de François Jullien em relação às ideias de *persuasão* e de *transferência* [*Cinq Concepts Proposés à la Psychanalyse* (Paris: Bernard Grasset, 2012)]. A noção de influência é de referência permanente. Não se está persuadindo, e sim tomando-a como referência para identificar o outro. A influência é identificatória, portanto, não serve para a psicanálise. A transferência, esta, não pode permanecer identificatória, pois ela é mais projetiva do que identificatória. Aquilo que o analisando pensa que o analista é, é falso, pois ele está projetando no analista. Influência é de lá para cá, é alguém exercer influência sobre outra pessoa daqui para lá.

Na China, a influência é bem mais presente do que a persuasão. O Ocidente é dialógico, quer convencer com argumentos. O chinês exerce influência manipulando o outro. Influência e persuasão não são exemplos para a psicanálise. Isto, nem no caso de transferência, nem no de sugestão. A transferência não é influência, não é uma oferta de identificação por parte do analista, e sim uma projeção por parte do analisando. O vetor é contrário. O que antigamente chamavam de interpretação é *sugestão*, a qual não é influência. É tomar o material trazido e sugerir uma saída para ele. Aquilo nada tem a ver com o analista, não está sugerindo algo de seu interesse ou do que ele pensa. Está-se sugerindo uma saída para o que o outro trouxe. Pode até ser aleatória. Uma saída aleatória já é uma sugestão de sair do buraco. Está-se tentando deslocar, empurrar a pessoa, sem colocar nada do analista ali. O analisando – que, como se sabe, é potencialmente neurótico – pensa que o analista está trazendo algo seu. Não está. Mesmo se o analista der uma exemplificação pessoal, será um exemplo de mundo. Ele deve dar, aliás. Isso não é influência. Ele está tomando uma experiência que conhece bem e mostrando que aquilo existe assim também. A burrice da neura é que faz pensar que ele está influenciando. Tanto Freud quanto Lacan faziam isso muito. O analista está dizendo que também é gente, que gente passa por isso, que ele tem uma experiência concreta daquilo. A neura do analisando traduzir como influência faz parte da sugestão de mundo. O que considero desonesto, do ponto de vista do comportamento do analista, é este mostrar experiências pessoais sem dizer que são pessoais, como se fossem de outrem.

Podemos, quanto ao texto de Jullien, ter a impressão de que ele esteja sugerindo que o analista seja influente e não persuasivo. Analista não tem que ser influente, tem que ser sugestivo. A sugestão é uma pergunta, e não uma resposta. Influência e persuasão são respostas. O analista não fica o tempo todo perguntando o que o analisando acha, mas, sim, diz algo que é sugestivo. Não é uma resposta porque nada tem a ver com seu interesse. Tem a ver com o interesse do analisando. Temos sempre que lembrar que Jullien, como ele mesmo diz, não tem experiência com psicanálise. O que pensa é que ela é mais parecida com o Oriente. Não me canso de dizer a vocês que não é. Ele faz uma leitura na qual não vê Freud, enquanto analista, como alguém ocidental e, então,

vai compará-lo com o Oriente. O que estou dizendo é que ele não é nem uma coisa, nem outra. Nós ocidentais fazemos muito bem em pensar com a cabeça do oriental para criar deslocamentos, mas a cabeça do analista é *disponível*, é as duas coisas. Ora para recalcar, ora para desrecalcar. Segundo os autores, parece que o mundo tem esses dois tipos mais claros – talvez outros povos, outras literaturas, mostrem algum outro tipo, não sei –, Oriente e Ocidente, mas o analista não é nem de um nem de outro. Ele deve ser capaz de transar qualquer uma, dependendo da situação.

• P – *O primeiro capítulo do livro de Jullien é justamente sobre a ‘disponibilidade’.*

Há anos que lhes falo sobre a disponibilidade necessária ao analista. E, repetindo, não se trata de trocar argumentação por influência, é ser meramente sugestivo em função do que for trazido pelo analisando, e não em função do que o analista possa pensar. O que ele pensa está na teoria, é da conta dele. O que o outro pensa não é ele. Notem que o analisando sempre desconfia do analista, como Lacan disse – com toda razão.

25

Indiquei-lhes a leitura de um texto de Claudio Willer, publicado na internet, em que apresenta um bom resumo sobre Artaud. Achei interessantes os lembretes que ele faz. Sobretudo, por colocar Artaud na conta da Gnose. Aliás, sempre que alguém encontra alguma tentativa de suspensão das oposições, joga na conta da Gnose. A ideia de Gnose ficou com essa pecha, que não deixa de ser verdadeira. O que me interessou no texto de Willer – e até retomei a obra de Artaud – foi lembrar que, mesmo diagnosticado como esquizofrênico,

ele tem um trabalho de excelência. Sua obra teórica principal é *Le Théâtre et son Double* (1938), constituída de artigos, manifestos, textos de conferências, nos quais tenta se defrontar com a filosofia e destituir seu valor: ela acha que pensa, mas não articula o vivo, o corpo, etc. Ele pretendia pensar isso como teatro, no palco. Quero tratar aqui de duas questões que ele traz e que são importantes para nós.

Primeira, a questão do **Conhecimento**, que é delirante – sou eu que estou usando este adjetivo, e não Artaud – na filosofia por ser estritamente articulação do Secundário sem trazer para o mundo e para a vida. Esta foi também a crítica feita por Marx à filosofia, só que ele próprio não soube fazer diferente. O filósofo monta um aparelho com características de uma psicose – o *rigor*, como Lacan chamava – dentro de seu gabinete, mas não está em seu laboratório à procura de uma correspondência efetiva (como Freud procurava) entre a deliração produzida e o engate em algum tipo de realidade.

• P – *A diferença, então, seria entre deliração e racionalização? Daí, por exemplo, Lacan ter falado em Forclusão (Verwerfung), e você em HiperRecalque.*

O pensamento estruturalista, sobretudo com Lacan, fez enorme esforço para distinguir com clareza a diferença entre isso, aquilo e aquilooutro. Nós aqui trabalhamos com o conceito de *quantidade*, que Lacan não usa – de *intensidade*, por exemplo. O que penso é que é preciso descobrir qual é a estruturação básica de determinado fenômeno e ver como ele se comporta com intensidades e conexões diferentes – daí a Teoria das Formações. Não é possível, por exemplo, distinguir uma produção delirante enquanto tal de outra. Possível é dizer que tal deliração tem pegadas em formações mais próximas de uma realidade suposta do que outra, que parece mais afetada por formações afastadas dessa realidade. Sempre comento que Lacan, em seu seminário sobre *As Psicoses* (1957-58), encaminha seu raciocínio e, de repente, descobre que tinha que fazer um corte radical entre os conceitos de psicose e neurose. Quando acha aquele negócio de que não entrou, de que não houve *Bejahung*, etc., para ficar de acordo com a teoria, monta um aparelho que, desde a primeira vez que li, acho forçado. A Teoria das Formações não pensa assim. Ela pensa em como destacar determinadas estruturações – *i. e.*, as formações mais básicas – que

vemos aplicadas em diversas situações, diversos níveis, diversas ordens, com conexões com diversas formações. Isto, para poder *descrever* uma situação, e não para distinguir estruturalmente.

A *vontade de diagnóstico* da psiquiatria, por exemplo, é que busca separar deliração de racionalização. São a mesmíssima coisa, que funciona desse ou daquele modo e que pode perder as pegadas. A palavra *delírio* vem da poesia – manifestar-se ao som da lira – porque o poeta não tem obrigação com pegadas, vai *delirando*. Quando se aumenta a conexão da formação delirante, que é a nossa – se estamos teorizando, estamos tentando delirar certo –, com outras formações que tenham assentamentos mais claros, estamos nos encaminhando para o que se chama de *pensamento científico*. Este não é diferente, mas mudam suas obrigações e conexões. Aliás, a epistemologia é que tenta distinguir o que é e o que não é ciência sem sucesso algum. O que temos são níveis descritivos de maior ou menor pegada. Por exemplo, Nietzsche, quando quer ser dionisíaco, faz uma deliração desvairada igual à das bacantes, aquelas loucas que, na Grécia, dançavam pelas ruas. Se começarmos a exigir pegadas dessas formações delirantes, elas pedirão laboratórios, reconceituações ligadas a formas concretas... Nossa maneira de pensar aqui, como sabem, não é estruturalista, mas tenta, sim, distinguir uma estrutura básica que pega uma porção de campos e vai ver como e onde ela está funcionando. Portanto, não é estruturalista, e sim descritiva. Vejam que o próprio Lacan, que fez a distinção tão clara de Forclusão do Nome do Pai como produção de psicose, também se dizia psicótico. Por quê? Se colocarmos os psicóticos no mesmo cesto – Artaud, Lacan, Joyce, Hoederlin, Nerval, (Nietzsche, não: para mim, seu caso é de sífilis), Qorpo Santo, Sousândrade... –, veremos que são grandes colegas aplicando em áreas diferentes e com rigores psicóticos maiores ou menores. Lacan chegava a dizer que não sabia se era bom psicanalista por não ser suficientemente psicótico. Saíam dessa. Lacan era psicótico? Não o psicótico do livro, da psiquiatria, mas o que chamo de psicótico: aquele que põe um rigor tão grande numa formação recalcante que consegue que esse rigor se espalhe por toda sua deliração. Às vezes, com precisão extrema. Não confundir com o psicótico comum, cujo rigor de recalque é uma bobagem, um recalque familiar qualquer.

• P – *E o que você chama de Psicose Limite?*

Quero dizer com isso que, no limite, somos todos psicóticos. No limite, não funcionamos sem essa formação recalcante.

• P – *No limite, é o HiperRecalque do Haver.*

No limite, se não formos delirantes, não abriremos a boca, nada teremos a dizer. Mas, para cá desse limite que constitui nossa base psicótica, temos que buscar ver como ela repercute no campo. É igual à situação de não-Haver, de Recalque Originário. Falo em termos de século XXI, e não de século XX. Temos hoje no planeta a emergência de uma diáspora das formações, da necessidade de distinguir pouco e muito intensivamente. Atualmente, a distinção está sendo considerada mera diferença, quase que proibindo a discriminação – donde, aliás, a ideia idiota de “politicamente correto” – e formando outro panorama. O que temos claro é que se trata de um monte de coisas que é a mesma coisa, que está conectada com formações diversas, com intensidades diversas, com ancoramentos diversos. Não há, portanto, diferença entre o delírio do poeta e a produção de um cientista. Em última instância, quem garante que um cientista presta é a tecnologia que resulta de seu trabalho.

• P – *No século XX houve um afã de especialização.*

É um momento da história em que foi talvez preciso fazer partições para poder segurar os processos em vigor. Só que esse momento acabou. Qual é o sentido de hoje? É cada um ser extremamente especializado e ter uma extensa pega de generalidade. Se, como vi ontem num documentário exibido na televisão, o padre funciona, o pai de santo funciona, o rabino funciona, o espiritista funciona, etc., é porque o que funciona nada tem a ver especificamente com eles. Há que buscar o denominador comum. Existe efeito terapêutico, existe placebo, mas o que as pessoas entrevistadas no documentário comentavam é que tinham fé. Pensam que ter fé é ter fé em algo. Já lhes disse diversas vezes que não se trata disso, trata-se, sim, de simplesmente ter fé. Alguém ter fé chama-se: Pulsão. Ter fé é lançar sua pulsão para a frente. Como as pessoas são ignorantes e encontram facilidades figurativas no mundo, colocam isso em algo, na religião, na psicanálise... **Ter fé é ter Tesão.** O pessoal não consegue entender isso por restar considerando a figuratividade daquilo em que a fé foi posta. Então, aqueles que, além de ter fé, acreditam no aplicativo da fé, ficam curtindo esse aplicativo. Nós aqui temos condição de saber que, se alguém

coloca tesão, está quase curado. O neurótico, por outro lado, é alguém que tem tesão estropiado. Já alguém feito Artaud, desembestou, mas seu tesão lá ficou, ainda que arreventado, até sua morte. Seu teatro da crueldade é o teatro do tesão, aqui e agora, como vem.

• P – *Voltando à questão da deliração, como Duchamp e Fernando Pessoa se incluíriam nela?*

Duchamp e Pessoa estão na mesma panela. O *Readymade* já é uma atitude de generalização. Duchamp, como sabem, eliminou o mundo da arte. A maioria dos artistas ainda não percebeu porque o mercado tem segurado. Eliminar quer dizer: O que não é? O que, feito por um homem – até cocô (que, aliás, já apareceu em galerias europeias) –, não é arte? Ou seja, o que não é a expressão imediata de sua loucura? Duchamp foi por aí, além de utilizar o *mot-valise* como ninguém, mesmo do ponto de vista puramente plástico, sem nome. Por exemplo, o *objet-dard*, que soa como ‘objeto de arte’ e é, digamos chulamente, um *mot-valise* pirocobucetal. É um objeto louco, dardo e de arte, e é uma coisa bífida. Já Fernando Pessoa dissolveu a ideia de personalidade, só tem personagens.

• P – *Você já disse que qualquer teoria se funda a partir de um HiperRecalque.*

A vontade positivista é a estrutura da burrice, da idiotice. É tomar determinado delírio, que tem pegadas com certas coisas, e dizer que é aquilo. Reduziu a ordem delirante a algo fechado que é o conhecimento daquilo. Não se consegue estruturar uma formação delirante – para mais ou para menos – sem apoiar num fulcro. E, ao apoiar nesse fulcro, produziu-se, *falsamente*, um HiperRecalque. Qual é o HiperRecalque da Nova Psicanálise? Alei: Haver desejo de não-Haver. Sem isto, a teoria nada diz. Ora, isso é discutível. Se não for, é dogma. Ou seja, estou na loucura, mas não sou maluco, porque sei que é uma fabricação. Se jurasse que era assim mesmo, estaria fundando uma religião.

• P – *Nesse sentido, Fernando Pessoa falava em fingimento, e Lacan dizia: Les non-dupes errent.*

Se você não se deixa enganar por esse fingimento, você é doido varrido – ou é estúpido mesmo.

A segunda questão que quero tratar hoje – mais importante do ponto de vista teórico e técnico – é sobre Artaud procurar uma **Língua Originária**. É um grande esforço, uma porção de loucuras e de palavras, no sentido de buscar uma língua **para antes da significação**. Ele não é retardado ou retardatário como Heidegger e outros. Sua procura é pela **Bifididade da língua**. Como louco que é, sente que há algo que é *antes* e diz aquelas baboseiras todas para ver se consegue exprimir. Não consegue. Tomem Joyce, outro “psicótico”; Lacan, outro “psicótico” fazendo aqueles jogos de linguagem e mesmo querendo intervir desse modo em sua clínica; Lewis Carroll, este, não era psicótico, mas um “perversinho” legal que consegue sacar que há algo por trás da fala e que procura dizer o que é. Tudo isso vai, de algum modo, bater nos *Estilos* de cada um deles.

• P – *Artaud também fala em “corpo sem órgãos”. Como você vê esta ideia?*

Deleuze teve orgasmos, mas não dá para saber o que entende por corpo sem órgãos, ele não diz. É como se fosse uma ferramenta que serve para qualquer coisa. Hoje, mediante a Teoria das Formações, tenho um entendimento. Ao pensar num órgão qualquer, temos que isolá-lo, mas, ao pensar em formações, sabemos que ele está apenas funcionando. Um fígado retirado de um boi, por exemplo, não está mais lá. Fígado só é um conjunto de formações que funciona na transa complexa com outras formações – isso é que é ‘figadal’. Daí, Artaud falar em corpo sem órgãos.

• P – *A medicina chinesa é próxima de seu raciocínio.*

Ela é bem parecida com Artaud.

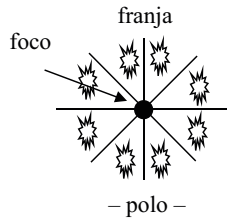
• P – *Você já disse que o Revirão era o corpo sem órgãos.*

O Revirão é o corpo sem órgãos absoluto.

26

A Teoria das Formações é fundamental por ser a base de tudo, da Gnômica, da Clínica... Acho que ela está mal desenvolvida, é um trabalho que não posso fazer sozinho...

• P – *A ideia de Polo / Foco / Franja precisa ser bem entendida. Ela é importante para o manejo operacional da Teoria das Formações.*



Junto com a questão do Polo, é preciso considerar a ideia de **Polarização**. Isto porque não encontramos necessariamente polos prontos, nós polarizamos. Ou seja, diante de uma situação, podemos nomear, situar, tomar um tema, um acontecimento qualquer, e polarizamos por ali. As pessoas pensam que os polos são dados, que as polarizações são necessárias, não o são obrigatoriamente. Não podemos negar que haja uma polarização solar em nosso planeta, por exemplo. Daí Jung ter falado em arquétipos. Mas isso é factual.

• P – *Tanto é que Copérnico mudou a polarização quanto à posição do sol e da Terra.*

Mas ele encontrou algo que, na realidade, também se apresenta como polo. A decisão anterior era de muita ignorância. Há coisas que são dadas, em que não se pode mexer com facilidade. Outras são relativas, modais, e nos enganamos demais por viver na situação topológica em que vivemos. Estamos aqui no planeta, vemos o sol e pensamos que é ele que está girando em nossa volta. Se não tivermos outras referências, não sairemos do lugar. Houve um

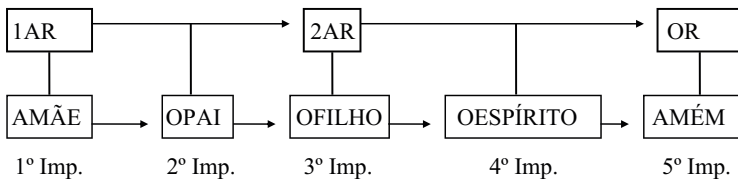
tempo em que, juntamente com a imbecilidade manipulatória da igreja católica, a ideia era que o sol girava em torno da Terra, o que foi transformado num HiperRecalque religioso. A psicanálise não pode se dar ao luxo de acreditar na perenidade dessas construções, nem das dela própria.

• P – *Para nós, é importante entender que certas teorias – a teoria dos sistemas, por exemplo – não têm a generalização que tem a Teoria das Formações.*

Por isso, por não ter essa generalização, é que fui pressionado a pensar algo como a Teoria das Formações que amplia o que muitas teorias já trouxeram. Algumas delas parecem estar falando o mesmo que nós, mas é só quando nossa postura é de burrice que achamos isso. O livro de François Jullien – *Entrer dans une Pensée ou des Possibles de l'Esprit* (Gallimard, 2012) – que recomendei que lessem é fundamental para apontar que nossa burrice fundamental é querer ler as coisas a partir de nossa lente, ao invés de utilizar a lente que está sendo dada por um pensamento. Aí, nada entenderemos. É o perspectivismo de que fala Nietzsche. Se existe um tipo de pessoa proibida de não ter condições de escutar o que está sendo dito é o chamado analista. É claro que ele erra, pois ninguém é tão abstrato assim, mas não tem a permissão de não escutar. Certa mãe – e mãe é essa figura que conhecemos – perguntava a seu analista se o analista de sua filha não tinha responsabilidade sobre o fato de a menina estar metida com drogas e coisas do tipo. O vetor do analista é de lá para cá, oposto aos do psicólogo, do pedagogo e da mãe: querem colocar no outro algo que acham certo. Ele nada tem a ver com a escolha da menina. Tem a ver é com a escuta. A análise acolhe, escuta e intervém no nível do entendimento e do esclarecimento, sobretudo do que está oculto. Ela lê o que está apresentado, escuta o que é dado, consegue ser poliglota, sair da sua língua e entrar na do outro para intervir ali. Por isso que analista, na lida com o mundo, fica pressionado por essas besteiras: burrice positivista e atitudes ideológicas no sentido de virar seu vetor.

27

A ideia de **Creodo Antrópico** veio para estabelecer uma sequência possível, provável – e não obrigatória –, de certos eventos. Pode parecer uma psicologia evolutiva, mas nada tem a ver com isso por ser meramente um *creodo* (‘caminho necessário’) –, sem tampouco ser uma suposição de necessidade histórica. A ideia aí em jogo é: se caminhar, a pressão vai nesse sentido indicado. É também a ideia de estabelecer uma **Tópica compatível com a ordem sintomática das IdioFormações**. No caso, a ordem sintomática desta espécie chamada humana: o peso do Primário; a emergência, mediante o Originário, do Secundário que vai dissolvendo, digamos assim, a concretude das formações; e o empuxo que, se houver, se acontecer o movimento, vai no sentido de sintomatizar em torno do Originário. A ordem é sintomática, não tem saída. Resta saber qual sintomática vai referenciar a existência de cada um aqui e agora. Com isso – até imitando uma ideia já inscrita historicamente nas religiões –, falei em Amãe, Opai, Ofilho, Oespírito e Amém, e chamei cada situação dessas de Império. O Ocidente é bem exemplar. Não temos participação direta em cultura oriental alguma para fazer esse tipo de transposição, mas algum especialista certamente lá encontrará a mesma situação sintomática ainda que inscrita de outra maneira:



A psicanálise tem uma emergência ocidental, embora, desde o começo, ela não se comporte de maneira estritamente ocidental ou oriental. Com a

descoberta do Inconsciente, tudo se deslocou e ficou em periclitância diante dessas sintomáticas localizadas. O que trago hoje é uma revisão mais precisa das posições anteriores da psicanálise. A sequência do Creodo Antrópico me parece que se colocará sempre que o movimento se der. Não se trata de Hegel, de algum destino histórico, e sim de que, se o movimento acontecer, a sequência se apresentará necessária do ponto de vista do que a psicanálise tem a dizer. Assim, onde houver acontecimento de *IdioFormação*, a coisa deve tender a se programar nessa direção. Mas é também a história pessoal de cada um. Ou seja, é um movimento da análise. Se quisermos algum parâmetro para observar a realização, a efetivação, de uma análise, poderemos ver que ela passa por todos esses pontos da sequência. Portanto, é da história geral da espécie e da história pessoal da espécie. Se isto for verdade, além de termos uma ferramenta para entender os processos civilizatórios, etc., teremos uma ferramenta para avaliar da nossa posição em análise: do analista observar o quanto foi mudado e do analisando tentar se dar conta se percorreu essas fases, esse caminho.

Observem que a segunda tópica de Freud – Id / Ego / Superego – não tem indicação de movimento, é pura topologia. Não a acho grande coisa. Lacan também não achava. A primeira tópica – Ics / Pcs / Cs – tem um pouco mais. Se fizermos a suposição de que Freud buscava trazer à Consciência o que ficava no Inconsciente, já teremos certo movimento para poder observar o andamento de uma análise ou de uma história. Acho minha *Tópica do Recalque* mais precisa. Nela temos: Primário, Secundário – que são coisas dadas, não as estou inventando – e Originário (este, sim, um registro passível de questão quanto a haver ou não). Minha hipótese é que o Originário brota no Primário e que o Secundário é consequência dessa repetição do Originário lá. Do ponto de vista da história do Ocidente, sobretudo das grandes formações religiosas com suas ideologias, o que comparece com força de representação ideológica e religiosa no **Primeiro Império** são deusas como Ísis, a mãe como referência, a ideia de natureza... Os politeísmos, aliás, são fundados secundariamente, mas sobre a ideia da mãe-natureza. Trata-se do Primário, do dado, do vivo. Já a ideia do Pai é uma simbolização emergente na passagem do Primário ao Secundário, mesmo que tenham feito um processo de separação dos animais para criar a ideia de incesto, etc. Aparecem aí no **Segundo Império** o tal Deus-Pai e a

fundação do monoteísmo. Isso é claro na história do judaísmo, em que o Deus do Velho Testamento é nomeado e mesmo representado figurativamente como o Pai que está em emergência e que passa a ser aquele que é a referência da existência de cada um.

É importante distinguir com clareza no pensamento psicanalítico o fato de, nele, existirem certas pegadas ultrapassadas e datadas, mesmo em Lacan. O que é a tal *Função Paterna*? Lacan prezou demais o Nome do Pai, com o qual vem substituir a ideia anterior de função paterna (Édipo e outras anedotas de Freud). Lacan era demasiado preocupado com a questão do pai, a ponto de fazer a suposição de que a entrada na psicose se dava mediante a forclusão do significante paterno: ele não teria entrado, não houve *Bejahung*. Só que, em seu processo de consideração da função paterna e do tal significante do pai, Lacan estudou demais o judaísmo, impressionou-se com a posição de Freud diante disso, mas fez um deslocamento do Édipo para o Nome do Pai. É uma dissolução de nível significante que já é de **Terceiro Império**. Isto porque o pai, de Freud, é figurativo demais como é o conceito judaico, como são o Deus e o pai que estão no Velho Testamento. Lacan faz um deslocamento para tornar mais abstrata a paternidade, a qual vai para o Império d’Ofilho. Ou seja, é consentâneo com a ideia de Deus-filho que aparece com o cristianismo, com o tal Jesus Cristo. Gérard Haddad, no livro *O Pecado Original da Psicanálise: Lacan e a Questão Judaica* [2007] (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012), escreve que Freud se escondeu atrás do Édipo quando tinha Abraão e Isaac, que são mais parecidos com a situação paterna do que a diátribe interna, familiar, de Édipo. Para ele, a dívida de Lacan com o judaísmo é grande e critica Elisabeth Roudinesco por dizer que Lacan é cristianizante. Roudinesco está certa. Lacan se interessou demais em estudar o judaísmo – cabala, midrash... –, mas para surpreender o pai em seu nascimento. E deu um passo adiante no sentido de abstrair como mero significante da Lei. Nome do Pai, como sabem, é o significante que, no campo do Outro, é o significante do Outro enquanto lugar da Lei. Vejam que é uma grande abstração, é puramente tentar trabalhar na ordem do Secundário. Retornarei a isso mais adiante. Segundo a oposição que os judeus fazem entre Cabala e Maimônides, Lacan acha que o judaísmo é cabalístico, mas, na verdade, copia tudo de Maimônides. A psicanálise de

Lacan não tem a ver com a cabala, e sim com Maimônides, mas ele, Lacan, considera o judaísmo como cabalístico.

A emergência do conceito de paternidade, de função paterna, é deslocamento do Primário para o Secundário e, mais tarde, sua reconfiguração no nível estritamente secundário de Jesus Cristo, que é Deus-filho: agora, o pai está no céu, é o pai de todos, e não uma função paterna encontrável na figura de um Deus que fica ali funcionando no teatro do mundo. Há esse deslocamento e, com o Deus-filho dos cristãos e a função paterna – que era direta no Segundo Império –, vemos aparecer em exercício no social, na cultura, uma função que passa a ser genérica: o pai que está no céu. Aí, Ele se torna pai efetivamente simbólico. O pai do Segundo Império é carnal, nomeável. O próprio Deus do Velho Testamento é alguém que se mete na vida de todos. Digamos que a ideia de Terceiro Império – que não é propriedade de igreja alguma, muito menos da católica, e sim uma ideia abstrata de encaminhamento do Pai para o Filho – é compatível com a ideia de democracia. É o regime dos irmãos. A Igreja Católica só reconheceu isso na fundação dos mosteiros, com Pacômio e, depois, a Tebaida. Eles até se chamam de irmãos.

Vivemos essa história até agora, começo do século XXI, mas o que acontece hoje é que já está em emergência o **Quarto Império**. É o *Império do A-Deus*, nem Deus-pai, nem Deus-filho. A emergência é de *ateísmo*, que é algo com muitas significações. Quando falei em *Psicanálise: Arreligião*, tratava-se de colocar Nada no lugar da exasperação que chamo de Gnoma, o que é um ateísmo, mas é colocar algo. É ambíguo, pois não podemos dizer que ateísmo seja ausência de Deus. Se estamos usando o nome, não é possível dizer isto. A-teísmo é, pois, a suspensão de qualquer figuratividade dessa ideia, desse lugar – e esse lugar existe. O que acontece no Quarto Império é que a função paterna começa a ser abolida. Não estamos entendendo as atuais comoções que acontecem no mundo justo por isso. Se fazemos referência a essa função de mando, de comando ou de simbolização da Lei, não entendemos. Isto porque está emergindo uma total anomia desse lugar. A função paterna está sendo vagarosamente abolida, o que está permitindo, por exemplo, a ideia de que legalmente pode-se ter todo tipo de conjunção, de ordem familiar, de casamentos, de transas sexuais. Está assim porque isso é abstrato. No lugar da função paterna,

entra a função *Ordem*. Qual ordem está em jogo? Qual transa secundária, qual transa entre as formações está em jogo? Então, há uma ordem no Haver – as ciências procuram as ordenações do Haver – e esta nossa espécie produz outras ordenações para além das formações oferecidas pela espontaneidade do Haver. Portanto, **a função que foi paterna é agora a função de ordenação.**

Está-se, então, lutando contra os resquícios da função paterna anterior, que dava respaldo a certas tiranias, e está acontecendo essa movimentação toda que vemos aí pelo mundo. Como não estamos tratando com o pai ou com o filho, não estamos mais tratando com irmãos. Acabou a irmandade, e estamos tratando com colegas, com companheiros. Não são todos filhos do mesmo pai, são todos metidos na mesma Joça: são colegas que têm que transar qual é sem a referência anterior. Trata-se de procurar entender qual ordenação é capaz de alguma sustentação para as situações. Se quisermos pensar em termos de fala, podemos perguntar qual é a melhor língua a ser usada aqui e agora. Qual é a gramática do momento? Ela está sendo gerada pelo esforço de entendimento das ordenações dadas e daquelas já produzidas. É para se pensar em termos de ordenações, e não de que há uma instância superior. Mesmo o Deus dos cristãos garantia a dominação de um rei, por exemplo, ele era divinamente constituído. A atual função de ordenação é mesmo para além da ordem democrática. Aí é que entro com a ideia de *ordem diferocrática*. Em qual ordenação vamos optar do ponto de vista de Estado, de governo, de lei, etc., em função do respeito absoluto à diferença? Como sabem, não estou falando em *tolerância* à diferença, que é coisa de Terceiro Império – caridade –, e sim na referência fundamental da ordem social e política com absoluto respeito à diferença. Ou seja, é o *direito à diferença* que está emergindo agora.

O que permitiu haver a emergência do Quarto Império? Foi tal a movimentação do Secundário que começamos a perceber que ele é mero Secundário, não tem pai, nem mãe. Ele é mera transa informacional, como podemos ver com o surgimento da Internet. Ela, aliás, é um caso que já nasceu, mas nosso problema é a *Multinet*, a rede múltipla. A ordenação e a transa das formações farão o universo inteiro parecer um tecido esponjoso. Na cosmologia, ele já comparece e já foi fotografado. O universo é feito de filamentos de rede. Ao mesmo tempo, vemos uma recrudescência de aparelhos que parecem religiosos

e arcaicos – e o são. O engano é pensar que estão renascendo do mesmo modo. O que acontece é que tomaram o marketing da situação religiosa anterior para fazer movimentos sociais e políticos, mas o funcionamento já não é o mesmo. Não sei dizer sobre o Islamismo por não conhecer o suficiente e nem viver lá, porém a simples existência do que foi chamado Primavera Árabe, que parece ser apenas uma rebelião contra tiranias, aponta um modo novo de usar a religião. Entre nós, aqui, vemos o crescimento do movimento dos evangélicos e podemos pensar que é Terceiro Império. Já não é. O marketing afetivo é Jesus Cristo, mas a transa é cínica, de interesse financeiro, socializante e de ajuda recíproca. Lá dentro, ninguém acredita nisso de Jesus, muito menos os bispos. O que interessa é a rede que promovem. É, pois *emergência de Quarto Império dentro de uma formação arcaica*.

É importante entendermos isso para acompanhar, num analisando, alguma emergência de cura, de facilitação de formações e transas dentro de um arcaísmo familiar. Ou seja, a facilitação se dá, mas ele tem o marketing familiar tal qual as igrejas têm o marketing de Jesus. Então, ao falar sobre seu mundo, ele fala aqueles familismos e pensamos que está arcaico demais, mas ele não está mais falando daquilo, está em outra transa que é de jogos de interesse, de ordenações e formações. Ele está usando a fraseologia ideológica anterior, mas não é mais a mesma coisa. E mais, se o Quarto Império começa a emergir, não tenham dúvida de que os conflitos crescerão – já lhes disse que imagino cinquenta anos de conflito e duzentos de implantação (isto é, de a situação ficar no nível de referência da ordenação e da transa) –, mas se funcionar, vai no caminho do **Quinto Império**, do qual não gosto de falar muito. Ele está tão longe que fica difícil conceber. A referência do Quarto Império é Oespírito, que é simplesmente a transa entre as formações, ou seja, a Informação, a Rede. *Oespírito é o corpo do Haver*. É essa rede esponjosa que é o Haver, e que somos nós. É também o Cérebro. Já o Quinto Império, o Amém, é simplesmente: *assim seja!*, é isso! É aquele que dá finalização ao Quarto Império. Se este funcionar, o Quinto Império será de uma tal dissolução que será preciso ser bem inteligente para viver nele. Os menos inteligentes fracassarão porque ele é absolutamente transacional, pura transa.

Repito agora algo que já disse, mas não enfatizei. *O Quinto Império é absolutamente comunista*. Com o capitalismo e com a rede levados às últimas consequências, surgirá o comunismo – sem marxismo, luta de classes, ditadura do proletariado ou propriedade permanente. Sobretudo, a propriedade dita intelectual, que é um abuso. Ao dizer algo que vai ao mundo, é de quem? O Quarto Império vai começar a remanejar a jurisdição da propriedade em todos os níveis. No Quinto Império, a propriedade secundária perde sua razão. A velocidade de transa é tão grande que não sabemos mais de onde aquilo saiu. Como ter um autor? E a autoria do que alguém diz vem de onde? Todos perceberão que um canal é apenas um canal. Conteúdo não é canal. A qualidade do canal é canalizar certas coisas, o conteúdo não é propriedade sua.

Com tudo o que disse, quero bem situar uma questão da psicanálise antiga, que já mencionei no início. Lacan fez a suposição – teorizou assim – de que a psicose é função de forclusão do Nome do Pai: na ordem psíquica de uma pessoa não teria entrado certo significante. Temos que lembrar que há pessoas predispostas à psicose, que o Primário ajuda sempre: há uma fieira de formações genéticas tendentes mais para isso ou para aquilo (e é claro que o uso pode modificar bastante a predisposição). Lacan se confundiu ao fazer o conceito de forclusão no momento da entrada da função paterna. A confusão está em supor que, do ponto de vista estruturalista, há uma diferença clara entre a psicose e a neurose. Para estabelecer essa diferença ele deu um jeitinho de mostrar que algo aconteceu que fez com que o Segundo Império não viesse, não se instalasse o Segundo Império na cabeça de alguém. Às vezes, temos alguns exemplos clínicos seus (que são poucos ao longo de sua obra). Gérard Haddad menciona uma sessão que ele anotou da *Présentation de Malades*, no Hospital Sainte-Anne, em que Lacan traz um rapaz psicótico e quer descobrir como essa psicose se instalou. O tal rapaz acha que a humanidade é originariamente judaica, sobre o que faz todo seu delírio. De onde tirou aquilo? É igual à homossexualidade de Schreber querendo transar com Deus para fazer uma humanidade nova. Freud já mostrou que Schreber faz esse processo psicótico sobre a sexualidade, da reprodução com Deus, etc., por causa do pai e, digo eu, que o que estava HiperRecalcado era sua (dele, Schreber) homossexualidade.

Lacan traz o seguinte fato como origem da psicose do rapaz que estava apresentando. Seus pais se conheceram no campo de concentração quando as forças externas já tinham chegado. Eles lá estavam já com certa liberdade, namoraram e fizeram um filho. Depois, dado o sofrimento extremo dos judeus, eles resolveram que *o filho jamais saberia que eles eram judeus*. Segundo Hadad, Lacan disse que aquilo era a forclusão do Nome do Pai, que sua origem foi foracluída. Quanto a mim, não acho que seja isso e digo que é HiperRecalque. Com a pressão dos pais de não permitir que o menino soubesse que era judeu, Lacan achou que esse significante não teria entrado em sua história. Os pais teriam feito de tal maneira que a função paterna ligada à sua origem teria sido foracluída. A meu ver, está errado pensar assim. A emergência da função paterna se deu por HiperRecalque. É preciso procurar onde está o HiperRecalque, que pode não estar naquela pessoa. Quem exerceu o HiperRecalque? Os pais. Lacan fala como se, dada a existência do Inconsciente, fosse possível que a mensagem não passasse só por ter sido HiperRecalcada. Ela passou e foi proibida de ser exercida. O conceito de Pai, o conceito de origem – judaico –, passou, mas estava bloqueado por um extremo recalque. Havia grandes funções recalcentes segurando para ele não funcionar. Ou seja, não há forclusão alguma. A coisa entrou, sim, sob um forte regime de recalque. Não adianta não falar para o menino, pois o Inconsciente não é trouxa: o menino percebe que há algo ali que não está sendo dito. O tal significante que Lacan acha que foi foracluído entrou. Melhor dizendo, a formação entrou – mas permaneceu não podendo ser tocada. Então, o HiperRecalque produzido pelos pais funcionou dentro de uma situação de um conjunto de formações muito forte proibindo a funcionalidade dessa formação que lá estava. Tanto estava que o rapaz disse que todo mundo tinha que ser judeu.

HiperRecalque é um recalque como outro qualquer, só que extremamente vigoroso. Foi o mesmo que aconteceu com Schreber. Ele não sabia o que era homossexualidade? Ele deixava de ter tesão? Simplesmente, ele estava proibido de deixar aquilo funcionar. É uma série de formações bloqueando qualquer funcionamento efetivo daquela formação. Não é veneta minha dizer que não há forclusão. O que quero dizer, repito, é que não há forclusão, que o Inconsciente não é trouxa. Por mais que se esconda, a criança percebe que

exatamente ali tem alguma coisa de que não se fala. Ela não tem discurso a respeito daquilo, pois está bloqueado, HiperRecalcado. Qualquer coisa que faça conexão não pode. O que acontece é que ela surta – e aí pode. O surto do psicótico é uma salvação, uma tentativa de cura, como dizia Freud. Agora pode: todos são judeus, minha origem é judaica, só tem judeu no mundo... Ele só pode falar porque mandou o HiperRecalque às favas. Mas mandou de uma maneira que não é composta com as outras formações. Então, esgarça tudo. Não houve ocasião de *com-por*, de transar essa formação com as outras. Ela começa enlouquecidamente a transar para tudo quanto é lado. Estou chamando a atenção para o fato de que, desde que li pela primeira vez, algo na teoria de Lacan me pareceu não estar correto, embora ele tivesse o direito de não fazer de outro modo. Retomando, se os pais não permitiram que o garoto soubesse que era judeu – o que é uma besteira, pois ele virá a saber –, não há que pensar que isso foi foracluído, não entrou. Aquilo não ficou fora, mas, sim, começou a funcionar como se fosse primário. O HiperRecalque faz a formação HiperRecalcada funcionar como se fosse um dado bruto do Primário. Como o Secundário não suporta esse tipo de coisa, enlouquece. É como se ele dissesse: “Não sou primariamente judeu, mas, secundariamente, tem uma zoeira que está me dizendo que aí tem”. E se ele não pode tomar essa aparência de Primário do Hiper-Recalcado e conversar com ela, então as outras formações explodem.

• P – *Poderíamos pensar que o Quarto Império instalado reduziria a psicose?*

Não. Todo mundo fica psicótico numa boa. Ou seja, são malucos-beleza.

• P – *Em termos de Quarto Império, quais formações teriam uma força equivalente ao HiperRecalque de uma função paterna?*

Este é o argumento do poder: se a função for retirada, será a zorra. Não é. Repito a definição de Nome do Pai para Lacan: o significante que, no campo do Outro, é o significante do Outro enquanto lugar da lei. Pergunto eu: o Outro é tolo? Ou seja, o Outro precisa disso para ter ordem?

• P – *Então, não haveria psicose?*

A psicose é capaz de comparecer em nível estrutural, até social, ou em nível pessoal. A de nível pessoal dependerá da historinha de cada um, continuará aparecendo, mesmo porque há predisposições. A psicose em nível global

se instaurará como maluco-beleza. É bobagem pensar que qualquer ordenação no limite não seja da ordem do HiperRecalque. Se uma formação tem poder e força é recalcante e, eventualmente, HiperRecalcante. No Quarto Império, talvez estejamos capazes de lidar com as psicoses em nível “diplomático”. O argumento do poder, sobretudo dos poderes ligados ao Terceiro Império – a família, a função paterna, o pai... –, ainda é: se acabarem essas referências, será a zorra. Notem que é vontade de poder da instituição já estabelecida manter essa ordenação. Se o Nome do Pai for o significante que, no campo do Outro, é o significante desse Outro enquanto lugar da Lei, não será preciso chamá-lo de Nome do Pai. Isto porque é: Lei. O Outro é Ordem. Não há formação sem ordem. Por isso mesmo, não-Haver não há. Há uma transa entre formações que estabelece alguma ordem. Então, quem precisa dar nome de *pai* ao entendimento disso? O Terceiro Império, que não sabe fazer de outro jeito. Para garantir que o filho seja Deus, ele precisa designar-se como pai do filho que é Deus. Mas basta saber que qualquer formação é ordenada. O que há a descobrir é qual é sua ordem. E não é preciso de significante algum chamado Nome do Pai para reconhecer isso (só é preciso no Terceiro Império). Basta uma formação chamada: *Ordem*.

• P – *Há o caso de um analisando que conta para o analista que se separou de sua namorada e ficou fora do país durante bom tempo. A moça se casa em seguida e tem um filho. O analisando sempre manteve contato com ela e, ao ver o retrato do filho já grande, constata que é parecido com ele. Fica na dúvida se o filho é seu ou do outro.*

O filho é sempre do outro. Ninguém tem filho próprio. Ou ele fabricou o próprio espermatozoide em casa, é artesanal, não vem de outro?

• P – *Ele faz as contas em função da data de nascimento e vê que dá para ser. Fala com a mãe para fazer o teste de DNA escondido do rapaz. Ela coleta um tufo de cabelo dele. Na hora em que faz isso, o rapaz lhe pergunta para quê. Fica claro para o analista que ele percebeu do que se tratava. Não era possível não haver no Inconsciente o registro de um não-dito sobre sua origem, que sempre insistiu em comparecer como não-dito.*

Temos que entender que criança não é burra, é só criança.

• P – *É interessante considerar, quanto a isso, a recente proibição de veicular no Facebook a reprodução do quadro A Origem do Mundo, de Gustave Courbet. É certo susto do Terceiro Império...*

Como sabem, esse quadro pertenceu a Lacan, que o mostrava reservadamente a amigos que iam à sua casa de campo. O pessoal de hoje ainda está assustado e com muito medo de perder o pai – mas ele já acabou, e não conseguem fazer o luto. Antigamente, foi Deus que morreu, agora foi o pai. Com não fazem o luto, ficam desesperados buscando essa ordenação e procurando em lugares os mais tolos.

Temos que entender que, igual acontece nos neuróticos, os Impérios permanecem, não vão embora. Isto, em vez de tentarmos passar adiante, desmanchar e superar sua atuação. Precisamos entender a presença do Creodo Antrópico na análise de cada um. Se a análise vai funcionando, podemos verificar como progride no analisando o deslocamento da mãe, a entrada no Segundo Império, a passagem para o Terceiro – e, se chega ao Quarto, já é muito bom. É quase a cura, pois o Quinto Império está difícil. Já disse que as pessoas são neo-etologicamente constituídas, isto é, do ponto de vista da neo-situação da espécie, somos todos da mesma espécie no Primário e no Originário, mas não no Secundário. Há animais neo-etológicos dos mais diversos tipos. É uma zoologia secundária existente na humanidade. E pior, repetindo, convivemos com todos os Impérios. A maioria permanece lá no Segundo. Isto pode parecer incompatível com dizer que o Quarto Império está entrando, mas ele não entrará para todos. Por outro lado, felizmente, *morte* é uma coisa boa, um santo remédio. Já imaginaram se essa gente não morresse? Se estivéssemos convivendo com trogloditas?

• P – *E não estamos?*

Estamos, mas bem menos. Se a emergência de um Império novo consegue filtrar a situação, esse lixo morre. Então, assim como encontramos todos esses animais pré-históricos vivos ainda hoje, também há pessoas que já vivem no Quarto e no Quinto Impérios. Elas são poucas, mas aí estão. Então, se supusermos que uma Análise Efetiva possa caminhar longe, a pessoa chega ao Quinto Império antes de ele vir. E a pessoa terá que lidar com o mundo dentro do teatro disponível. Temos que nos perguntar sobre a mente de nossos analisandos,

de que Império é? Veremos que há bastante gente de Primeiro Império. É um neo-bicho, um neo-animal a domesticar. Eles têm mãe, alguns, depois, até têm pai – e têm que perder tudo isso: ficar sem pai nem mãe. Aqueles de Quarto e Quinto talvez já tenham largado a análise há tempo.

28

A Teoria das Formações é difícil. O essencial está dito, mas não está tudo desenvolvido ainda. Dentro da teoria da NovaMente, é ela que vem substituir todo o panorama teórico e clínico: o aspecto teórico da constituição do Inconsciente, a ideia de Conhecimento, o aparelho clínico. Todos aqui têm ideia do que consiste a clínica freudiana e a clínica lacaniana. E a clínica NovaMente? Esta é: operação com as formações. Ela não opera com significantes e tampouco com interpretações pseudo-míticas ou oníricas. Trata-se do entendimento e do destacamento ao máximo possível do embate das formações.

- P – *Isto, sem ficar atrelado à ideia de língua como dominante.*

A não ser que se generalize a noção de *linguagem*, ou seja, que se reconheça que o Haver é homogêneo. E, se ela for assim generalizada, pode até ser tirada e substituída pela pura ideia de *Formações*. O que cabe é perguntar: Que formações estão em jogo? Este é também o modelo mediante o qual a psicanálise pode rebater as críticas supostamente epistemológicas que lhe fazem. As ditas epistemologias, de qualquer nível e ordem, jogam apenas com algumas formações, sem considerar a infinitude franjal de qualquer formação. Sem considerar o avesso absoluto de toda e qualquer formação como já recalcado, *i. e.*, como já inconsciente pelo simples fato de as formações em vigor estarem

decepidas. Epistemologia alguma pode passar por cima da psicanálise. E não nos interessa se a consideram ou não uma ciência. Como não têm uma ciência que dê conta da psicanálise, logo não lhes cabe fazer essa consideração. Notem que o que estou dizendo é de uma arrogância que tem que ser máxima: se há Inconsciente, as teses epistemológicas são falsas. Se o Inconsciente entrou na discussão, acabou qualquer seriedade da epistemologia. Não são eles a decidir de nossa existência, somos nós a dizer que a existência deles é falsa – mesmo no sentido popperiano. A questão de Lacan com a chamada epistemologia foi dizer que não interessa forçar a barra para sermos reconhecidos como ciência. O que interessa é perguntar se há alguma ciência que dê conta de nós. O que a ciência tem que fazer para dar conta do que fazemos?

Os próprios cientistas, ao proporem uma Teoria de Tudo, sabem que a ciência deles está furada. A cada passo que dá, a ciência é cheia de utilidades, sobretudo com possibilidade de construir próteses, ou seja, tecnologia, mas ela é furada. Se não o fosse, não teria processo. Basta ver Bachelard e sua proposição de cortes epistemológicos. A eficácia da psicanálise é evidente. Wittgenstein diz que não se pode provar uma teoria cujo resultado é o da clínica. Portanto, essa prova não é nosso problema. De nada serve à psicanálise ser cientificamente reconhecida.

• P – *Tenho aqui a edição brasileira de A Filosofia de ‘Como Se’ (1911), de Hans Vaihinger, em que ele diz que construímos ficções para dar conta da realidade.*

Ainda não li. O que há de ficção na ciência, o que há de delírio na física, por exemplo, é muita coisa. Aliás, sem delirar não irá a lugar algum.

Na Teoria das Formações, falei em Polo / Foco / Franja. Cabe a vocês destacarem nas situações a constituição do polo, o que nele é focal, o que nele é franjal. E tem mais, às vezes o foco muda, começa a se mover. O difícil no trabalho analítico é fazer essa leitura. Como o foco dança, temos que dançar conforme a música dele. Da vez anterior, eu disse que a polaridade não está dada, ela pode ser determinada.

• P – *Determinar o polo já é um trabalho clínico.*

Em alguma situação, posso distinguir uma polaridade e nela procurar seu foco. Ou posso determiná-lo, e partir dele para ver como funciona.

• P – *Pode-se mesmo recusar certos polos que vêm já determinados e estão resultando em empecilhos para a análise.*

Essa é a essência da clínica. Em alguém polarizado demais é o caso de sacudir a polarização e tirá-lo do eixo. Desconfigura-se a polarização para possibilitar que se polarize e se focalize de outra maneira. A chamada neurose é polar, quase urso polar, um bicho que passa grande parte de sua vida hibernando, e que precisa ser desconfigurado para se mexer como gente.

• P – *Estamos nos preparando para um Mutirão de Estudos sobre a Teoria das Formações, a ser realizado daqui a duas semanas, e retomando as diferenças de vários conceitos da Nova Psicanálise em relação a Freud e Lacan: recalque, Inconsciente, Estádio do Espelho...*

É preciso, sobretudo, tomar os conceitos da psicanálise e buscar onde se mostram. Se não forem encontráveis no mundo de algum modo, é doideira, é repetir frases e seguir maluquices já ditas. A ideia de Recalque Originário, em Freud, por exemplo, é conjecturada e quase que mitificada. Ele não encontra um lugar para esse recalque, e isso sempre criou problema para mim. Na verdade, o que Freud chama de Inconsciente é o recalcado. Ora, que processos de recalque existem para continuarmos com a definição freudiana de Inconsciente como da ordem do recalcado? Trata-se de ir até o fim no entendimento. Se o Inconsciente é da ordem do recalcado, e se coloco a homogeneidade do Haver e Alei fundamental como Haver desejo de não-Haver (que não há), o percurso fica arrumado com a mesma definição de Freud. Por outro lado, podemos perguntar de onde vem o Outro de Lacan, no qual supostamente a criança entraria para se tornar falante, etc. Cai do céu? É interessante, mas demasiado mítico. Fiz, então, a conjectura de que, se há Primário, Secundário e Originário justo por causa d'Alei, Haver desejo de não-Haver, e se o Recalque Originário lá está pela impossibilidade de atingimento do desejado que não há, posso dizer que há uma máquina de produção do Secundário (o qual não quero chamar de simbólico). Outras espécies não têm essa máquina. E o Outro da linguagem não é senão o Mesmo. Vejam que Freud colheu as formações que inventou para poder entender como foram feitas, como se propiciaram. Ele trabalhou direto com a emergência das formações. Uma vez que ele fez isso, Lacan pôde dar três passos, e podemos tentar dar mais um.

• P – *Parece-me que o procedimento da NovaMente quanto a alguns conceitos foi generalizar o que era local em Freud e Lacan. O Inconsciente de Freud era do homem e o de Lacan, da linguagem. A ampliação feita pela NovaMente ao colocar Inconsciente = Haver reconfigura o processo inteiro da psicanálise.*

Só é possível fazer isso com a inversão do vetor. Porque Lacan chegou onde chegou, temos condições de inverter o vetor: partir d'Alei e ampliar. Pedi que lessem o livro *Jacques Lacan: Passado, Presente e Futuro*, de Alain Badiou e Élisabeth Roudinesco, para que vissem como demonstram a *existência* e a *desistência* de Lacan. O Lacan que foi meu analista é o último de que falam. Não peguei o Lacan das formações do Inconsciente ou do significante, mas comecei desse último. Haver desejo de não-Haver vem do sumiço de Lacan. Lacan desistiu, teve a dignidade de não ser assaltado pelo acontecimento: ele des-sistiu, tomou o ato de tirar a sistência inteira. Ficou tudo em branco. Como fazer agora? A saída dos ditos lacanianos foi dar para trás, tomar o Lacan de antigamente para não ficarem doidos. Para mim, foi: se ele chegou até aqui, é daqui que quero partir. Se der merda, deu, não há como saber antes. Aliás, vai dar merda mesmo. O percursinho para trás feito pelos ditos lacanianos medrosos não computa o fato de ele, Lacan, ter eliminado aquilo tudo. Então, o ponto é: O que fazer agora que tudo foi para o brejo? O único jeito me pareceu o de recomeçar de onde ele decidiu parar. Isso é compatível com a análise. Nela, as coisas têm que ser empurradas até o sem-saída. É preciso sacar esse sem-saída para que, conseqüentemente, possa haver alguma produção de saída. Os tais lacanianos estão procurando saída lá para trás, onde ele já deu de cara com a parede. Ou seja, nada entenderam. Neurótico é justo aquele que fica fazendo a mesma coisa e querendo que assim tudo mude.

Notem que Lacan foi genialmente concebendo um bando de teoremas que vão sendo depurados, algebrizados, topologizados, e caem no Mesmo – “a merda é a mesma, só mudam as moscas” –, na massa do Inconsciente que é prolífica, enorme e praticamente inútil. É doloroso pensar isso, mas é inútil em relação a chegar onde é para chegar, que é lá onde a vaca vai para o brejo. Como o pessoal não se conforma com isso, em vez de lá chegar e retomar o Haver a partir dali, ficam capengando no caminho já trilhado. A ciência também

faz isso, mas não podemos reclamar muito dela porque seus procedimentos resultam em tecnologia.

29

O Mutirão de Estudo que vocês realizaram semana passada é uma prática antiga entre nós. É um trabalho conjunto de estudo e aprendizagem, e não de apresentação de trabalhos de congresso. É o lugar de todos falarem sobre seu desconhecimento. Se ficarem falando do que supostamente conhecem, estarão apenas dizendo bobagem. Devemos sempre nos perguntar se realmente apreendemos os conceitos. Como funcionam? Cada um tem que entrar na enunciação e deixar de repetir enunciados para ver se entrou no campo do pensamento. Ao estudar qualquer tipo de pensamento, qualquer autor, qualquer teoria, é importante podermos discernir e falar sobre as diferenças entre um e outro. E pensem nas posturas dos autores, procurem estudar entendendo as posturas de pensamento, como fazem em filosofia, aliás: cada filósofo tem uma posição diferente – só que nenhum tem uma posição psicanalítica.

- P – *A tendência primeira é vermos as relações entre as teorias.*

Às vezes, há relação, às vezes, não. Se houver, é certa congruência entre elas. Pergunto eu: A NovaMente é uma teoria lacaniana? Não é! Por quê?

- P – *Porque você ampliou a ideia de...*

Não ampliei nada. Substituí quase tudo. O que penso não existiria, não seria possível sem Lacan passar onde estou passando. No entanto, o que Lacan disse não é o que estou dizendo. Se não, estarei aqui fazendo o quê? Sendo lacaniano? Já tem lacaniano demais por aí, não precisa mais um. Nunca lhes falei com esta veemência – que pretendo até falar melhor – porque estava

deixando decantar. Mas já está no momento de entenderem com clareza que isso nada tem a ver comigo.

• P – *Você já deixou isso claro várias vezes.*

Claro, acho que não. É preciso saber como e por que, onde está. Por que isso se deu assim, e não de outro modo? Por que o conceito de psicanálise de um é diferente daquele do outro? Se misturarmos, é bagunça, não funciona. Primeiro, eu trouxe Lacan para o Brasil. Depois, trouxe MDMagno. Aproveitei a carona – e trouxe. Faz certa confusão por ter começado falando como lacaniano, introduzindo o pensamento de Lacan. O pessoal se esqueceu disso, e pensa que lacanianos são eles – e são mesmo. Era evidente então que as pessoas nada sabiam de Lacan, e acho mesmo que, do jeito que falam, não sabem até hoje. A maioria nada entendeu. Da vez anterior, mencionei o livro *Jacques Lacan: Passado, Presente e Futuro*, de Alain Badiou e Élisabeth Roudinesco, para entenderem como foi o fim da história, como foi o crepúsculo dos deuses. Notem que esses dois aí são pessoas brilhantes, mas só olham para trás. A França acabou, acho que não tem quase ninguém pensando lá.

• P – *Uma das razões que certamente marca sua diferença para com o pensamento de Lacan é a Teoria das Formações.*

Sobretudo. Ela não é a teoria do significante. Nela, podem até chamar alguma coisa de significante, mas não é o conceito de Lacan.

Faço agora uma breve fala para introduzir a diferença da NovaMente – é muito comprido, precisaria falar muito. Até hoje, nunca quis explicitar, fui fazendo e acho que está na hora de explicitar para acabar com algumas confusões. Essa coisa denominada psicanálise nasceu com um rapaz chamado Freud. A esta altura, as pessoas já devem saber mais ou menos o que Freud colocou, é algo antigo, tem mais de um século. Sabemos o que ele disse, mas sabemos dizer quais são suas posições diante dos saberes do mundo? Quais posições ele tomou? Freud tomou posições científicas, sua cabeça é de um homem de ciência. Claro que fracassou, pois a psicanálise não cabe muito bem nessa perspectiva. E fracassou justamente no momento em que conseguiu produzir um pensamento psicanalítico adequado à própria psicanálise. Mas, repito, sua postura é científica, e a postura é mais importante que a concepção. Então, no que tem uma postura científica, mediante a qual se comparava a Copérnico,

a Darwin, está trazendo conhecimento sobre um troço de que ninguém falou assim antes: o Inconsciente, etc. E, no que descobre o Inconsciente, vê que este não bate bem com a epistemologia da ciência, embora bata bem com a postura científica. Postura científica a psicanálise tem, mas não tem a epistemologia que se atribui à ciência. Lembrem-se de que epistemologia não é fabricação da ciência, e sim da filosofia.

Freud tinha uma postura filosófica? Não! Frequentemente, combatia a paralisia dos filósofos. Freud achava que o conhecimento podia ser homogêneo? Sim! Ou seja, achava, e vou falar quase antropologicamente, que o homem era perfeitamente compatível com o conhecimento – portanto, compatível com a dita natureza. Alguma vez Freud declarou a distância irremediável entre o homem e a natureza? Jamais! Precisamos ter claras essas coisas, pois, se não sentimos a postura do autor, não sabemos o que está fazendo. Ele foi equacionando, inventando teoremas, construtos explicativos, etc., no sentido de manter o conhecimento sobre o Inconsciente no mesmo estatuto que o conhecimento sobre qualquer outra coisa, inclusive sobre a natureza. Portanto, o homem é compatível com a natureza, não tem distância radical. Depois de Freud, conhecemos a baboseira que se tornou a psicanálise. Há, nela, pessoas com talento, mas que quase nada acrescentaram ao pensamento psicanalítico. Podem ter acrescentado à técnica, aos entendimentos, como foi o caso de Melanie Klein. A única vez que o pensamento psicanalítico cresceu foi com Lacan. Estou sendo curto e grosso, isto precisa ser longamente desenvolvido e estudado. Lacan é um homem contemporâneo de si mesmo, não é uma besta passada, está por dentro do pensamento contemporâneo, está agindo dentro de sua contemporaneidade – e pior, é francês: tem todos os cacoetes da França, do pensamento francês, da história da cultura francesa. Mas é um francês que se tornou inteiramente contemporâneo de seu momento – e mais, fez melhor que seu momento.

Qual é o momento de Lacan? É sobretudo o momento estruturalista. Ele fica passeando pelas filosofias como Freud não fez, vai estudar Hegel, tomar alguma coisa de Heidegger e, sobretudo, assentar-se no cerne do pensamento francês que, desde Descartes, é o pensamento do sujeito. Ora, como não podia ser psicanalista, ter entendido Freud e ser cartesiano – não dá –, tinha que reformar o sujeito, subverter a ideia de sujeito. Ele mesmo nomeou assim: *subversão*

do sujeito e dialética do desejo. Então, Lacan faz um trabalho magnífico de limpeza, passa a psicanálise a limpo do seu jeito. O *retorno a Freud* é: o retorno de Lacan a Freud. Tomou seu modo de pensar para retornar a ler Freud com essa perspectiva. As pessoas ficaram quase convencidas de que ele estava trazendo de novo o Freud verdadeiro. Não! Ele trouxe o Lacan verdadeiro. Em sua mão, a verdade é lacaniana. Lacan é um sintoma, como qualquer um. Então, trouxe a leitura de Freud segundo o complexo, segundo essa grande formação que ele era: filosofia, lógica, matemática, linguística... Tomou aquilo tudo, criticou tudo, ficou contra quase tudo, e fez um estruturalismo lá dele que nada tem a ver com o estruturalismo propriamente dito, que é Lévi-Strauss, etc. Ele criticou, disse que não é assim que o Inconsciente funciona. Então, faz aquela teoria bacaníssima baseado em outra visão, que limpa a área psicanalítica e deixa claro que a psicanálise não é uma porção de coisas, que ela tem um discurso próprio e radicalmente diferente dos outros. Para isso, teve que se afastar das posturas anteriores e tomar as posturas novas que são aquelas da segunda metade do século XX. Freud é um homem do século XIX. Lacan é um homem do século XX, e acho mesmo que ele encerrou o século XX.

Então, Lacan diz fazer um *retorno a Freud*. E fez, só não deixou claro, como nunca deixou nada claro, faz parte de sua estilística: nada claro, tudo mais ou menos, ou seja, igual ao Inconsciente. Lacan não é um homem iluminista, Freud é. Lacan é um homem obscurantista, deixa às sombras para as pessoas não pensarem que estão sabendo – se não, elas ficam bestas. Digo obscurantista de brincadeira, é: manter as sombras, não ficar jogando luz em todo lugar, se não, enceguece ou faz mesmo sombra demais. Aliás, é um erro dizer, apesar de todas as suas rocoquices, que Lacan é barroco. Ele é maneirista. A psicanálise é maneirista, mesmo a dele. E Real, Simbólico e Imaginário é, digamos assim, a estrutura do edifício lacaniano, até o fim, até a morte. Ao propor o Simbólico, este é montado com alguns escombros da linguística de Saussure, de Jakobson, até com alguns elementos do estruturalismo de Lévi-Strauss. Mas, repito, não é o estruturalismo de Lévi-Strauss. Este é tomado para mostrar que *o saber nada tem a ver com a verdade*. Eis algo radical em Lacan: o saber não diz a verdade – ele fala para cacete, pode até “falar” a verdade, mas não a diz. A verdade é da ordem da enunciação do maluco, do homem, das pessoas. O enunciado e

o saber constituído não serem *a verdade* é fundamental em Lacan. E, no que coloca isso e coloca o Simbólico como heterogêneo ao Real e ao Imaginário, está dizendo algo grave e que é fundamentalmente estruturalista: o homem é incompatível com a natureza. É o contrário de Freud: o homem não é do mesmo *pathos*, nem da mesma estrutura da natureza. É preciso entender que, com esse artifício, Lacan fez um trabalho gigantesco, fenomenal, limpou a área toda. No que mostra, por exemplo, que a ciência não vai bem das pernas, *i. e.*, que a postura científica pode interessar à psicanálise, mas o discurso da ciência não é o discurso da psicanálise, coloca o discurso da ciência bem próximo do da histeria. Então, em Lacan, há uma disjunção radical entre saber e verdade, entre Simbólico, Imaginário e Real, entre conhecimento e natureza. A linguagem, a fala, nesta espécie, separou o homem da natureza. Por isso, ele é outra coisa, é heterogêneo à natureza.

Esse foi um artifício que rendeu muito e, sem passar por ali, eu não estaria fazendo o que tenho a pretensão de estar fazendo – não sei se estou, mas tenho a pretensão de estar fazendo. Nos anos 1980, quando comecei a deixar de ser lacaniano, declarei (sem explicar jamais): **Retorno de Freud**. Alguns até me sacanearam dizendo que eu era espírita. Fui entrando de mansinho, sem nunca declarar ao que vim. Fiz assim, se não, me crucificavam antes da hora. Agora, é tarde, já disse, posso falar à vontade. Por que fiz a pseudo-brincadeira de falar de retorno de Freud? Porque **quero de volta a postura de Freud**. Foi este que me encantou em minha adolescência, foi este que estudei a partir dos dezessete anos. Ele estava embananado no mundo, e Lacan deu uma limpeza. Tive que entrar ali, não achei nada melhor. Li esses outros autores, e era um bobajal pseudo-freudiano. Por que quero Freud de volta? Porque aqui, neste pensamento que trago, o Haver é homogêneo, o homem não é separado da natureza – tudo como Freud dizia, e não como Lacan dizia.

• P – *Ao fazer a leitura de R / S / I, você já minimiza a heterogeneidade. Você toma o processo primário, que parece ser o ponto em que Lacan coloca melhor a questão da homogeneidade.*

Por isso, abandonei Real, Simbólico e Imaginário por: Primário, Secundário e Originário. Sem o processo primário, isso não existe.

• P – *No que você traz, há influência da etologia de Konrad Lorenz?*

Isso já está no Estádio do Espelho, de Lacan. Lorenz é um cientista como outro qualquer, funciona com cabeça de cientista. E quem introduziu o Primário não fui eu, e sim Freud. Simplesmente, abandonei o R / S / I para os lacanianos, e introduzi Primário, Secundário e Originário porque estou homogeneizando o campo. Vejam que só esta posição é radicalmente diferente. Faço, então, o retorno dessa sintomática de Freud, substituindo de novo a sintomática de Lacan. Por isso, falo em Retorno *de* Freud. Assim, sem o percurso de Lacan, eu não conseguiria fazer nada. E, depois de passar pelo percurso de Lacan, cobrei de volta a postura de Freud. Temos, pois, que entender que, ao colocar certas coisas, Lacan o faz dentro daquela postura dele. Temos que entender que a sua não é a postura de Freud. E minha postura não é nem de um, nem de outro, mas, pelo menos quanto à questão da compatibilidade do saber com o Haver, faço questão de não confundir a ignorância com a impossibilidade. Lembrem-se de que coloquei a diferença entre Impossível Absoluto e impossível modal. As impossibilidades modais devem sempre ser vistas como possíveis de redução, a Impossibilidade Absoluta, jamais. Em Lacan, os impossíveis são impossíveis. Isto porque, nele, os registros são incompatíveis, heterogêneos.

Outra coisa. Lacan vive correndo atrás da *falta*, por causa de *das Ding*, sobre a qual Freud falou como se fosse um objeto fundamentalmente perdido. Lacan, então, cruzou isso com a ideia de falta, que é uma ideia absolutamente estruturalista. Para o estruturalismo, em qualquer campo, se não tivermos um pedaço faltando, a coisa não mexe. Eu me perguntei de novo sobre *a Coisa*, de Freud, e disse: essa Coisa não existe não porque foi perdida, ela não existe porque o **Inconsciente é excessivo**. Substituí a falta pelo excesso. A falta comparece? Sim, o tempo todo. Por quê? Porque sou guloso demais. Se não o fosse, não tinha gula. E não é uma questão de fome. Lacan fala na diferença entre necessidade e desejo, por exemplo, o que é simples de entender: uma coisa é estarmos com fome, outra, sermos gulosos. Saciada a fome de um cachorro, durante longo tempo ele estará saciado. Mas não adianta saciar nossa fome, saímos da mesa com o mesmo tesão. Então, optei pelo excessivo e disse que a falta é puro efeito do excesso.

• P – *O sentido de Real, em Lacan, é negativo. O sentido do que você coloca como Real é positivo.*

Absolutamente positivo, como em Freud.

• P – *Na sequência do que você trouxe, haveria compatibilidade entre saber e verdade?*

O que Lacan diz é que há disjunção entre saber e verdade. O saber não é da mesma ordem, do mesmo escopo da verdade. Uma vez que ele diz isso, tomo o saber e o reduzo à ordem da verdade. Ou seja, aquele que está pensando que está construindo o saber, está simplesmente falando a verdade. De quem? Dele. Lacan disse a frase fundamental: “Eu sempre digo a verdade, não toda, porque as palavras me faltam”. O que ele está dizendo? A obra de Lacan é de que ordem? É literatura? É poesia? É ciência? Ele tentou falar a verdade de Lacan e, acho eu, que ele fala a verdade do Inconsciente. Então, acho que a obra de Lacan fala a verdade o tempo todo e constitui um saber fundamental. Visto daquela perspectiva, é um saber fundamental dizendo a verdade. A obra de Lacan é ensaística, como a minha, como a de Michel de Montaigne, é ensaio. Se não pensarem assim, vocês vão se perder.

Então, o que digo é: dado que houve Lacan, não preciso ver a ciência como diferente de nossa postura. Isto porque não reconheço a postura que eles dizem ter. Depois de Lacan, a leitura que posso fazer da ciência não é que ela é suturante, e a psicanálise não é. Lacan já disse que a ciência não consegue suturar coisa alguma, logo... Ora, a verdade está disjunta do saber? Depois que houve Lacan, os saberes falam a verdade como qualquer um porque não existe a menor perspectiva de saber algum fechar-se sobre si mesmo. Portanto, se olho do ponto de vista de Lacan, destituo a afirmação de todos eles e passo a ler do lado de cá. E, se é do lado de cá, aquilo é compatível. Não há que tomar conhecimento algum como consecução que uma epistemologia possa apontar. Lacan acabou com isso. Ótimo, amassa, joga no lixo e volta para Freud. Só que, agora, em vez de a postura científica ser a deles, a deles é que tem que ser igual à minha – questão, aliás, colocada por Lacan. Mudou o vetor: tomo o vetor que Lacan inverteu e quero saber qual ciência é capaz de dar conta da psicanálise. Se não consegue dar conta, é porque nem ciência direito é, não se enxerga, não sabe o que está fazendo. Então, já que ele limpou a área e mostrou tudo isso, vi que aquilo tudo era falso, que a perspectiva está aqui. As ciências

não têm nada a cobrar da psicanálise. A psicanálise é que tem que lhes dizer que façam análise, pois estão falando besteira, são neuróticas.

• P – *Lacan funcionou para você como um apoio propedêutico.*

Sim, a partir do momento que achei que tinha algo para dizer. Antes, não. Sem ele, não posso dizer o que disse há pouco. Já que ele fez a crítica e apontou, não tenho mais que levar em consideração nenhuma dessas distinções. Isto porque olho de cá, mudei de perspectiva. Portanto, é tudo a mesma coisa. A ciência fala a verdade? Fala. Faz um conhecimento pleno? Jamais.

• P – *O que você está apontando como compatibilidade, que é o cerne da Nova Psicanálise, é o que, em outro momento, chamou de analogia, de análogo do Haver?*

Sim. Se é homogêneo, posso encontrar as analogias as mais diversas. Em Lacan, não tem analogia, só tem metáfora, e no sentido dele, pois nem é metáfora no sentido de Jakobson.

• P – *Podemos ter a ideia de homogeneidade sem analogia?*

Não. Daí que acolhi o Princípio Antrópico: esta espécie é análoga ao Haver. Existem espécies que não são análogas, que são partícipes? Sim, mas esta nossa aqui é *análoga*. Já as construções, isto é, as formações do Haver, são formações como qualquer formação. Não há essa especificidade do falante. O que há é: a radicalidade hiperdeterminante do Haver aqui se repetiu. Disse isso desde o começo, que ela aqui se repete. No intervalo, essas coisas são subprodutos dessa grande formação, dessa grande explosão. O século XX é besta demais: o homem virou alguma coisa distinta. É mentira, é tudo igual. Mas, se o século XX não tivesse tido Einstein, Lacan, a física quântica..., estaríamos ferrados. Estão hoje todos perdidos, fazendo revisão. A física está se revendo, porque o cacoete do século XX acabou, simplesmente acabou. Não só cronologicamente, a postura do século XX mixou.

• P – *Sua teoria também tem uma especificidade quanto ao entendimento do tempo e da entropia.*

Alguns bolsões dentro do Haver são sintomáticos demais, repetem-se de gerações em gerações. A entropia come tudo, mas devagar. Assento a teoria que fui capaz de produzir sobre a ideia de Lei como lei natural e, portanto, genérica: Haver desejo de não-Haver. Esta é a ideia de entropia, mais ou menos.

Entretanto, a entropia não é lá essas coisas, acreditamos demais nela. Por quê? Porque o não-Haver não há, e alguma coisa acontece que revira. Nem que seja na última instância, a entropia quebra a cara. Eis a Neguentropia.

• P – *Ficamos no Nada?*

Não canso de dizer que Nada já é muita coisa. Por isso, que alguns dizem, e Lacan repete, que o significante é feito de Nada, que o Haver é feito de Nada. Quanto ao *Tempo*, não acho que tempo seja um existente em si mesmo. Já falei disso num artigo, *Tempo de Haver (o relógio da psicanálise ou o suicídio da borboleta)* (1977): o tempo é um efeito. No que as formações se desgastam por causa d'Alei, aí sentimos o tempo. Se tirarmos isso, não há tempo. Antes ou no momento do Big Bang qual é o tempo? Ou qual é o espaço? Foi Kant quem enfiou em nossas cabeça esses *a priori*.

• P – *Einstein também pensou em tempo e espaço.*

Einstein apenas relativizou o tempo, demonstrou que é relativo e uma dimensão que caminha junto com as outras. Portanto, tempo e espaço são um bloco só. O que digo é: a movimentação do Haver produz como efeito espaço e tempo, os quais não têm entidade própria. Espaço e tempo são decorrências da plerocinese, do movimento do Haver. Tanto é que deve existir algum momento em que não há espaço ou tempo, pois não há movimento do Haver. Se não, como poderíamos imaginar que haja Big Bang. Saiu de onde? Sentimos a temporalidade por movimento das formações do Haver. Se não, não a sentimos. Se o sol parar durante dez anos, sentiremos que é sempre o mesmo dia.

• P – *Você pensa o Universo como uma banda de Moebius?*

Penso o Haver como um Plano Projetivo.

ANEXOS

MARAVALHAS 2

As Maravalhas que já foram publicadas anos atrás serão consideradas como Primeira Série: Maravalhas 1. A série que se inicia agora vai ser chamada *Maravalhas 2*. Cada Maravalha que for enviada, levará então o título: Maravalhas 2.1, 2.2, 2.3... e assim por diante. Deste modo, posso intervir retroativamente acrescentando o texto, ou explicando melhor, ou fazendo correções, etc. O que se fará acrescentando o título. P. ex.: Maravalhas 2.1.2 ou 2.1.3, etc.

Quem colecionar as Maravalhas poderá arquivá-las na ordem correta. Bem como poderá colocar, por email, perguntas ou questões que serão respondidas, se for o caso, por acrescentamento meu a essas Maravalhas. Espero que tenha ficado claro e fácil, pois esta maneira de comunicar me permite manter o texto *in progress*.

[Maravalhas 1:

“O Boletim do Colégio Freudiano do RJ, nomeado *Maisum*, publicará, sempre que disponíveis, as *Maravalhas* que eu assino. Como se fossem bilhetes esparsos para compadres e filhos.

Maravalhas são lascas de madeira (*materia*) – tão frequentes na oficina do Mestre Carpina – que vieram a significar, por metafóricas, os fragmentos de um fazer.

De que Pau somos feitos? As minhas maravalhas são lascas do meu Pau – quer dizer são gravetos do meu Pai.

É pegar ou largar. Que sejam de proveito de quem quiser, ou desquiser”.

In: *O Sexo dos Anjos* (Seminário 1986/87), p. 217]

2.1 Cada vez mais me impressiona a intuição de Nicolau de Cusa ao falar de **COINCIDENTIA OPPOSITORUM**. Não que ela exista mesmo conforme sua colocação – que no entanto merece consideração e respeito. Não é que os ditos opostos venham a coincidir em algum lugar – digamos no Inconsciente, mas sim que eles derivam, no Consciente, de *algo único* que neles, opostos, se exprimem desse modo opositivo.

Entendamos, se não diretamente, pelo menos por metáfora: podemos nadar, por exemplo, a favor ou contra uma corrente, isto é, a jusante ou a montante do fluxo de um rio, mas O RIO, ele, essa corrente, ela é só uma, só uma, só uma. Metáfora boa também para a deriva (*drive*, *Trieb*, pulsão) da energia constante (*konstante Kraft*) chamada Libido. As moções do ICS vão sempre junto com essa única correnteza, enquanto nossa natação pode seguir num sentido ou no seu oposto. Nossa Fala, numa Língua, não tem como não se apresentar em sua bifididade já realizada, mas o Termo Inconsciente é mesmo um Ponto Bífido, unário e unilátero que cinde o corte de sua queda na expressão declarativa.

Do mesmo modo, aquele dito **ANDRÓGINO** desenhado antanho pelo Diálogo do Simpósio de Platão (e depois retomado pelos neoplatônicos) como o acoplamento mais antigo dos opostos dois sexos do Primário (ao sabor mesmo de uma *coincidentia oppositorum*) e tão repetidamente desmascarado pela Psicanálise, apesar de sua interpretação, por Freud, como desejo de igualar o casal parental, e outras compreensíveis bobagens, como o desejo “narcísico” de auto-suficiência. Assim como também já houve quem dissesse, talvez mais perto da realidade que o Andrógino seria mesmo o “estado assintótico da sexualidade”.

É que a invocação do Andrógino, que já expliquei com a ideia algo estapafúrdia de Terceiro Sexo (que na verdade é o Primeiríssimo, o Resistente), de onde decorrem os dois outros supostamente mais conhecidos (o Consistente e o Inconsistente, ou em linguagem mais primitiva, o Masculino e o Feminino

se não mesmo o Macho e a Fêmea) nos é imposta necessariamente pela efetiva inscrição, no Inconsciente, do Sexo também como bífido, ou se quisermos, em *qubit*, e não como os *bits* que se dizem numa língua como no Primário.

Quando entendemos tudo isso, revira-se para melhor o vetor cognitivo de nossa abordagem.

11/FEV

2.2 Mindinho, seu vizinho, pai de todos, fura bolo, mata piolho... cadê o Sujeito que tav'aqui? Gato comeu!

Já foi central (e por demais cogitante), já foi centrado e transcendental, já foi descentrado e buraco, sumido no intervalo, etc. e tal. E agora, quem é que manda, quem faz a crítica das tantas Formações? Ninguém, ninguém, ninguém?

Podíamos pensar numa espécie de Formação, de índole crítica ou coisa que tal, que se encarregasse de supervisão. Mas não: uma dessa só seria gestora de chicanagens no entre Formações, se não empreiteira policial de algum estado hegemonialesco. (Como, por exemplo, o famigerado SuperEgo de Freud).

De fato, não precisamos de nenhuma Formação específica (muito menos sujeitiventia) para promover alguma crítica e/ou correção das outras Formações, embora isto possa ser, eventualmente, sintomaticamente útil. Porque o que promove o deslocamento (e o descolamento) das Formações, e portanto sua crítica também, é mesmo o Originário, chamado Revirão, ao qual temos que aprender a nos referir bem mais constantemente. A ideia de Dialética, tão frequente em tantos filosofemas e ideologemas, é dependente do Originário – e não o contrário, como a ordem de surgimento histórico pode aparentar.

Quem é que duvida? Quem é que suspende? Quem é que suspeita? – efetivamente e sem qualquer conteúdo apenas rivalitário: É o Revirão, bobinhos, isto é, nossa referência possível, querida ou intempestiva, a nosso Originário.

Se quisermos abaianar a consideração, pode ser, o dito oito interior da contrabanda, em fala iorubá de candomblé, o Oxê de Xangô, machado que escande em Dias a magnitude do ICS não-opositor (trocadilho mais infame). E sempre fazendo justiça, pois não há mais o que fazer.

11/FEV

2.3 Sinal dos Tempos: Prima Vera Mundi. É claro que disto ainda não se falou antes de agora. A aparente inauguração foi na chamada *Primavera Árabe*. Mas o que é que acontece? Pois síndrome nenhuma de vontade democrática, e sim moções de introdução do Quarto Império.

Nada a ver com Democracia (que vem sempre como farsa de oligarquia ou plutocracia, ou mais o quê de denegatório) a pulverização das Formações, até mesmo para além das arroladas Pessoas. As Nets, Internets ou quaisquer outras que acaso se deixem continuar a operar sem maiores mutilações, são exercícios, embora incipientes, de Diferocracia – ainda muito longe de instalação definitiva, se é que mesmo vai se dar o caso.

É por isso que estranham, jornalistas, sociólogos, cientistas políticos, ou quejandos, a evidência do fato do ajuntamento populoso em comoção sem discurso discernível de referência, seja ideológico, religioso, tribal, ou qualquer outro. Os movimentos são imantados *ad hoc*, por alguma razão sintomática comum que extrapola os polos conhecidos, em favor de uma exigência, nunca bem definida, de *reconhecimento* de uma Causa.

Qual a Causa? Eles não sabem. Mas podemos, nós outros, Psicanalistas Novos, apontá-la, precisa e claramente, na repentina emergência, Real, da Vinculação Absoluta, quando somos, de algum modo, empurrados, mais ou menos prementemente, para o Cais Absoluto – saibamos ou não nós disso que acaso nos esteja acontecendo.

Faz-nos muito sentido, na emergência e na possível instalação de um Quarto Império, a *prima vera mundi* (primavera do mundo) que começa a esboçar-se claramente, não só nos chiliques políticos, como nos econômicos, nos morais e – sobretudo – nos Pessoais, que ora se apetece.

Faz-nos pleno sentido a epidemia, dita de ‘liberdade’, que se alastra felizmente pelo atual Novíssimo Mundo em trabalho de parto – e sem maiêutica adequada.

20/FEV

2.4 Dentre os expedientes da Cura (técnicas, estratégias, táticas, etc.), é relevante a *Análise da Transferência*, como desde Freud já se sabe: da Positiva, da Negativa, e também da Contra – na atenção do suposto Curador que deve,

ele próprio, se manter em suspeição e no exercício perene de sua própria análise (de preferência, Efetiva).

Bem sabemos que, na contabilidade em resistência, do Curando, o ônus vai geralmente para a conta do Curador – mas ninguém com cacife suficiente para ocupar este lugar vai dar nenhuma bola para tamanho erro pretensioso.

Contudo, melhor não esquecer que, facilmente, o Curando confunde Análise da Transferência com algum tipo bastardo de Discussão da Relação (a famosa DR de entre namorados). O que exige que ele, Curando, com alguma frequência, seja lembrado, pelo Curador, de algum modo, tácito ou explícito, de que: 1) ele está em análise a *seu* pedido (do Curando), posto que a oferta, pelo Curador, acolhe mas não determina a demanda; 2) ele (Curando) está pagando por isso, o que ratifica reiteradamente *sua* demanda; 3) sua análise (do Curando) não é obrigatória, é desejada, podendo ser interrompida se isto se mostrar preciso.

E pouco importa quais sejam as transas extra-cura que acaso haja entre Curador e Curando (donde a análise até possível da Aninha pelo próprio Freud e certas transas de Lacan). O que importa é que tudo seja rigorosamente submetido à Cura da Transferência – sempre que isto seja de algum modo viável. Isto dito porque, por tantas vezes, para que não seja intempestivamente rompida uma transa analítica, o Curador pode recuar taticamente. E, também, sejamos condignamente pessimistas: há resistências efetivamente inelutáveis.

Qualquer barreira que se ponha entre Curador e Curando (Cr/Cn), se efetivamente não for apenas um movimento estratégico ou tático, não constitui senão, e sintomaticamente, recurso defensivo por parte do Curador (seja isto um divã ou uma regra de afastamento). Aí, a regra de fato curativa é – apenasmente – Análise da Transferência, Cura da Transferência, a não se confundir com arrogância de Curando querendo convencer de sua “autonomia” supostamente já alcançada. Pois não se trata bem de produção de autonomia, mas *produção de Solidão Compartilhada* (com toda a força do que parece, só parece, um oximoro), isto é, a *Solitariedade* finalmente conquistada.

Solitariedade ou Solidão Compartilhada é puro reconhecimento de *Vínculo Absoluto*, sem mais nenhuma *obrigação* de quaisquer vinculações que de mundana cepa, agora então já indiferenciadas, embora tantas delas possam

ser lucidamente sustentadas, no interesse da vida (se a vida ainda interessar, em todo caso...).

20/FEV

2.5 Assim como os unicórnios e os sacis, é óbvio que **Deus existe** – que deuses existem. É certamente por falta de dispositivo conceitual adequado que temos sustentado a ambiguidade do hábito de confundir os níveis de existência no seio do Haver.

O que quer que haja no Secundário tem sua havência típica. Mas sua existência, sua locação no Ser, sua estada no Mundo, embora necessariamente material, não é propriamente da ordem do Primário ou das formações concretas do Haver. E é aí que a confusão se estabelece e permanece: quando criamos, secundariamente, um qualquer ser para o Mundo, o qual, por necessariamente haver, confusos transferimos, também secundariamente, sua expectativa de existência para o registro do Primário.

A não ser que sejamos Espinosa, ou qualquer outro parecido, cuja equação consigne Deus = Natura, e portanto da ordem do concreto, estaremos fadados à equivocação desse engano que nos acossa pela história.

É claro que uma existência Secundária pode alcançar poder suficiente para exercer uma forte influência ou mesmo um acabado domínio sobre nossa própria existência. E então teremos, com evidência, ocasião de verificar seus benefícios, ou seus estragos, através de nossa enlouquecida caminhada.

Como acontece com os Mitos, que facilmente encontram encarnação nas histórias etnográficas, são muitas as *construções*, por nós fabuladas, que elevamos, sempre confusos, à categoria de realidades dadas. E o reconhecimento disto nos leva a dever reconsiderar o estatuto das “construções em psicanálise”, promovidas por Freud, da “eficácia simbólica” na antropologia de Lévi-Strauss, da “instância da letra no inconsciente” de Lacan... ou mesmo, geralmente, dos quaisquer produtos *teóricos* das especulações humanas.

26/FEV

E-MAILS

1. A gente pode ler em Scientific American (Special Collector's Edition): *A Matter of Time* (Volume 21, No. 1, Spring 2012), p. 79s., o artigo *The Myth of the Beginning of Time*, compatível com o nosso PLEROMA.

21/JAN

2. **É de interesse, sobretudo para os que exercem a clínica, a leitura de pelo menos partes do livro de fácil entendimento de Norman DOIDGE: *O Cérebro que se Transforma* (RJ, Record, 2011), onde poderão encontrar várias afirmações do que tenho dito sobre neurociências e Psicanálise. Não há que temer o que, de fato, só vem confirmar a eficácia da visão e da prática de Freud.**

03/FEV

3. A quem possa interessar, esclarece um pouco a leitura do Capítulo 11: *Gnose, Existencialismo e Niilismo*, do livro de Hans JONAS: *O Princípio Vida: Fundamentos para uma Biologia Filosófica* (que, vou logo avisando a eventuais incautos, não é a mesma coisa que NovaMente, mas) que mostra a repetição da Postura Gnóstica tanto em Nietzsche quanto no Existencialismo. ***Repetição não é a mesma coisa que influência ou tradição.*** Significa que a mesma *Postura ressurge* aqui e ali e podendo ser considerada *daqui para trás*, em vetor contrário ao da relação de influência ou de tradição que critiquei numa parte do suposto texto sobre a Gnômica apresentado na UD. Mas há uma diferença radical entre as ditas Gnosés e a NovaMente: é que, nesta, o *não-mundano* nem por isso é exterior à Natureza (aliás = Artífício), mas há clara distinção entre, digamos, Natureza Naturante e Natureza Naturada (por força do Revirão e dos Recalques).

16/MAR

4. **Gosto do Michel Serres. Certa vez cheguei a lhe enviar uma carta e obter ótima resposta. Leiam com atenção o que ele diz nesta entrevista**

(*Petite Poucette, la génération mutante* – Michel Serres réclame l’indulgence pour les jeunes, obligés de tout réinventer dans une société bouleversée par les nouvelles Technologies [Libération, 03 set 2011]) – **e verão que nela se reitera o que tenho dito e repetido.**

02/ABR

5. Fico quase contente ao saber que o século chegou até mim. Não necessariamente nos lugares esperados, mas contudo senão entretanto no entanto. Leiam com atenção e aproveitem (Leyla Perrone-Moisés: *A literatura exigente: Os livros que não dão moleza ao leitor*. Folha de São Paulo, 25 mar 2012) – quem sabe para o tal mutirão sobre *quem é eu*, finalmente.

05/ABR

6. Sábado passado conversávamos sobre a idiotice do *politicamente correto*. Agora vocês já podem ler o *Guia Politicamente Incorreto da Filosofia*, de Luiz Felipe Pondé, publicado recentemente pela Leya Editora. Entendam e divirtam-se.

13/ABR

7. **O próximo Mutirão** (*Quem é Eu?*) foi sugerido com este tema e título como talvez preparação para o conteúdo da palestra que provavelmente darei no POP em Julho. Para a abordagem do tema e melhor compreensão da questão em jogo, é melhor prestar atenção às diferenças que surgem de nosso tratamento do conceito de Linguagem. Acabo de ler, pela primeira vez, um *artigo de juventude* de Benjamin (e por isso mal situado para seus leitores especializados) onde posso encontrar graves afinidades com o que chamo de Linguagem. Trata-se do artigo, de 1916, *Sobre a Linguagem em Geral e Sobre a Linguagem do Homem*, que se encontra traduzido em *Escritos Sobre Mito e Linguagem* (São Paulo: Editoras Duas Cidades e 34, 2011, p. 49-73). Talvez vocês estranhem o teor do artigo, assim como os benjaminianos também o fazem – mas eu encontro ali muita correspondência, uma vez que certos termos sejam devidamente *traduzidos* em novamentês (veremos também o que o mesmo Benjamin tem a dizer sobre tradução). Vale a pena confrontar.

09/MAI

8. Encareço, para melhor entendimento do que chamo de *Nova Psicanálise*, dada sua grande proximidade conosco, a leitura do novo livro (que acabo de ler) de François JULLIEN: *Entrer dans une Pensée ou des Possibles de l'Esprit*, Paris, Gallimard, 2012, 188p. Também com fortes implicações para o próximo Mutirão do *Quem é eu?*

22/MAI

9. Aposto na hipótese da ascendência de Espinosa proveniente de Portugal. Especificamente do Alentejo na pequena cidade de Vidigueira que fica no meio entre Évora (cidade medieval que conheço) e Beja.

22/MAI

10. Para incrementar o estudo e o debate (por vir) sobre DIFEROCRACIA, recomendo a leitura do (novo) livro (pequeno) de Vladimir SAFATLE: *A Esquerda que não Teme Dizer seu Nome*, São Paulo, Editora Três Estrelas, 2012, 87 p.

01/JUN

11. Em tempo: podem interessar as considerações de LEVINAS em *O “Eu Mesmo” – Quem É?*, em *Novas Interpretações Talmúdicas*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002, p. 81-97, que tem cheiro de Vínculo Absoluto.

06/JUN

12. Alguém poderia talvez informar à badalada Rio+20 que: NOVENTA POR CENTO DA DITA HUMANIDADE VIVE ABAIXO DA LINHA DE POBREZA... MENTAL.

15/JUN

13. Já que vocês certamente (suponho) leram o livro do Safatle que recomendei, ponham agora no outro prato da balança o *Por Que Virei à Direita* de João Pereira Coutinho, Luiz Felipe Pondé e Denis Rosenfield, pela editora Três Estrelas, de São Paulo (2012). Depois a gente conversa em tratando de Diferocracia.

19/JUN

14. Agora também que vocês certamente (suponho) já leram o *Entrer Dans Une Pensée* do Jullien, podem continuar lendo seu *Cinq Concepts Proposés à la Psychanalyse*, da Grasset, Paris, 2012 – onde quem quiser poderá também reconhecer velhas posturas da Nova Psicanálise. O que se deve, em nosso caso, ao jogo de cintura (chamado Revirão) entre os dois alelos sintomáticos, chamados Ocidente e Oriente, que Jullien persegue muito bem, mas sem achar a nossa declarada e assumida terceira posição.

19/JUN

15. Aí está, até o paroxismo (mesmo jurídico), o 2o. Império plenamente assentado: contra o retorno do 1o. (recalcado) e ainda não subvertido pelo 3o. (por mim mesmo supostamente falhado com o assassinato de Júlio César) por vir (depois de Constantino com seu cristianismo estratégico) como o Império do Filho (do Pai) que hoje se desestabiliza pela exasperação (aliás sobretudo tecnologicamente instalada) do Império do Espírito, isto é, da plenitude secundária da Informação como “substância” (ou melhor pura *estância*) do Haver enquanto substituto de Deus, do Homem, ou de “Tudo”. (A propósito do artigo *Catão e seus filhos*, de Yan Thomas, publicado originalmente em *Autrement*, 61, 1984. pp. 80-87, trad.: Felipe Vicari de Carli, revisão: Eduardo Viveiros de Castro).

23/JUN

16. Li e muito reli o Rubáyá ainda na adolescência (15 anos?) e acho que em algum lugar da minha bagunçada biblioteca ainda existe a edição antiga em português (não me lembro editora nem tradutor). Esse poema é o outro alelo do revirão do matemático rigoroso e inventivo. Gostarei de ver a nova edição. (A propósito da tradução de Luiz Antônio de Figueiredo, a sair pela Editora Unesp).

27/JUL

17. Para nós, pouco importa se é *cyborg* ou não. Nós que operamos com o conceito de *Formações do Haver*, lidamos igualmente com formações bio, mecânicas, ou mistas. Também, já abolimos a obrigação dessas oposições há

muito tempo. Informem isto ao autor para ver se ele cresce. (A propósito do livro *Cyborg Philosophique*, de Thierry Hoquet [Paris: Seuil, 2012]).

13/SET

18. Então é isso aí: uma gnosiologia de fé contra o ignorantismo militante (ainda que “poético”), embora bem comportado conforme a moral das mariquinhas. (A propósito de “*Claro Enigma*”, de Carlos Drummond de Andrade).

20/SET

19. Talvez se interessem em ler o livro de Gérard Haddad *O Pecado Original da Psicanálise: Lacan e a Questão Judaica* [2007] (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012), que pode melhorar o entendimento do meu movimento de abandono do Judaísmo (e da Neurose) de Freud como do Cristianismo (e da Psicose) de Lacan (mas sem cair no Islamismo às avessas do profeta Derrida). Tudo isto no esforço de retirar a Psicanálise do 2º. e do 3º. Impérios, mediante a tentativa de instalá-la de vez no 4º. Império ora emergente para nós. Menos Paranoia e mais Metanoia, apostando em Gnose (mas sem Gnosticismo).

25/SET

20. Esse livro é quase pura mitologia. Conforme já disse muitos anos atrás, ***Botem um Tatu***. (A propósito do lançamento de nova edição de *Totem e Tabu*, de Freud).

15/OUT

21. “Desparticipo: conto só, melhor, descrevo. Vá de crer quem quiser: me desobrigo. Eu mesmo, acho que nem. Olhe e veja, se achar, que até prefiro. Não sou de armar o circo pra ninguém. Só mostro – e faço que é mentira, não sou de acreditar. Vá que não fosse exato assim que eu mesmo visse? Vá que eu sonhando? De verdade, nem sono me faltando. Vá que? Só digo” (Trecho de *Aboque/Abaque* (Rio de Janeiro: Editora Rio, 1974), seção intitulada “R/D/M/ND”, p. 150). Como se vê, a posição é antiga. (PS: o cheiro de Guimarães Rosa é proposital naquele livro de estilaços e estilhaços).

19/NOV

22. A organização do próximo Mutirão (“Teoria das Formações”), conforme decidido entre pares, determina os grupos de trabalho mediante SORTEIO. Faz parte da formação em psicanálise, no regime do Colégio Freudiano na UniverCidadeDeDeus, saber *acolher* o acontecimento e a determinação da parceria dele decorrente – no sentido da experiência crucial do exercício de lidar com a diferença (ainda que radical).

25/NOV

23. Para quem tem o Fado da Melancolia, a única saída é o Luto Permanente. É o caso desta espécie: Homo-Zapiens.

12/DEZ

24. Se quiserem diversão – para mais do que o preparo do Mutirão, ou mesmo para ele – recomendo tomar noção da ideia das LISTAS (importantes para o rol das Formações), no interesse da abordagem da Gnômica. Procurem então: Umberto ECO, *A Vertigem das Listas*, Rio de Janeiro, Record, 2010; e no Google os verbetes: Patrick GUNKEL e IDEONOMIA (não é preciso ficar embasbacado com a talvez *síndrome de asperger*).

15/DEZ

25. Então (conforme o ‘discurso do Outro’, como diria Lacan), anunciado pelos mais diversos e dispersos atos proféticos (acreditemos ou não), terminou *ontem* (21/12/12) o prazo do 3º. Império e tem *hoje* (22) começo (outra vez sob o signo do Capricórnio e na aproximação do bifrontismo de Jano) a incipiente emergência do 4º. Império que preconizei. Uma catástrofe (pelo menos no sentido do René Thom), ou melhor, um grande Revirão. Delírio ou não, a ficção (mundialmente) já colou. Aguardo curioso o desenrolar da Nova Formação.

22/DEZ

26. Esta é uma tendência bem forte do 4o. Império – que me esforço por praticar, apesar dos malentendidos e dos fracassos. Mas não se trata de nenhuma “sociedade centrada no indivíduo”, tampouco de “crescimento do individualismo”, assim como “pai ausente”, neste império, é uma besteira. Trata-se

da *diáspora da pessoa* (se é que podemos dar este inusitado sentido a termo tão usado), da qual o Pessoa propriamente dito deu prévia noção com suas múltiplas identidades. (A propósito do artigo “Relatório global prevê era do ‘pós-familismo’”, de Juliana Vines, Folha de São Paulo, 25 dez 2012).

27/DEZ

DesAforismos

Então enceto agora a publicar dispersos *DesAforismos*, assim deste modo, emailmente, mesmo no risco de falência total. Aforismos são máximas, ditados, definições, sentenças lançadas com índole protréptica (e nem por isso com menos propósito de saber) para ver se cola alguma transmissão. DesAforismos são a mesma coisa, mas quando relembra o emissor que há grande chance da maior des-graça na recepção. Então tá bão: esporadicamente, lá vão.

- Para quem tem o Fado da Melancolia, a única saída é o Luto Permanente. É o caso desta espécie: Homo Zapiens.
- EU é o nome genérico das Pessoas quando falam no Real que as Causa (tanto como sua causalidade quanto como sua pugna).
- Só-depois de Pascal: a Razão tem Corações que o próprio coração reconhece.
- Profecia: investimento de pensamento desejante (*wishful thinking* como se diz em britânico) com vistas a seu rendimento como influência, nos desejos futuros de alguns humanos, para seu eventual faturamento pela realidade.
- Muitos Universos = 1 diverso, isto é, *o Undiverso* (e sem necessidade de nenhum multiverso ou poliverso).
- O Haver nunca fala: só faz silêncio (estrondoso silêncio que causa toda fala). À sua revelia, quem fala e fala e fala é o tal do Ser: o tolo tagarela.
- Não há como discordar do chamado Jesuscristo quando (dizem que) disse: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”. De direito e de fato: O Caminho sou Eu; a Verdade sou Eu; e a Vida sou Eu. Quem mais é que seria?

- Nos meus textos (também nas minhas falas) assim como nos da Hilda, nos do Joyce, nos do Pessoa, nos do Bocage, etc. etc., um ‘palavrão’ deve ser lido como um poema (quando não for um matema, ou mesmo quando...).
- Em matéria de sexo, o único órgão democrático é o cu (a boca fala demais, não é o caso).
- Cuidado com essa gente acadêmica, a intelectual-burocracia, que acha que é pensante só porque é pedante (é um outro caso de pedofilia).
- Pelo menos, os noventa por cento da chamada Humanidade, coitadinhos, vivem abaixo da linha de pobreza... mental (maior que a outrazinha).
- Atenção! A racionalidade nem sempre tem razão.
- Lacan: “A verdade tem a estrutura da ficção”. O conhecimento (o saber), também.
- Como sim. Como não?
- Com saudades? Ouça Fados (ou safados), pois o fado é foda. Como nos contos de fadas, como nos cantos de fadas. Lusofonamente.
- Psicanálise: nem normalização, nem esculhambação. Nem tão quente nem tão fria: *a norma morna*. In equívoca mente.
- Buffon: “O estilo é o homem”. Lacan: “O estilo é o objeto”. Quero dizer: O estilo é a pena (como foi desde o começo).
- Para meio entendedor nenhuma palavra basta.
- O ICS é estruturado como o Mercado.
- L’épistémologie est la théorie de la méconnaissance.

15/DEZ

SOBRE O AUTOR

MD Magno (Prof. Dr. Magno Machado Dias):

Nascido em Campos dos Goitacazes, Rio de Janeiro, Brasil, em 1938.

Psicanalista.

Bacharel e Licenciado em Arte. Bacharel e Licenciado em Psicologia.

Psicólogo Clínico.

Mestre em Comunicação; Doutor em Letras; Pós-Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (RJ, Brasil).

Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal de Santa Maria (RS, Brasil).

Professor Aposentado da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Ex-Professor Associado do Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris VIII (Vincennes), quando era dirigido por Jacques Lacan.

Fundador do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro (instituição psicanalítica). Fundador da UniverCidadeDeDeus (instituição cultural sob a égide da psicanálise). Criador e Orientador de NovaMente, Centro de Estudos e Pesquisas, Clínica e Editora para o desenvolvimento e a divulgação da Nova Psicanálise.

Atualmente, além de sua atividade como Psicanalista, continua o desenvolvimento de sua produção teórico-clínica (*work in progress*) em SóPapos e Oficinas Clínicas, realizados na sede da UniverCidadeDeDeus ou on-line e publicados regularmente.

ENSINO DE MD MAGNO

MD Magno vem desenvolvendo ininterruptamente seu Ensino de psicanálise desde 1976, ano seguinte à fundação oficial do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro.

1. 1976: Senso Contra Censo: da Obra de Arte
Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978. 216 p.

2. 1976/77: Marchando ao Céu
Seminário sobre Marcel Duchamp. Proferido na Escola de Artes Visuais do Rio de Janeiro (Parque Laje). Inédito.

3. 1977/78: Rosa Rosae: Leitura das Primeiras Estórias de João Guimarães Rosa
Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1985. 3ª ed., 220 p.

4. 1978: Ad Sorores Quatuor: Os Quatro Discursos de Lacan
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2007. 276 p.

5. 1979: O Pato Lógico
Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1986. 2ª ed., 252 p.

6. 1980: Acesso à Lida de Fi-Menina
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 316 p.

7. 1981: Psicanálise & Polética
Quatro sessões, sobre Las Meninas, de Velázquez, reunidas em Corte Real, 1982, esgotado. Texto integral publicado por Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1986. 498 p.

8. 1982: A Música
Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1986. 2ª ed., 329 p.
9. 1983: Ordem e Progresso / Por Dom e Regresso
Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1987. 2ª ed., 264 p.
10. 1984: Escólios
Parcialmente publicado em Revirão: Revista da Prática Freudiana, nº 1. Rio de Janeiro: Aoutra editora, jul. 1985.
11. 1985: Grande Ser Tão Veredas
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2006. 292 p.
12. 1986: Ha-Ley: Cometa Poema // Pleroma: Tratado dos Anjos
Publicados em: O Sexo dos Anjos: A Sexualidade Humana em Psicanálise.
Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1988. 249 p.
13. 1987: “Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise”, Ainda // Juízo Final
Publicados em: O Sexo dos Anjos: A Sexualidade Humana em Psicanálise.
Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1988. 249 p.
14. 1988: De Mysterio Magno: A Nova Psicanálise
Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1990. 208 p.
15. 1989: Est’Ética da Psicanálise: Introdução
Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992. 238 p.
16. 1990: Arte&Fato: A Nova Psicanálise, da Arte Total à Clínica Geral
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2018. 2ª ed. rev., 628 p.
17. 1991: Est’Ética da Psicanálise - Parte II
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2018. 2ª ed., 622 p.
18. 1992: Pedagogia Freudiana
Rio de Janeiro: Imago Editora, 1993. 172 p.

19. 1993: A Natureza do Vínculo
Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994. 274 p.
20. 1994: Velut Luna: A Clínica Geral da Nova Psicanálise
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 2ª ed., 310 p.
21. 1995: Arte e Psicanálise: Estética e Clínica Geral
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 2ª ed., 264 p.
22. 1996: “Psychopathia Sexualis”
Santa Maria: Editora UFSM, 2000. 453 p.
23. 1997: Comunicação e Cultura na Era Global
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2005. 408 p.
24. 1998: Introdução à Transformática: Por uma Teoria Psicanalítica da Comunicação
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2004. 156 p.
25. 1999: A Psicanálise, Novamente: Um Pensamento para o Século II da Era Freudiana: Conferências Introdutórias à Nova Psicanálise
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 2ª ed., 224 p.
26. 2000: “Arte da Fuga”
Publicado em: Revirão 2000/2001. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2003. 656 p.
27. 2001: Clínica da Razão Prática: Psicanálise, Política, Ética, Direito
Publicado em: Revirão 2000/2001. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2003. 656 p.
28. 2002: Psicanálise: Arreligião
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2005. 248 p.
29. 2003: Ars Gaudendi: A Arte do Gozo
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2006. 340 p.

30. 2004: Economia Fundamental: MetaMorfozes da Pulsão
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2010. 260 p.
31. 2005: Clavis Universalis: Da cura em Psicanálise ou Revisão da Clínica
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2007. 224 p.
32. 2006: AmaZonas: A Psicanálise de A a Z
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 198 p.
33. 2007: A Rebelião dos Anjos: Eleutéria e Exousia
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2009. 210 p.
34. 2008: AdRem: Gnômica ou MetaPsicologia do Conhecimento
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2014. 158 p.
35. 2009: Clownagens
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2012. 210 p.
36. 2010: Falatório [a sair]
37. SóPapos 2011
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2016. 218 p.
38. SóPapos 2018
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2021. 192 p.
39. SóPapos 2013
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2016. 218 p.
40. Razão de um Percurso
(Conferências Simplórias 2013, para divulgação da Nova
Psicanálise, realizadas na Universidade Candido Mendes)
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2015.
41. SóPapos 2014
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2019. 284 p.

42. SóPapos 2015
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2016. 176 p.
43. SóPapos 2016
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2018. 188 p.
44. SóPapos 2017 [a sair]
45. SóPapos 2018
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2020. 216 p.
46. SóPapos 2019
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2021. 306 p.
47. SóPapos 2020 [a sair]
48. SóPapos 2021 [em curso]

OBRA LITERÁRIA

1. *Oferta do Meu Mistério*

Livro composto e reproduzido pelo autor (mimeografado). Rio de Janeiro, 1966.

2. *Aboque/Abaque: Crestomatia*

Rio de Janeiro: Editora Rio, 1974. 200 p.

3. *Sebastião do Rio de Janeiro*

Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro / Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, 1978. 142 p.

4. *CantoProLixo*

Aoutra editora / Matias Marcier, 1985. 90 p.

5. *Kaluda* (O Nando e Eu)

Letras, Revista do Mestrado em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS), edição especial, jan/jul 1995, p. 254-285. Republicado em: PUCHEU, Alberto (org.). *Poesia (e) Filosofia: por poetas-filósofos em atuação no Brasil*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998. p. 29-50. Terceira publicação: *Et Cetera: Revista de Literatura e Arte*, n. 3, março 2004, p. 170-177. Curitiba: Travessa dos Editores. ISSN 1679-2734.

6. *S'Obras* (1982-1999)

Coletânea de poemas. Curitiba: Travessa dos Editores, 2002. Editada por Fábio Campana, com coordenação gráfica e editorial de Jussara Salazar.

7. *Literadura*

Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2018. 564 p.

